

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural

Área de especialização | Património Artístico e História da Arte

Relatório de Estágio

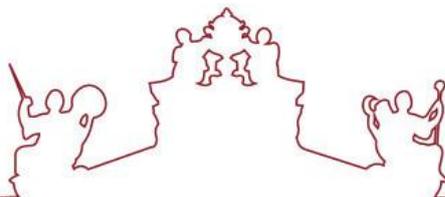
**MUSEU MUNICIPAL DE ESTREMOZ PROF. JOAQUIM
VERMELHO:
VALORIZAÇÃO DO NÚCLEO MUSEOLÓGICO DA ALFAIA
AGRÍCOLA**

Emanuel Filipe Pucarinho Ramalho

Orientador | João Brigola

Évora 2021





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural

Área de especialização | Património Artístico e História da Arte

Relatório de Estágio

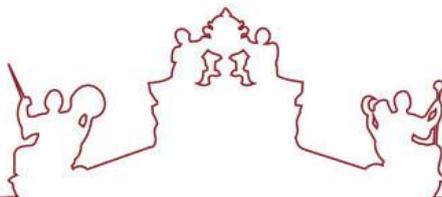
**MUSEU MUNICIPAL DE ESTREMOZ PROF. JOAQUIM
VERMELHO:
VALORIZAÇÃO DO NÚCLEO MUSEOLÓGICO DA ALFAIA
AGRÍCOLA**

Emanuel Filipe Pucarinho Ramalho

Orientador | João Brigola

Évora 2021





O relatório de estágio foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Antónia Fialho Conde (Universidade de Évora)

Vogais | João Brigola (Universidade de Évora) (Orientador)

Paulo Ferreira da Costa () (Arguente)

Évora 2021



À avó Florbela e ao avô João.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este estágio, importa destacar e dirigir uma palavra de apreço a todos os que contribuíram para a sua concretização.

A todos os docentes das diversas disciplinas pelos conhecimentos transmitidos ao longo do curso.

Ao meu orientador, Prof. Doutor João Brigola, pela preciosa orientação ao longo da realização do trabalho e pelo incentivo à sua concretização, bem como, pelos conselhos e sugestões, pela revisão do trabalho e pela tradução para a língua inglesa do resumo deste relatório.

Ao Presidente da Câmara Municipal de Estremoz, Dr. João Ramos e à Vereadora com o Pelouro da Cultura, Doutora Márcia Oliveira, a oportunidade concedida para realização do estágio no Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho.

À colega do Gabinete de Apoio Jurídico, Dr.^a Anabela Madeira a ajuda no esclarecimento de questões legais relacionadas com o estágio.

Ao Dr. Daniel Meira, colaborador no Museu Nacional de Etnologia, o acompanhamento feito durante a visita às “Galerias da Vida Rural” e “Galerias da Amazónia”, bem como, as informações transmitidas e sugestões feitas.

Ao Dr. Hugo Guerreiro, responsável pelo Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho, o acompanhamento na instituição, cedência de documentação, abertura total na concretização das ideias e atividades planeadas, bem como pelo incentivo à realização do trabalho sobre a empresa “J. T. Pirra”.

Ao meu amigo António Serrano, Mestre Arq. Paisagista e Chefe de Gabinete da Câmara Municipal de Estremoz, pela amizade, pelos conselhos e incentivo ao ingresso no curso, bem como, pela revisão feita aos textos constantes do livro de sala e pela ajuda na revisão dos textos deste relatório.

À minha amiga Dr.^a Marisa Serrano, Licenciada em Turismo e responsável pelo Posto de Turismo de Estremoz, pela amizade, pelos conselhos, ajuda na escolha de peças, idealização e montagem da exposição.

Ao meu amigo Dr. Jorge Mourinha, Designer de Comunicação e Secretário do Gabinete de Apoio à Vereação, pela amizade, ajuda na idealização, montagem, sugestões e criação gráfica relacionada com a exposição.

À Dr.^a Helena Mourinha, responsável pela Biblioteca Municipal de Estremoz, a ajuda na escolha do material fotográfico utilizado na exposição e ajuda na identificação de pessoas que se encontram nas fotografias.

À minha colega e amiga Dr.^a Dora Amaro, Animadora Sociocultural da Biblioteca Municipal de Estremoz, o contato estabelecido junto dos Lares de Idosos, Centros de Dia, Biblioteca do Agrupamento de Escolas de Estremoz e Biblioteca da Escola Secundária Rainha Santa Isabel para partilha do vídeo sobre a exposição.

Aos meus colegas da Biblioteca Municipal de Estremoz que asseguraram o serviço da biblioteca na minha ausência para assistir às aulas (estatuto de trabalhador-estudante) e durante a realização do estágio no Museu Municipal.

Às colegas do Arquivo Municipal de Estremoz, Dr.^a Paula Gonçalves, responsável pelo Arquivo Municipal de Estremoz, à Dr.^a Sílvia Arvana e à Dr.^a Joaquina Babau pela ajuda na recolha de informações históricas e material de arquivo relacionado com o Museu Municipal de Estremoz (e seus Núcleos Museológicos) e material relacionado com a empresa “J. T. Pirra”.

Aos atuais proprietários da Empresa “Pirra – Máquinas Ferramentas, Lda.”, ao Senhor Eng.^o Marco Santos e ao Senhor Eng.^o Domingos Reynolds Sousa a abertura demonstrada, permitindo o acesso ao arquivo da empresa. Agradeço ainda ao Senhor Jorge Clérigo, que exerce funções como desenhador na empresa, o material de arquivo partilhado e partilha de outras informações relevantes que possibilitaram a realização do estudo de caso sobre a empresa “J. T. Pirra”.

A todos os meus colegas do Museu, que sempre se mostraram disponíveis para tirar qualquer dúvida, pela disponibilidade e ajuda durante a realização do estágio, destacando o colega Manuel Broa, exercendo funções como Assistente Técnico no MME - PJV, ajudando na seleção das peças pertencentes ao NMAA.

À colega Dr.^a Isabel d'Água, responsável pelo Setor Educativo do MME - PJV, as informações transmitidas, material fotográfico disponibilizado e a requisição feita junto da Senhora Vereadora da Cultura, para transporte das peças.

À Dr.^a Ana Fonseca, a exercer funções como Técnica Superior na área da Conservação e Restauro no MME - PJV, as informações transmitidas relativo ao estudo sobre os “Bonecos de Estremoz” da Coleção Júlio Reis Pereira e as informações transmitidas relativas à função que desempenha no MME - PJV.

À Dr.^a Rita Laranjo, a exercer funções como Técnica Superior na área da Arqueologia no MME - PJV, o material fotográfico concedido, informações transmitidas

relativas à função que desempenha no MME - PJV e as explicações feitas sobre a atividade educativa da sua responsabilidade.

Aos colegas do Parque de Máquinas da Câmara Municipal de Estremoz pela ajuda no transporte das peças e material necessário à montagem da exposição.

Aos colegas do Posto de Turismo de Estremoz, destacando o colega Diogo Marino pelo auxílio e ajuda durante o período de montagem da exposição.

Ao colega Pedro Ramalho, Assistente Técnico na Câmara Municipal de Estremoz, a executar trabalhos de composição e produção gráfica, a impressão de cartazes, livro de sala e legendas relacionados com a exposição.

Aos colegas do Gabinete de Comunicação, Eventos e Desenvolvimento Turístico da Câmara Municipal de Estremoz, Dr. Luís Mendeiros, Designer de Comunicação e à Dr.ª Maria Miguéns, a realizar trabalho como Assessora de Imprensa na Câmara Municipal de Estremoz o apoio na divulgação, registo fotográfico e produção audiovisual sobre a exposição.

Aos colegas do Gabinete de Tecnologias da Informação da Câmara Municipal de Estremoz, mais concretamente ao colega João Dias, Técnico de Informática na Câmara Municipal de Estremoz, a criação do “QR CODE” e criação do sítio na página de internet para alojamento do livro de sala.

Aos colegas do Setor de Expediente Geral da Câmara Municipal de Estremoz, mais especificamente ao colega Carlos Galarito a ajuda na distribuição de material publicitário sobre a exposição.

Ao “Jornal Brados do Alentejo”, destacando a colaboração de Hugo Francisco na produção da notícia para divulgação da exposição.

Ao portal de informação “Ardina do Alentejo”, gerido pelo colega Pedro Soeiro, a realização da notícia para divulgação da exposição.

Ao meu amigo Hugo Carriço a gravação e reprodução da música de fundo que acompanha o vídeo sobre a exposição.

Aos Serviços de Ação Social dos Trabalhadores da CME, a bolsa de estudo atribuída durante a realização do curso que em muito contribuiu em termos financeiros para a sua conclusão.

A todos os que de uma forma ou de outra me ajudaram neste caminho, aos meus pais, irmãos, sobrinhos, tios e primos, aos meus amigos e familiares mais próximos.

Finalmente e porque os últimos serão sempre os primeiros, às duas pessoas mais especiais, pela criação, carinho, educação e exemplo, que me ajudaram a ser a pessoa que sou hoje e permitiram alcançar todos os meus objetivos de vida, à avó Florbela e ao avô João.

Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho: valorização do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola

RESUMO

A realização do estágio no Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho visou adquirir competências práticas de trabalho na área da museologia e verificar o cumprimento das funções museológicas de acordo com a lei. Além disso, pretendemos com a realização do estágio dar a conhecer a instituição e seus núcleos museológicos, nomeadamente as suas valências e acervo. Valorizámos o acervo do Museu Municipal no seu todo e, mais especificamente, o acervo do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola, fazendo propostas e desenvolvendo atividades concretas que possibilitaram essa valorização. Para atingir os objetivos planeámos e montámos uma exposição num local físico e apelativo diferente do local onde se situam os museus. A nossa finalidade: “levar” os museus ao encontro do público, utilizando elementos (objetos) que possibilitassem a sua interpretação. Tentámos ao mesmo tempo despertar no público um maior interesse pela visita aos museus locais e consciencializar a comunidade para a importância da proteção do seu património.

Palavras-chave

Estremoz; Museu Municipal; Museologia; Alfaia Agrícola; Valorização patrimonial.

Prof. Joaquim Vermelho
Municipal Museum of Estremoz: Enhancement Proposal for the Agricultural
Instruments Collection.

ABSTRACT

The internship at the Estremoz Municipal Museum Joaquim Vermelho aimed to acquire practical work skills in the area of museology and to verify compliance with museological functions according to the law. In addition, with the internship we intend to make the institution and its museological units known, namely its valences and collection. We valued the collection of the Municipal Museum as a whole and, more specifically, the collection of the Museological Center of Alfaia Agrícola, making proposals and developing concrete activities that made this valorization possible. To achieve the objectives, we planned and set up an exhibition in a physical and appealing place different from the place where museums are located. Our purpose: to "bring" museums to the public, using elements (objects) that allow their interpretation. At the same time, we tried to arouse a greater interest in the public in visiting local museums and raise the community's awareness of the importance of protecting their heritage.

Key Words

Estremoz; Municipal Museum; Museology; Agricultural Instruments Collection; Heritage Promotion.

ÍNDICE

ÍNDICE.....	I
ÍNDICE DE FIGURAS	V
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XII
INTRODUÇÃO.....	1
I. ENQUADRAMENTO TERRITORIAL.....	4
1.1 - Caracterização Geral	4
1.2 - Atividade Económica	6
1.3 - Enquadramento Urbano.....	7
II. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL	11
2.1 - Conceito de Museu	11
2.2 - Tutela.....	11
2.3 - Documento Fundador	12
2.4 - Historial	12
2.5 - Vocação	29
2.6 - Objetivos.....	29
2.7 - Acervo	30
III. CUMPRIMENTO DAS FUNÇÕES MUSEOLÓGICAS	32
3.1 - Estudo e Investigação	32
3.2 - Incorporação	33
3.3 - Inventário e Documentação	34
3.4 - Conservação	34
3.5 - Segurança	36
3.6 - Interpretação e Exposição.....	36
3.7 - Educação.....	39
3.8 - Recursos Humanos	42
3.9 - Recursos Financeiros.....	42
3.10 - Instalações	43
3.11 - Acessibilidades Físicas e Intelectuais.....	49
3.12 - Acesso Público	50
3.12.1 - Horário de Abertura	50
3.12.2 - Sinalização	50
3.12.3 - Ingresso	51

3.12.4 - Registo de Visitantes.....	52
3.12.5 - N.º de Visitantes.....	52
3.12.6 - Estudos de Público.....	52
3.12.7 - Acesso à Sala das Reservas.....	53
3.12.8 - Livro de Sugestões e Reclamações.....	53
IV. NÚCLEO MUSEOLÓGICO DA ALFAIA AGRÍCOLA.....	54
4.1 - Contextualização Rural.....	54
4.2 - Historial do Núcleo.....	56
4.3 - Reserva Visitável.....	64
4.4 - Acervo.....	66
4.4.1 - “Coleção da Alfaia Agrícola”.....	66
4.4.2 - “Coleção de Transportes”.....	68
4.4.3- “Coleção de Artesanato”.....	69
4.4.4 – “Coleção Casa Alentejana”.....	69
4.4.5 – “Coleção Oficinas e Unidades Transformadoras do Mundo Agrícola”.....	69
4.4.6- “Coleção de Metrologia”.....	69
4.4.7- “Coleção de Traje”.....	69
4.4.8- “Coleção Outros”.....	70
4.5 - Estudo de Caso: Empresa “J. T. Pirra”.....	70
V. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES.....	79
5.1 - Participação na Conferência: “Conversa à volta da Arte Pastoril”.....	79
5.2 - Estudo de Caso sobre a Empresa: “J. T. Pirra”.....	80
5.3 - Montagem e desmontagem de Exposições Temporárias.....	80
5.4 - Organização da Exposição: “A (I)Materialidade do Mundo Rural”.....	82
REFLEXÃO CRÍTICA.....	89
Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho.....	89
Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola.....	90
SUGESTÕES / PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO.....	93
Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho.....	93
Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola.....	96
CONCLUSÃO.....	98
BIBLIOGRAFIA.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ELETRÓNICAS.....	110
ATAS.....	111

CARTAS, CONVENÇÕES E LEGISLAÇÃO	112
PLANTAS	112
APÊNDICE I.....	114
Mapa de pessoal afeto ao MME - PJV	114
ANEXO I.....	117
Imagens	117
ANEXO II	163
Organograma dos Serviços da CME.....	163
ANEXO III	164
Regulamento Primitivo do “Museu Municipal de Extremoz”.....	164
Anexo IV	167
Prof. Joaquim Vermelho	167
ANEXO V	171
Ficha de Inventário	171
Anexo VI.....	173
Horário e Preçário do MME - PJV	173
Anexo VII.....	174
N.º de Visitantes registados em outubro de 2020 no MME - PJV, respetivas nacionalidades e horários de visitas.....	174
Anexo VIII.....	175
N.º de Visitantes registados em outubro de 2020 na Galeria Municipal Dom Dinis, respetivas nacionalidades e horários de visitas.....	175
ANEXO IX.....	176
N.º de Visitantes do MME - PJV e Núcleos Museológicos.....	176
Anexo X.....	177
Aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis de relhas: invento de “J. T. Pirra”	177
ANEXO XI.....	181
Pedido de patente para aperfeiçoamento nas pontas substituíveis de relha.....	181
ANEXO XII.....	182
Tabela de preços de charruas em ferro e em madeira de aviega móvel e seus pertences... ..	182
ANEXO XIII	186
Desenho de canga em ferro para muares	186
ANEXO XIV	187
Transferência do registo de propriedade - Canga em ferro para muares	187

ANEXO XV	188
Título de depósito do modelo de fábrica n.º 417 - Canga em ferro para muares.....	188
ANEXO XVI.....	189
Última renovação da patente - Canga em ferro para muares	189
ANEXO XVII.....	190
Gama de produção da Empresa “J. T. Pirra” para a Indústria do Mármore	190
ANEXO XVIII	193
Comparabilidade entre a Reserva Visitável do NMAA e a Reserva Visitável das “Galerias da Vida Rural”	193
Anexo XIX	197
Notícia sobre a Exposição.....	197

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 - Mapa dos Municípios pertencentes ao Distrito de Évora.	5
Fig. 2 - Freguesias do Concelho de Estremoz, após a reorganização administrativa em 2013..	5
Fig. 3 - Fachada do edifício do MME - PJV, visto da Torre de Menagem.	7
Fig. 4 - Vista da Torre de Menagem sobre o Largo D. Dinis.	8
Fig. 5 - Torre de Menagem do Castelo de Estremoz.	8
Fig. 6 - Fachada da Igreja de Santa Maria, à direita.	9
Fig. 7 - Antigos Paços do Concelho de D. Dinis.	9
Fig. 8 - Vista satélite do Largo D. Dinis e respetivos pontos de interesse.	10
Fig. 9 - Biblioteca Popular, anos 50/60 do séc. XX.	13
Fig. 10 - MME anexo à Biblioteca, anos 50/60 do séc. XX.	13
Fig. 11 - MME anexo à Biblioteca, anos 50/60 do séc. XX.	14
Fig. 12 - Concurso de “Décimas”: homem lendo “décimas”, agosto de 1978.	17
Fig. 13 - Concurso de “Décimas”: Dr. Joaquim Pais de Brito, Ex-Diretor do Museu Nacional de Etnologia, tocando guitarra, agosto de 1978.	18
Fig. 14 - “Cantadores de Almas”, década de oitenta do séc. XX.	18
Fig. 15 - “Cantadores de Almas”, década de oitenta do séc. XX.	19
Fig. 16 - “Festa de N ^a Sr. ^a das Necessidades”: “Bênção do Gado”, década de oitenta do séc. XX.	19
Fig. 17 - “Carnaval à moda antiga”: grupo de crianças mascaradas, década de oitenta do séc. XX.	20
Fig. 18 - “Carnaval à moda antiga”: Homem manuseando “Bonecos Dançarinos”, década de oitenta do séc. XX.	20
Fig. 19 - Homenagem a Joaquim Vermelho: público presente, março de 2003.	23
Fig. 20 - Homenagem a Joaquim Vermelho: atribuição do seu nome ao MME, março de 2003.	23
Fig. 21 - Palácio dos Marqueses de Praia e Monforte.	25
Fig. 22 - Receção à comitiva que esteve presente em Jeju, por parte de um grupo de estremocenses, no aeroporto de Lisboa, dezembro de 2019.	26
Fig. 23 - Formadores e formandos produzindo Bonecos de Estremoz.	27
Fig. 24 - Inauguração da exposição dos trabalhos realizados durante o Curso de Técnicas de Produção de Bonecos de Estremoz, dezembro de 2019.	28
Fig. 25 - Conjunto de trabalhos realizados pelos formandos.	28

Fig. 26 - Coleção de desenhos acondicionada nas Reservas do MME - PJV.....	35
Fig. 27 - Cartaz da Exposição: “... Porquê? # pincel@RT.com... aquilo que não encontrei ”	37
Fig. 28 - Pinturas de Carlos Godinho, em exibição na Exposição: “... Porquê? # pincel@RT.com... aquilo que não encontrei ”.....	38
Fig. 29 - Visita guiada com um grupo do pré-escolar no espaço “Oficinal do Boneco”.	40
Fig. 30 - Sala dos Bonecos de Estremoz do MME - PJV.....	44
Fig. 31 - “Cozinha” do MME - PJV.....	45
Fig. 32 - Quintal, visto do 2.º piso do edifício do MME - PJV.....	46
Fig. 33 - Laboratório instalado no PMPM.....	47
Fig. 34 - Mesa de apoio do laboratório instalado no PMPM.....	48
Fig. 35 - Pavilhão onde se encontra instalado o NMAA, 2015.....	48
Fig. 36 - Aspeto geral da I Exposição de Maquinaria e Alfaias Agrícolas, julho de 1985.	57
Fig. 37 - I Exposição de Maquinaria e Alfaias Agrícolas: transportes de tração animal, julho de 1985.	57
Fig. 38 - I Exposição de Maquinaria e Alfaias Agrícolas: Crispim Serrano segurando aprestos junto de transportes de tração animal, julho de 1985.	58
Fig. 39 - Recuperação, limpeza e conservação de um trilho na Horta do Quíton, anos 80 do séc. XX.	59
Fig. 40 - Prof. Joaquim Vermelho: patrono do MME.	59
Fig. 41 - Antigas instalações do MAA: Máquina Debulhadora.	61
Fig. 42 - Reservas visitáveis do NMAA: Locomóvel e Máquina Debulhadora, 2015.....	63
Fig. 43 - Reservas visitáveis do NMAA: Oficina de Carpintaria e Máquina de Moldagem de Cangas, 2015.	64
Fig. 44 - Canga em ferro para muares, fabrico da empresa “J. T. Pirra”.	70
Fig. 45 - Charrua em ferro, fabrico da empresa “J. T. Pirra”.	71
Fig. 46 - Aiveca com ponta substituível de relha, invento de “J. T. Pirra”.	71
Fig. 47 - Publicidade alusiva à empresa “J. T. Pirra”.	75
Fig. 48 - “Stand” da Empresa “J. T. Pirra” presente na Feira-Exposição Regional Agro- Pecuária e Industrial de Estremoz, 1955.	76
Fig. 49 - Esquema de funcionamento de Derrick modelo Pirra de 20 TON, década de oitenta do séc. XX.	78
Fig. 50 - Conferência: “Conversa à volta da Arte Pastoril”.	79

Fig. 51 - Ajuda na desmontagem da Exposição: “Coleção de Olaria Alentejana do Museu Rural de Estremoz”.....	81
Fig. 52 - Cartaz da Exposição: Mundo Rural e Agrícola pelas mãos de J. Capela e Silva.	81
Fig. 53 - Exposição: Mundo Rural e Agrícola pelas mãos de J. Capela e Silva: “Mondadeira”.	82
Fig. 54 - Cartaz da Exposição: “A (I)Materialidade do Mundo Rural”.	84
Fig. 55 - Aspeto geral da Exposição “A Imaterialidade do Mundo Rural”.....	87
Fig. 56 - Exposição “A (I)Materialidade do Mundo Rural”: Charrua e medidas para cereal. .	87
Fig. 57 - Exposição “A (I)Materialidade do Mundo Rural”: Barrística de Estremoz.	88
Fig. 58 - Pátio interior do MME - PJV, local para possível instalação de um elevador de acesso ao 2.º piso.	93
Fig. 59 - Porta localizada no quintal do Museu (descoberta recentemente).	95
Fig. 60 - Traseiras do MME - PJV, acedendo-se através da Rua da Ladeira, antiga Rua do Albocaz.	95
Fig. 61 - Placa indicativa do largo onde se encontra localizado o MME - PJV.	117
Fig. 62 - Aspeto da Cerca Medieval de Estremoz.	117
Fig. 63 - Porta de Santarém.	118
Fig. 64 - Rua do Arco de Santarém: ao fundo a Porta de Santarém.	118
Fig. 65 - Fachada da Antiga Casa da Câmara.	119
Fig. 66 - Pousada da Rainha Santa Isabel.	119
Fig. 67 - Interior da Capela Rainha Santa Isabel.	120
Fig. 68 - Capela do Senhor Jesus dos Inocentes.	120
Fig. 69 - Casa das Fardas.	121
Fig. 70 - José Fernando Pereira Deville, fundador do MME.	121
Fig. 71 - “Exposição do Trajo de Trabalho e de Festa”, agosto de 1978.	122
Fig. 72 - “Exposição do Trajo de Trabalho e de Festa”, agosto de 1978.	122
Fig. 73 - “Exposição do Trajo de Trabalho e de Festa”: “Manuel da Avó” exibindo traço típico, agosto de 1978.	123
Fig. 74 - “Exposição do Trajo de Trabalho e de Festa”: rapariga exibindo traço típico, agosto de 1978.	123
Fig. 75 - “Festa do Padrão”, década de oitenta do séc. XX.	124
Fig. 76 - Encontro no Museu Nacional de Etnologia, 1980.	124
Fig. 77 - Seminário: "Animação na e através da comunidade" realizado em Odemira, junho de 1981.	125

Fig. 78 - Seminário: “Animação na e através da comunidade” realizado em Odemira: em destaque o Ex-Diretor do Museu Nacional de Etnologia Dr. Joaquim Pais de Brito, junho de 1981.	125
Fig. 79 - “Irmãos Ginja” produzindo Bonecos de Estremoz no MME, década de oitenta do séc. XX.	126
Fig. 80 - Oficina do MME em construção, finais da década de setenta do séc. XX.	126
Fig. 81 - Oficina do MME concluída, 1979.	127
Fig. 82 - Secretário de Estado do Ambiente e Diretor do Serviço Nacional de Parques em visita ao MME no dia da Inauguração da Oficina de Barristas, dezembro de 1979.	127
Fig. 83 - Obras para instalação da Sala de Exposições Temporárias no MME, 1982.....	128
Fig. 84 - Inauguração da Galeria de Desenho: em pé discursando o então Presidente da Autarquia, José Emílio Guerreiro, do seu lado direito Armando Alves e Rogério Ribeiro, à sua esquerda Joaquim Vermelho, Pedro Borges e José Barros de Carvalho, maio de 1983. .	128
Fig. 85 - Inauguração da Galeria de Desenho: público assistente, maio de 1983.	129
Fig. 86 - Inauguração da Galeria de Desenho: visita à Exposição, maio de 1983.	129
Fig. 87 - Arquitetos da Unesco visitam centro histórico e MME, setembro de 1985.	130
Fig. 88 - Arquitetos da Unesco visitam centro histórico e MME, setembro de 1985.	130
Fig. 89 - Placa alusiva à Homenagem do Município ao Eng.º Júlio Reis Pereira.	131
Fig. 90 - Placa alusiva à credenciação do MME - PJV pela RPM, 2010.	131
Fig. 91 - Placa alusiva à inauguração da nova exposição permanente do MME - PJV, 2015.	132
Fig. 92 - Desumidificador numa das salas de exposições permanentes do MME - PJV.....	132
Fig. 93 - Sistema de climatização (AC) instalado no gabinete técnico do MME - PJV.....	133
Fig. 94 - Termo higrógrafo na sala do Bonecos de Estremoz do MME - PJV.....	133
Fig. 95 - Janela em madeira para controlo da luz natural no MME - PJV.	134
Fig. 96 - Janela em alumínio para controlo da luz natural e desumidificador na sala de Artesanato do MME - PJV.	134
Fig. 97 - Iluminação expositiva e cénica na sala de Exposições Temporárias do MME - PJV.	135
Fig. 98 - Placa informativa de existência de alarme, sobre a fachada do edifício do MME - PJV.	135
Fig. 99 - Equipamento de deteção de movimento instalado no MME - PJV.	136
Fig. 100 - Câmara de vigilância instalada numa das salas do MME - PJV.....	136
Fig. 101 - Extintor existente numa das salas do Boneco de Estremoz do MME - PJV.	137

Fig. 102 - Sinalética indicativa de saída de emergência na receção do MME - PJM.....	137
Fig. 103 - Sinalética indicativa de perigo no acesso a uma das salas dos Bonecos de Estremoz do MME - PJV.....	138
Fig. 104 - Sinalética a indicar a proibição de fumar nos espaços do MME - PJV.....	138
Fig. 105 - Sinalética a informar sobre o sistema de videovigilância instalado no MME - PJV.	139
Fig. 106 - Painel explicativo com informações sobre a “Casa Alentejana” no MME - PJV.	139
Fig. 107 - Legenda de uma peça em exposição na sala de Artesanato do MME - PJV.....	140
Fig. 108 - Folheto informativo do MME - PJV.....	140
Fig. 109 - Painel interativo do MME - PJV.....	141
Fig. 110 - Visita guiada à Anta: “Entre Águas”.	141
Fig. 111 - Cartaz da iniciativa: “Estremoz Férias de Verão”.	142
Fig. 112 - Zona de receção e acolhimento ao visitante do MME - PJV.....	142
Fig. 113 - Espaço no MME - PJV para venda de peças de Barrística de Estremoz e de publicações.	143
Fig. 114 - Porta de acesso à casa de banho do MME - PJV.....	143
Fig. 115 - Sala da Faiança do MME - PJV.....	144
Fig. 116 - Sala da Olaria do MME - PJV.	144
Fig. 117 - Sala de Exposições Temporárias do MME - PJV.....	145
Fig. 118 - Sala de Artesanato do MME - PJV.....	145
Fig. 119 - “Casa de Fora” do MME - PJV.....	146
Fig. 120 - “Quarto” do MME - PJV.	146
Fig. 121 - Dependência situada no quintal do MME - PJV, onde se realizam as atividades educativas.	147
Fig. 122 - Sala para realização de atividades educativas do MME - PJV.....	147
Fig. 123 - Cisterna do MME - PJV.....	148
Fig. 124 - Presépio em exibição na cisterna do MME - PJV.	148
Fig. 125 - Sala das Reservas de Arqueologia do MME - PJV.	149
Fig. 126 - Gabinete Multifunções do MME - PJV.	149
Fig. 127 - Sala das Reservas do MME - PJV: em plano de fundo coleção de cristos e peças de artesanato diversas.....	150
Fig. 128 - Gabinete Técnico do MME - PJV.....	150
Fig. 129 - Edifício anexo funcionando como armazém do MME - PJV.....	151
Fig. 130 - Degraus de acesso ao MME - PJV.....	151

Fig. 131 - Escadaria de acesso ao 2.º piso do MME - PJV.	152
Fig. 132 - Vitrina no exterior do edifício do MME - PJV contendo informações sobre horário e preçários.....	152
Fig. 133 - Sinalética a indicar direção para chegar ao MME - PJV.	153
Fig. 134 - Referência à denominação atribuída ao MME - PJV, na fachada do edifício.	153
Fig. 135 - Sinalética delimitando lugares de estacionamento afetos ao MME - PJV.....	154
Fig. 136 - Livro de sugestões e reclamações existente na receção do MME - PJV.	154
Fig. 137 - Visita das entidades oficiais à Exposição da Alfaia Agrícola durante a I FIAPE, maio de 1987.	155
Fig. 138 - Crispim Serrano: figura marcante na recolha inicial de peças para o MAA, anos 80 do séc. XX.	155
Fig. 139 - Fachada do edifício onde esteve instalado o MAA.	156
Fig. 140 - Trabalhadores da Companhia de Moagem e Eletricidade de Estremoz.	156
Fig. 141 - Declaração de manifesto interesse cultural do MAA, setembro de 1988.	157
Fig. 142 - Encontro de novos doadores e depositários no MAA, novembro de 1988.....	158
Fig. 143 - Logotipo da ETMOZ: concebido por Ruy Zagallo Pacheco.	158
Fig. 144 - 1.º Encontro do Projeto “Escolas Isoladas”, em colaboração com a ETMOZ: Hugo Guerreiro discursando para Professores, novembro de 1998.	159
Fig. 145 - 1º Encontro do Projeto “Escolas Isoladas”, em colaboração com a ETMOZ: Professores assistindo ao discurso de Hugo Guerreiro, novembro de 1998.....	159
Fig. 146 - Animação da coleção do MAA com escolas isoladas, novembro de 1998.	160
Fig. 147 - Projeto Escolas Isoladas: “A Mulher no meio rural”, junho/julho 2000.	160
Fig. 148 - Assinatura do protocolo de financiamento para aquisição do edifício do MAA localizado na Rua Serpa Pinto. Ao centro, a assinar o protocolo o então Presidente da CME, Luís Mourinha e o então Secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território, José Augusto Carvalho, agosto de 1999.	161
Fig. 149 - Planta com a organização das coleções da Reserva Visitável do NMAA.	162
Fig. 150 - Desenhos dos aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis das relhas.	179
Fig. 151 - Desenhos dos aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis das relhas.	180
Fig. 152 - Crapaud comercializado pela empresa “Pirra” sob denominação Nacional, década de oitenta do séc. XX.....	190
Fig. 153 - Macaca Hidráulica comercializada pela empresa “Pirra”, década oitenta do séc. XX.	191

Fig. 154 - Grua Derrick de 20 TON comercializada pela empresa “Pirra”, década de oitenta do séc. XX.	192
Fig. 155 - Aspeto geral da Exposição das “Galerias da Vida Rural”.	193
Fig. 156 - Imagens ilustrativas do quotidiano agrícola.	195
Fig. 157 - Legendas dos objetos em exposição nas “Galerias da Vida Rural”	196
Fig. 158 - Sistemas de atrelagem em exibição nas “Galerias da Vida Rural”	196

LISTA DE ABREVIATURAS

- BME** – Biblioteca Municipal de Estremoz
- CME** – Câmara Municipal de Estremoz
- DGPC** – Direção Geral do Património Cultural
- EPAC** – Empresa para Agroalimentação e Cereais
- EPRAL** – Escola Profissional da Região Alentejo
- ETMOZ** – Associação Cultural e Etnográfica de Estremoz
- FIAPE** – Feira Internacional Agro-Pecuária e de Artesanato de Estremoz
- INE** – Instituto Nacional de Estatística
- IGP** – Instituto Geográfico Português
- J. T. Pirra** – João Trindade Pirra
- MME** – Museu Municipal de Estremoz
- MME - PJV** – Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho
- MAA** – Museu da Alfaia Agrícola
- NMAA** – Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola
- PMPM** – Palácio dos Marqueses de Praia e Monforte
- RC3** – Regimento de Cavalaria n.º3
- RPM** – Rede Portuguesa de Museus
- UÉ** – Universidade de Évora

INTRODUÇÃO

O relatório que de seguida apresentamos resultou do trabalho de estágio realizado no Município de Estremoz. Optámos pela realização do estágio para conclusão do ciclo de estudos do curso de Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, essencialmente por abranger, na grande maioria dos casos, um trabalho de natureza mais prática, quando comparado com a realização de uma dissertação.

Para aprofundar o conhecimento prático da realidade museológica decidimos escolher o Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho, sob tutela da Câmara Municipal de Estremoz. A escolha do tema e do local de estágio deveu-se ao conhecimento prévio da instituição, sendo o mestrando funcionário do Município e residente no concelho de Estremoz.

O estágio iniciou-se no dia 2 de março e, de acordo com o planeado, estava previsto terminar a 29 de maio de 2020. No entanto, coincidiu com a pandemia da COVID-19 que assolou o mundo. Devido às medidas de contenção sanitárias impostas pelo governo para controlar a doença, o necessário distanciamento social e adaptações a uma nova realidade de ensino e de trabalho, a Universidade de Évora tomou a decisão de suspender os estágios até as condições sanitárias se verificarem estáveis e seguras na instituição de ensino e de acolhimento.

Assim, a retoma do estágio iniciou-se no dia 7 de setembro e prolongou-se até dia 13 de novembro do mesmo ano, data do seu término.

Esta reviravolta, por motivos de saúde pública, levou à adaptação de alguns dos objetivos e à renúncia de outros que estavam inicialmente definidos mas sem nunca colocar em causa os objetivos iniciais a que nos propusemos. De igual forma, colocou-nos desafios e abriu-nos janelas de oportunidade, recorrendo a outros meios para alcançar os fins.

Ao nível dos objetivos que foram inicialmente definidos, os quais conseguimos atingir, enumeramos os seguintes:

- Valorizar o MME - PJV no seu todo e o NMAA em particular;
- Dar a conhecer a instituição de acolhimento e seus núcleos;
- Estabelecer uma relação entre a localização do MME - PJV e o restante património envolvente;
- Verificar o cumprimento das funções museológicas de acordo com a lei;
- Contribuir para uma relação de proximidade, entreajuda e colaboração entre os vários Serviços da CME que trabalham direta ou indiretamente com o património;

- Envolver diferentes recursos patrimoniais que contribuem para o aumento do número de visitantes nos museus locais e, ao mesmo tempo, despertar o interesse da população local em defender e proteger o seu património identitário e memórias coletivas.

- Contribuir para uma aproximação à comunidade, levando o MME - PJV e o NMAA, em especial, ao encontro do público.

Relativamente aos objetivos que estavam inicialmente definidos e que não foram atingidos, embora tenhamos feito os possíveis para encontrar alternativas, destacamos a ausência de interação com a população idosa e com as crianças com as quais gostaríamos de ter desenvolvido um conjunto de atividades previamente programadas, que não foram possíveis de se realizar, tendo em conta o atual contexto epidemiológico.

Da mesma forma pretendíamos contribuir para a organização de jornadas técnicas sobre o património histórico e cultural local, que também não se realizaram pelos mesmos motivos.

Entretanto, de forma a atenuar o incumprimento de alguns dos objetivos decidimos elaborar um estudo que contribuísse para enriquecer a documentação do NMAA. Assim, o nosso estudo debruçou-se sobre uma indústria estremocense, a empresa “João Trindade Pirra” que durante largos anos produziu alfaias e instrumentos agrícolas, existindo no acervo do NMAA vários exemplares aí produzidos.

A atividade principal que nos ocupou mais tempo e que nos permitiu atingir grande parte dos nossos objetivos foi o planeamento e organização de uma exposição num local físico distinto da localização do MME - PJV. Recorrendo ao património existente nas reservas do MME - PJV e seus Núcleos, a exposição intitulada: “A (I)Materialidade do Mundo Rural”, decorreu no Posto de Turismo / Casa de Estremoz de 31 de outubro a 29 de novembro.

Relativamente à estrutura do trabalho, este encontra-se dividido em cinco capítulos, sendo que no primeiro se faz uma abordagem à localização territorial, respetiva caracterização económica do concelho e enquadramento urbano do Museu, destacando-se os principais pontos de interesse nas proximidades.

No capítulo que se segue faz-se um enquadramento da instituição de acolhimento, onde se abordam temas relacionados com o próprio conceito, tutela, historial, objetivos e acervo do museu.

No terceiro capítulo analisa-se o cumprimento das funções museológicas, de acordo com Lei - Quadro dos Museus Portugueses.

O quarto capítulo é dedicado ao NMAA. Primeiramente faz-se uma contextualização da atividade rural no concelho no período compreendido entre inícios do séc. XX e meados

dos anos setenta / oitenta do século passado. Depois é dada a conhecer a história, a arrumação atual de acordo com o conceito de “Reserva Visitável” e o acervo do NMAA. No ponto seguinte apresenta-se um estudo de caso relativo à empresa “J. T. Pirra”.

No quinto capítulo descrevem-se as atividades desenvolvidas durante o período em que decorreu o estágio.

Prestes a finalizar o trabalho é feita uma apreciação crítica, de acordo com as mais-valias e limitações detetadas. São ainda feitas propostas de melhoramento e sugestões com vista à supressão das lacunas identificadas.

Finalmente retiram-se conclusões e enumeram-se as dificuldades e mais-valias resultantes do trabalho realizado.

I. ENQUADRAMENTO TERRITORIAL

1.1 - Caracterização Geral

O MME - PJV situa-se na localidade de Estremoz. Estremoz é uma cidade do Distrito de Évora, pertencente à região do Alentejo Central, inserindo-se na sub-região denominada “Zona dos Mármore”.

A cidade contabilizava no ano de 2012, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, 7483 habitantes.¹ É a sede do Município possuindo uma área total de cerca de 514 km², segundo dados do Instituto Geográfico Português (2013).² O concelho possui nove freguesias, após a reorganização administrativa do território das freguesias³, em 2013, sendo oito rurais, contabilizando um total de 14318 habitantes⁴ no ano de 2011 segundo dados do INE.

A cidade goza de uma localização excecional, encontrando-se no cruzamento de dois importantes eixos rodoviários nacionais: “*a autoestrada Lisboa-Madrid (A6) e a ligação entre Faro e Guarda pelo interior do país (IP2/EN18/A23), gozando de uma localização privilegiada no coração do Alentejo*”.⁵

¹ INE (2013). [Anuário Estatístico da Região Alentejo 2012](#). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, p.32, consulta a 13/07/2020.

² IGP (2013). [Áreas das freguesias, municípios e distritos/ilhas da CAOP 2013](#). Carta Administrativa Oficial de Portugal (CAOP), versão 2013. Direção-Geral do Território, consulta a 13/07/2020.

³ [Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro: Reorganização administrativa do território das freguesias](#). Anexo I. *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 19, Suplemento, de 28/01/2013, p.44 - 45, consulta a 13/07/2019.

⁴ INE (2012). [Censos 2011 Resultados Definitivos – Região Alentejo](#). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, p.98, consulta a 13/07/2020.

⁵ <https://www.cm-estremoz.pt/pagina/camara-municipal/caracterizacao-geral/>, consulta a 13/07/2020.

1.2 - Atividade Económica

O concelho de Estremoz é um concelho com características essencialmente rurais e por essa razão, a agricultura é um setor com peso económico significativo no desenvolvimento da região. Das culturas mais exploradas destaca-se a vitivinicultura, existindo mais de vinte adegas no concelho, com o conseqüente produção de vinhos que são distribuídos por todo o território nacional e exportados para mercados estrangeiros.

Ainda ao nível da agricultura também a exploração olivícola, resultando na produção de azeites tem um peso significativo na economia local. Além destes produtos, a cortiça revela-se também como um recurso extremamente valioso que provém da exploração dos montados de sobro.

Outra das atividades económicas características do concelho é a exploração pecuária que, em não raros os casos, convive em estreita relação com a atividade agrícola.

Ao nível do setor secundário, verifica-se a existência de um conjunto de indústrias importantes como por exemplo: a indústria exploradora do mármore, outro recurso fundamental para o desenvolvimento do concelho ao longo dos séculos e mais contemporâneas as indústrias alimentícias dos mais variados géneros.

Ao nível do setor terciário, os serviços e o setor do turismo contribuem bastante para o desenvolvimento económico do concelho. Os seus monumentos, a cultura, os museus, a gastronomia, os vinhos, os eventos, entre outros, contribuem para a visita de milhares de turistas nacionais e estrangeiros, com destaque para o mercado turístico Espanhol, devido à proximidade com a Extremadura Espanhola.

Finalmente, mas não menos importante, a produção de artesanato dos mais variados géneros, com destaque na atualidade para a produção de Bonecos de Estremoz (em especial após a sua inscrição na Lista Representativa do Património Cultural e Imaterial da Humanidade) contribui de forma significativa para a economia e também para a dinamização do setor turístico, que vê nestes e noutros produtos um motivo para visitar Estremoz.

1.3 - Enquadramento Urbano

O edifício sede do MME - PJV (fig. 3) situa-se no centro histórico da cidade de Estremoz, no largo D. Dinis (anexo I, fig. 61) e goza de localização privilegiada face a outros pontos de interesse como por exemplo: Torre de Menagem; Igreja de Santa Maria e Antigos Paços do Concelho de D. Dinis (fig. 4 a fig. 7); Cerca Medieval, Porta de Santarém, Antiga Casa da Câmara, Capela da Rainha Santa Isabel, Capela de Nossa Senhora dos Inocentes e Casa das Fardas (anexo I, fig. 61 a fig. 69), sendo que alguns destes monumentos se encontram classificados como monumentos nacionais e imóveis de interesse público.



Fig. 3 - Fachada do edifício do MME - PJV, visto da Torre de Menagem.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 4 - Vista da Torre de Menagem sobre o Largo D. Dinis.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 5 - Torre de Menagem do Castelo de Estremoz.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 6 - Fachada da Igreja de Santa Maria, à direita.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 7 - Antigos Paços do Concelho de D. Dinis.

Foto: Ramalho, 2019



Fig. 8 - Vista satélite do Largo D. Dinis e respetivos pontos de interesse.

Fonte: <https://www.google.pt/maps>, Largo D. Dinis, Estremoz.

Como se verifica através dos elementos identificados acima, o entorno urbano apresenta-se como um importante fator de valorização do próprio Museu, uma vez que a possível visita a um local específico, leva em muitos casos, quer seja por curiosidade ou por sugestão de terceiros à procura de outros pontos de interesse que se encontram no local e que poderiam não estar no programa de visitas iniciais.

A própria consciência dos decisores políticos em valorizar certos espaços urbanos, criando condições e equipamentos que permitam essa fruição em termos espaciais e em termos culturais é com toda a certeza uma mais-valia. No caso da implementação do MME - PJV, no local atual, nota-se claramente essa visão e preocupação, segundo ata camarária de 25/09/1967, pela qual o Presidente Luís Pascoal Rosado afirma: *“Pela necessidade de um museu capaz de atrair a Estremoz visitantes nacionais e estrangeiros, quer pelo dever que entende caber à Câmara de contribuir, no máximo das suas possibilidades para o digno enquadramento da Pousada em construção naquele local”*.⁶

⁶ Fonte: AMETZ/CMETZ/B/A -119. Ata da sessão da Câmara Municipal de Estremoz, de 25 de Setembro de 1967, p.166v.

II. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL

2.1 - Conceito de Museu

Quando nos propomos estudar uma determinada Instituição, é inevitável que compreendamos em primeiro lugar o que ela representa, nomeadamente, acerca do seu conceito. Como tal, recorrendo à Lei-Quadro dos Museus Portugueses, de 2004, na sua definição, “*Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:*

a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos;

b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.

Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu, ainda que o respetivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico.”⁷

O MME - PJV, enquadra-se claramente no conceito acima referido, uma vez que cumpre quase em pleno grande parte das funções e exigências acima referidas e que serão identificadas ao longo deste trabalho.

2.2 - Tutela

O MME - PJV é uma instituição sob tutela da CME que gere os seus recursos, quer sejam administrativos, financeiros, humanos ou materiais.

A nível organizacional, a instituição está inserida na Divisão de Desenvolvimento Socio-Cultural, Educativo e Desportivo dos quais fazem parte entre outros o Setor dos Museus, conforme se pode verificar no Organograma dos Serviços da CME (anexo II).

⁷ Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto de 2004 (Lei Quadro dos Museus Portugueses), artigo 3.º, ponto n.º 1 e ponto n.º 2.

2.3 - Documento Fundador

O MME foi fundado formalmente a 2 de maio de 1880, conforme ata camarária na qual se encontra o seguinte excerto: “*Anno do nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta, aos dois dias do mez de maio, n’esta villa de Extremoz, e paços do concelho, achando-se ahi, além da camara municipal, o ex.mo sr. dr. Luiz Leite Pereira Jardim, deputado por este circulo e varios outros conspícuos concidadãos, o presidente da camara rogou ao mesmo ex.mo sr. deputado se dignasse tomar a presidencia d’esta solemnidade; e sendo atendido ocupou s. ex.^a a cadeira da presidencia, e declarou aberta a sessão da inauguração da biblioteca popular e museu anexo, discursou com applauso de todas as pessoas presentes, e em seguida discursou igualmente o alludido presidente, findo o que, o ex.mo sr. presidente da assembléa propoz um voto de louvor á camara municipal, que foi aprovado unanimemente, e deu por inaugurada a biblioteca e museu alludido, e d’este acto lavrei a presente acta. Francisco Pedro de Carvalho, escrivão da camara municipal a escrevi e assigno*”.⁸

O MME acabaria por ser formalmente regulamentado em reunião camarária de 14/10/1880, da qual se lavrou ata e da qual consta o regulamento primitivo⁹ (anexo III).

2.4 - Historial

A primeira indicação de um Museu Municipal em Estremoz surge em 1880, aquando da inauguração a 2 de maio de 1880 da Biblioteca Popular (fig. 9) e Museu anexo (fig. 10 e fig. 11). A biblioteca foi aberta ao público provisoriamente no dia 6 de março de 1880, reservando-se a abertura definitiva para o dia da inauguração.¹⁰

Efetuuou-se a inauguração da biblioteca, presidindo à sessão inaugural o Exmo. Sr. Doutor Pereira Jardim. Um jornal deu a notícia nos seguintes termos: “*Teve logar no dia 2 do corrente a inauguração da biblioteca popular d’Extremoz. Presidiu á sessão inaugural o sr. dr. Jardim, deputado por aquelle circulo. Assistiram ao acto os senhores director das obras publicas do districto, coronel e toda a officialidade de cavalaria 3, juiz de direito, delegado,*

⁸ Biblioteca Municipal de Estremoz. (1880). “Catálogo da Bibliotheca Popular de Extremoz”. Lisboa. Typografia Universal, p.12

⁹ Idem, p.77 - 79

¹⁰ GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.3.

*conservador, administrador, parochos do concelho, escrivão de fazenda e muitos outros funcionários publicos e pessoas mais distinctas da localidade, sendo imenso o povo que se reuniu no vasto e magnifico edificio dos paços do concelho. No vestibulo tocava uma das philarmonicas. A cerimonia foi esplendida e celebrada por um modo grandioso e digno.”*¹¹



Fig. 9 - Biblioteca Popular, anos 50/60 do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/CMETZ/F-A/i3



Fig. 10 - MME anexo à Biblioteca, anos 50/60 do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/CMETZ/F-A/i4

¹¹ Biblioteca Municipal de Estremoz. (1880). *Catalogo da Bibliotheca Popular de Estremoz*. Lisboa: Typographia Universal, p.12.



Fig. 11 - MME anexo à Biblioteca, anos 50/60 do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-A/001-00008

*“Esta nova instituição estremocense teve a sua génese em 16 de agosto de 1870, com a reforma da educação e instrução popular protagonizada pelo Ministro da Instrução Pública António da Costa, a qual foi aprovada pela Câmara Electiva a 5 de dezembro desse ano e em sessões de 19 a 21 pela Câmara dos Pares no mesmo mês e ano”.*¹²

Em maio de 1875 um Inspetor das Escolas desloca-se a Estremoz e pede à administração Camarária que procurasse obter os recursos necessários para a fundação de uma Biblioteca Popular em Estremoz. Deste pedido nada resultou.¹³

Em 1879 estando a presidência da CME entregue ao então vice-presidente Joaquim Vicente Durão, pelo facto do Presidente José Fernando Pereira Deville (anexo I, fig. 70) se encontrar ausente por motivo de férias, deu entrada na CME um Ofício Circular, feito chegar através do Governador Civil do Distrito de Évora, informando que existia um conjunto de bibliografia destinada à CME.¹⁴

Entretanto começou a ser doada à Biblioteca nova documentação, iniciativa de particulares, estimulados pela existência do fundo inicial, tendo posteriormente o Presidente

¹² GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.3.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem.

Deville pedido em sessão camarária¹⁵ “*auctorisação para crear um pequeno museu anexo à biblioteca, ao qual deseja dar uma feição por assim dizer, local; vindo a ser mais propriamente uma exposição permanente de varias industrias peculiares de Estremoz, e a par dos productos industriaes, como, por exemplo, dos nossos marmores, cortiça, ceramica, podiam ser representados productos agricolas. Que n’este pensamento estava enleado o de chamar a attenção do público para a biblioteca popular, e o de concorrer para despertar o estímulo entre os industriaes.*”¹⁶

Constituiu-se este pequeno Museu sem qualquer despesa do município, apenas com a cooperação particular de beneméritos concidadãos: “*Que qualquer despeza a fazer-se com este museu não seria paga pelo cofre do município, porque elle presidente esperava tudo da cooperação particular dos benemeritos concidadãos, que estavam associados a elle presidente.*”¹⁷

Em 1927, o MME instala-se juntamente com a Biblioteca Popular, no antigo Convento dos Congregados, mais concretamente na primitiva igreja dos frades Oratorianos de S. Francisco de Nery¹⁸. Até ao momento não conseguimos encontrar documentação que fundamente a sua localização ou localizações anteriores até se realizar a mudança para o local referido, depois da sua fundação em 1880.

“*Entretanto o MME foi sofrendo algumas alterações ao nível da exposição permanente e coleções, principalmente através de novas incorporações ocasionadas por compras e doações. As mais importantes foram realizadas em 31 de maio de 1941, quando a CME adquiriu à Escola Industrial cerca de 70 bonecos e assobios, valorizando o espólio inicial (...)*”¹⁹. Em ata camarária de 5 de junho de 1941 foi presente uma nota sobre os bonecos de Estremoz “*para figurarem no museu da biblioteca municipal feitos na Escola Industrial de António Augusto Gonçalves, que o senhor presidente encomendou, cuja importância de 261\$20 a câmara deliberou pagar logo que a respetiva verba seja*

¹⁵ Idem, p.4.

¹⁶ Biblioteca Municipal de Estremoz. (1880). *Catalogo da Bibliotheca Popular de Estremoz*. Lisboa: Typographia Universal, p.10.

¹⁷ Idem.

¹⁸ *Estremoz dá-te a conhecer... A Biblioteca e o Museu Municipais*. (1968, fevereiro 25). Jornal Brados do Alentejo, n.º 1913, p. 1 e p.5

¹⁹ GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.5.

reforçada”²⁰. No dia 3 de julho do mesmo ano, registo para um ofício do bibliotecário “informando que durante o mês de Junho último, foram recebidos para o museu municipal, da escola Industrial, setenta bonecos de Estremoz”²¹. “Nos finais dos anos 60 do séc. XX é ampliado o acervo do museu através da aquisição ao antiquário Chambel de peças de arte sacra, artesanato, mobiliário e faiança”²².

A 23 de julho de 1971, estando a CME sob Presidência do Dr. Luís Pascoal Rosado, é adquirida ao Eng.º Júlio Reis Pereira a sua Coleção de Barrística (constituída por 375 bonecos), por um valor que muitos consideraram excessivo (700 contos), acentuado pela ausência de outras infraestruturas consideradas prioritárias para a população do concelho de Estremoz. Após a realização desta compra, por falta de espaço, viram-se os decisores camarários confrontados com a necessidade de mudar de instalações, bem como ao nível da organização da exposição permanente e do programa museológico do MME.²³

A solução para a falta de espaço viria a ser resolvida em 1972, passando o MME a ocupar um antigo imóvel no Largo D. Dinis, onde ainda hoje se encontra instalado, onde anteriormente tinha funcionado o Hospício da Caridade, a Escola Primária e onde foram lecionadas algumas aulas da Escola Comercial e Industrial.²⁴

A 10 de junho de 1976 é inaugurada a exposição permanente do MME, aproveitando um concerto da Orquestra e Coro da Fundação Calouste Gulbenkian em Estremoz.²⁵

No final da década de setenta e inícios dos anos oitenta do século passado, em colaboração com o Núcleo de Dinamização Cultural, o Museu procura descentralizar as suas atividades, indo ao encontro da população rural de Santa Vitória do Ameixial. O desfecho dessa descentralização resultou num conjunto de atividades das quais se destacam: “Exposição do Trajo de Trabalho e de Festa” (anexo I, fig. 71 a fig. 74); Concurso de “Décimas” (fig. 12 e fig. 13); “Cantadores de Almas” (fig. 14 e fig. 15); “Festa do Padrão”

²⁰ Fonte: AMETZ/CMETZ/B/A -103. *Ata da sessão da Câmara Municipal de Estremoz de 5 de Junho de 1941*, p.57v.

²¹ Fonte: AMETZ/CMETZ/B/A -103. *Ata da sessão da Câmara Municipal de Estremoz de 3 de Julho de 1941*, p.61v.

²² GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.5

²³ Idem.

²⁴ Idem.

²⁵ GUERREIRO, Hugo e RAMALHO, Pedro. (2002). *Homenagem a Júlio Maria dos Reis Pereira*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz.

(anexo I, fig. 75); “Festa de Nossa Senhora das Relíquias”²⁶ (fig. 16) e Carnaval à moda antiga” (fig. 17 e fig. 18).



Fig. 12 - Concurso de “Décimas”: homem lendo “décimas”, agosto de 1978.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/001/003-00025

²⁶ Integrada nestas festas foi realizada a tradicional “Bênção do Gado”, contando com a assistência de muito povo da aldeia de Santa Vitória do Ameixial, estando ainda presentes estudiosos de assuntos etnográficos e a Radiotelevisão Portuguesa que filmou o acontecimento. In Jornal “Brados do Alentejo”, 3ª Série, n.º 13, p.4.



Fig. 13 - Concurso de “Décimas”: Dr. Joaquim Pais de Brito, Ex-Diretor do Museu Nacional de Etnologia, tocando guitarra, agosto de 1978.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/001/003-00043



Fig. 14 - “Cantadores de Almas”, década de oitenta do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/012-00013



Fig. 15 - “Cantadores de Almas”, década de oitenta do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/012-00035



Fig. 16 - “Festa de N^a Sr.^a das Necessidades”: “Bênção do Gado”, década de oitenta do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/009/001-00221



Fig. 17 - “Carnaval à moda antiga”: grupo de crianças mascaradas, década de oitenta do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/017-00013



Fig. 18 - “Carnaval à moda antiga”: Homem manuseando “Bonecos Dançarinos”, década de oitenta do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/017-0005

“No ano de 1977, o conselheiro da Unesco Dr. Per - Uno Agren e o conservador Dr. Rafael Calado deslocam-se a Estremoz para reunirem com Diretor do Museu. O objetivo da missão protagonizada pelo conselheiro era revitalizar a museologia portuguesa, e havendo a perceção a nível nacional do trabalho que era desenvolvido em Estremoz, o Museu foi

*selecionado para ser um dos projetos pilotos.*²⁷ Esta intenção acabou por não se concretizar devido a reviravoltas da política nacional. Ainda assim, chegaram a promover-se encontros e seminários em determinados museus (anexo I, fig. 76 a fig. 78), como por exemplo em Guimarães em outubro de 1978, em Seia em abril de 1979 e em Faro em maio do mesmo ano onde foram relatadas as experiências em curso à altura, cabendo mesmo ao MME a responsabilidade da sua orientação²⁸.

A 3 de março de 1978 o Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico, em colaboração com o MME e CME contratam os barristas estremocenses “Irmãos Ginjas” (anexo I, fig. 79), que com o apoio do MME desenvolviam a sua atividade num espaço afeto à BME. Em 1979 concluíram-se no quintal do Museu as obras de construção de uma oficina onde estes iriam laborar²⁹ (anexo I, fig. 80 e fig. 81), que seria inaugurada a 20 de dezembro com a presença do Secretário do Ambiente e do Diretor do Serviço Nacional de Parques (anexo I, fig. 82). *“Conseguiu assim a direção, com o auxílio financeiro daquela instituição estatal, alcançar um dos seus objetivos imediatos da época, que era o de preservar e divulgar esta arte tão estremocense, num momento em que havia o perigo desta desaparecer”*.³⁰

Em meados dos anos oitenta do séc. XX, iniciam-se obras para construção de uma sala de Exposições Temporárias (anexo I, fig. 83), tendo sido inaugurada em 1982 no edifício do MME. Posteriormente, a 21 de maio de 1983 é inaugurada a Galeria de Desenho (anexo I, fig. 84 a fig. 86), instalada nos Antigos Paços do Concelho³¹ *“(…) outro dos núcleos museológicos agregados ao Museu, o qual compreende desenhos de artistas portugueses contemporâneos bem como plantas antigas da praça de Estremoz”*.³²

Em setembro de 1985 Arquitetos da UNESCO visitam o Centro Histórico e MME (anexo I, fig. 87 e fig. 88).

²⁷ GUERREIRO, Hugo, org. (2003). *Catálogo: Homenagem a Joaquim Vermelho*. Edição: Camara Municipal de Estremoz.

²⁸ J.C.S. (1979, julho 15). *O Museu Municipal de Estremoz nos encontros de Seia e Faro*. *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 3, p.13.

²⁹ GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.6

³⁰ Idem.

³¹ *Inaugurada a Galeria de Desenho: Considerada uma das mais importantes do país*. (1983, junho 3). *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Serie, n.º 90, p.1 e p.6.

³² GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.6

Por sua vez, em 1987 abriu o Núcleo Museológico designado por Museu da Alfaia Agrícola, na Rua Serpa Pinto³³. Entretanto sofreu uma reformulação ao nível da metodologia de exposição, derivado de um conjunto de vicissitudes, funcionando desde 2011 como Reserva Visitável, encontrando-se atualmente instalado num pavilhão da EPAC junto aos Silos.

Entre 1996-97 houve uma intervenção na exposição permanente, nas salas de arte popular alentejana, fruto de novas incorporações (doações e aquisições) que resultou na abertura ao público de duas salas de artesanato local.³⁴

Entretanto, na sequência de uma mostra do espólio da Galeria de Desenho do MME, na Sala de Exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes, com a colaboração da Sociedade Nacional de Belas Artes, fazendo parte da direção o estremocense José António Flores, a Galeria de Desenho do MME viu aumentar o seu espólio a 21 de novembro de 1997, através da doação de cerca de 30 obras pertencentes a artistas nacionais de renome no panorama das artes.³⁵

Entre dezembro de 2002 e janeiro de 2003 realiza-se uma exposição de homenagem a Júlio Maria dos Reis Pereira, tendo sido descerrada uma placa alusiva ao evento (anexo I, fig. 89), numa das salas de exposição permanente com a sua coleção de Bonecos de Estremoz.³⁶

No mesmo mês do ano, fruto de novas doações por parte do pintor estremocense Paulo Vicente, viu a Galeria de Desenho do MME enriquecer o seu acervo através da incorporação de 52 obras.³⁷

A 8 de março de 2003, realiza-se uma exposição de homenagem a Joaquim Vermelho (anexo IV), tendo sido atribuído o nome desta personalidade ao MME (fig. 19 e fig. 20), pelo trabalho extraordinário que desenvolveu na cultura local e especialmente neste Museu.³⁸

³³ *Alfaia Agrícola de Estremoz: Espaço de Memória*. (2000, junho 16). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 500, p.3.

³⁴ GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.7.

³⁵ *Galeria de Desenho do Museu Municipal de Estremoz: Novos Doadores*. (1997). Estremoz: [s.n].

³⁶ *Museu de Estremoz homenageia Júlio Reis Pereira*. (2002, novembro 29). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 557, p.16.

³⁷ *Paulo Vicente na Galeria de Desenho*. (2003, janeiro 10). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 560, p.11.

³⁸ GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.7.



Fig. 19 - Homenagem a Joaquim Vermelho: público presente, março de 2003.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/CMETZ/E-A/36/r1/i16



Fig. 20 - Homenagem a Joaquim Vermelho: atribuição do seu nome ao MME, março de 2003.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/CMETZ/E-A/36/r1/i19

Em fevereiro de 2004 extinguiu-se a sala de Arte Sacra, passando para esse espaço as Reservas do Museu. Também em 2004 procedeu-se ao alargamento do espaço destinado à Sala de Exposições Temporárias no edifício do MME - PJV.³⁹

A 18 de maio de 2006 o MME - PJV apresenta a Rede de Museus do Concelho de Estremoz, da qual faziam parte: o “*Centro de Ciência Viva de Estremoz, o Museu da Farmácia Carapeta, o Museu de Arte Sacra da Paróquia de Santo André, o Museu Agrícola José Matos Cortes* (já não faz parte da rede por se encontrar desativado), o *Museu do Bombeiro, o Museu Rural da Casa do Povo de Santa Maria* (desativado no momento, encontra-se à guarda e cuidado do MME - PJV, estando arrumado na Sala de Reservas) e o “*Museu Ferroviário de Estremoz*”⁴⁰ (também já não faz parte da rede por se encontrar desativado).

Em 2006 foi inaugurada mais uma sala de exposições afeta ao Museu, instalada no Centro Cultural Dr. José Lourenço Marques Crespo e onde foi instituído, em 2007, o Museu Rural da Casa do Povo de Santa Maria⁴¹ (espaço extinto desde 2015, por motivo de ocupação do local para outros fins).

A 18 de maio de 2010 o MME - PJV passa a integrar a Rede Portuguesa de Museus (anexo I, fig. 90).⁴²

“*Já em 2011, depois de elaborada a candidatura ao projeto de financiamento “Pro-Museus” da RPM, as Reservas do MME - PJV são reformadas e adequadas ao armazenamento do vasto acervo da Galeria de Desenho.*”⁴³

Ainda em 2013, em agosto, é inaugurado outro espaço afeto ao museu, localizado no edifício do Palácio dos Marqueses de Praia e Monforte (anexo I, fig. 21) que funcionou como espaço de exposições temporárias até finais de 2019⁴⁴. Neste espaço foi também instalada, em

³⁹ Fonte: <https://www.cm-estremoz.pt/pagina/turismo/museu-municipal-de-estremoz-prof-joaquim-vermelho>, consulta a 16/11/2020.

⁴⁰ *Rede liga museus do concelho*. (2006, junho 2). *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 642, p.11.

⁴¹ GRAZINA, Inácio. (2007, maio 31). *Museu rural em novas instalações*. *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 666, p.1 e p.11.

⁴² PEREIRA, Jorge Manuel. (2010, maio 27). *‘Municipal’ de Estremoz integra Rede Portuguesa de Museus*. *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 738, p.8.

⁴³ Fonte: <https://www.cm-estremoz.pt/pagina/turismo/museu-municipal-de-estremoz-prof-joaquim-vermelho>, consulta a 16/11/2020.

⁴⁴ PEREIRA, Jorge Manuel. (2013, julho 11). *Palácio dos Marqueses de Praia e Monforte – Obra concluída em Julho e inaugurada em Agosto*. *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 814, p.6.

2017, uma nova exposição permanente do Museu Rural, depois de ter saído do Centro Cultural Dr. Maques Crespo em 2015.⁴⁵

Em 2014, após uma conferência realizada por Hugo Guerreiro sob o tema: “Museologia e Património Cultural Imaterial: Os Bonecos de Estremoz”, nas “I Jornadas de Salvaguarda do Património Cultural Imaterial do Alentejo”, que decorreram no Alandroal, surge a ideia de realização de uma candidatura da “Produção de Figurado em Barro de Estremoz”, tendo como base a sua inscrição no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. Assim, a abertura do processo de candidatura dá entrada na DGP no dia 17 de novembro de 2014, tendo sido submetido o pedido por parte do Município de Estremoz a 24 do mesmo mês e ano. Neste ponto evidenciamos o trabalho desenvolvido pelo Dr. Hugo Guerreiro, responsável técnico pela candidatura, bem como, pela colaboração dos funcionários do Município e MME - PJV ao longo do processo.

Por sua vez, a 20 de abril de 2015, é emitido um parecer favorável pelo Diretor-Geral do Património Cultural, Nuno Vassalo e Silva, relativo ao pedido feito pelo Município de Estremoz para inscrição da “Produção de Figurado em Barro de Estremoz” no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, processo no qual o MME - PJV está profundamente envolvido.



Fig. 21 - Palácio dos Marqueses de Praia e Monforte.

Fonte: <https://www.inspirock.com/portugal/estremoz/palacio-dos-marqueses-da-praia-e-monforte-a6504561683>

consulta a 23/07/2019

⁴⁵ PEREIRA, Jorge Manuel. (2017, setembro 14). *Museu Rural tem nova morada*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 913, p.5.

A 26 de junho de 2015, o MME - PJV inaugura uma nova exposição permanente (anexo I, fig. 91), tendo sido feita uma renovação nas salas dos Bonecos de Estremoz e Arte Popular e criado um novo espaço dedicado à Faiança de Estremoz. No âmbito da inauguração foi apresentado o “Centro UNESCO para a Valorização e Salvaguarda do Boneco de Estremoz.”⁴⁶

A 7 de dezembro de 2017, a “Produção de Figurado em Barro de Estremoz”, mais conhecida como "Bonecos de Estremoz" é reconhecida como Património Cultural e Imaterial da Humanidade na 12ª Reunião do Comité Intergovernamental da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), realizada na Ilha de Jeju, na Coreia do Sul, tendo sido assim alcançado o objetivo máximo do processo iniciado em 2012.⁴⁷



Fig. 22 - Receção à comitiva que esteve presente em Jeju, por parte de um grupo de estremocenses, no aeroporto de Lisboa, dezembro de 2019.

Fonte: Município de Estremoz.

Entre 20 de setembro e 6 de dezembro de 2019, promovido pelo CEARTE (Centro de Formação Profissional e Património) em parceria com a CME, realiza-se uma formação em Técnicas de Produção de Bonecos de Estremoz (fig. 23), que decorreu no PMPM. A formação

⁴⁶ GRAZINA, Inácio. (2015, junho 25). *Museu inaugura nova exposição*. *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 861, p.8.

⁴⁷ GRAZINA, Inácio. (2017, dezembro 21). *Bonecos de Estremoz são Património Mundial – De Estremoz para a Humanidade*. *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 920, p.7.

durou cerca de 150 horas, contando com a participação de 16 formandos⁴⁸. Neste aspeto destacamos novamente a participação dos colaboradores do Município e MME - PJV nesta ação, tendo sido formadores Luís Parente, Hugo Guerreiro e Isabel d'Água, contando ainda com a participação do formador Jorge Palmela, barrista estremocense em atividade.

Resultado dessa formação, foi inaugurada no dia 7 de dezembro de 2019 (fig. 24), uma mostra dos trabalhos produzidos pelos formandos que frequentaram o curso (fig. 25), ficando prevista a sua exibição até dia 10 de janeiro de 2020 nos corredores do primeiro piso do edifício da Câmara Municipal de Estremoz, tendo-se prolongado no tempo, encontrando-se ainda em exibição no momento.



Fig. 23 - Formadores e formandos produzindo Bonecos de Estremoz.

Foto: Luís Parente, 2019.

⁴⁸ PEREIRA, Jorge Manuel. (2019, setembro 26). *Bonecos de Estremoz dão mote a formação*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 962, p.11.



Fig. 24 - Inauguração da exposição dos trabalhos realizados durante o Curso de Técnicas de Produção de Bonecos de Estremoz, dezembro de 2019.

Fonte: Município de Estremoz.



Fig. 25 - Conjunto de trabalhos realizados pelos formandos.

Fonte: Município de Estremoz.

Assim, está para já garantida e, estamos em crer assegurada no futuro a manutenção da produção dos bonecos de acordo com a tradição e características de modelação associadas a esta arte estremocense.

No momento trabalha-se no plano com vista à instalação do Centro Interpretativo do Boneco de Estremoz no PMPM, tendo já sido adquiridos por parte da tutela um conjunto de bonecos aos barristas em atividade.

2.5 - Vocação

“O Museu Municipal de Estremoz é um serviço permanente, sem fins lucrativos, cuja vocação é a de preservar e divulgar a memória colectiva comunitária do concelho de Estremoz e da Região Alentejo, por intermédio do exercício das suas funções museológicas de incorporação, conservação, estudo e investigação, inventário e documentação, interpretação, segurança, exposição e educação.”⁴⁹

Se remetermos para a lei-quadro dos Museus Portugueses de 2004, nomeadamente no que ao conceito de Museu diz respeito, e especificamente fazendo uma interpretação da alínea a) e b) do artigo 3.º, verificamos as semelhanças que se observam relativamente à vocação do MME - PJV.

2.6 - Objetivos

O MME - PJV tem como objetivos primordiais:

1. *“Coleccionar os testemunhos materiais culturais resultantes da actividade do Homem neste concelho, promover a sua investigação, apresentação, preservação e conservação, com o fim último de dar a conhecer à comunidade e aos visitantes, a riqueza histórica e etnográfica do concelho de Estremoz e da Região Alentejo.*

2. *O Museu promoverá exposições temporárias de artes plásticas e etnografia, com o intuito de desenvolver a apetência pela arte em geral e cultura regional.*

3. *Para prossecução dos objectivos do MME, a CME estimulará a execução de parcerias, estabelecimento de Redes, bem como de protocolos de cooperação com entidades terceiras.”⁵⁰*

⁴⁹ Regulamento do Museu Municipal de Estremoz, artigo 2.º [s.d.]. Estremoz: [s.n.], p.2.

⁵⁰Idem, artigo 3.º, p.2

2.7 - Acervo

O MME - PJV possui coleções de características etnográficas, destacando-se os Bonecos de Estremoz, a Olaria e o Artesanato Regional. Além disso, em três divisões específicas do Museu procura-se fazer o retrato de uma casa antiga tipicamente alentejana, vislumbrando-se numa delas a chaminé (na zona da “cozinha”), com o respetivo mobiliário e utensílios domésticos. Além da “cozinha”, procura retratar-se também a designada “casa de fora” onde podem observar-se objetos essencialmente decorativos, embora alguns desses pudessem, caso necessário, tornar-se em objetos utilitários. Por fim a última divisão procura retratar o “quarto”, destacando-se o mobiliário, os objetos de cariz religioso e alguns de cariz decorativo.

Mais especificamente fazem parte do Museu as seguintes Coleções⁵¹:

Barrística de Estremoz: Figurado de Estremoz das coleções Júlio Maria dos Reis Pereira, Sabina Santos, Joaquim Vermelho, Escola de Artes e Ofícios, peças avulsas de barristas desde o início do século XX e peças de barristas a trabalhar na atualidade;

Olaria de Estremoz: Olaria Alfacinha, Emídio Viana, Mário Lagartinho e José Ourelo;

Cerâmica: Faiança de Estremoz, Fábrica do Rato, Sacavém e Coimbra; Olaria do Redondo; diversos;

Casa Alentejana: Mobiliário; instrumentos e utensílios de cozinha.

Arqueologia: Estelas; Castelo dos Mouros; Castelo velho de Veiros; achados fortuitos;

Artesanato: Coleção Joaquim Carriço; Coleção Joaquim Velhinho; Coleção Joaquim Pereira; Coleção José Vinagre; registos; diversos;

Arte Sacra: Coleção de cristos; Coleção da Igreja de Santo André; diversos;

⁵¹ Fonte: <https://www.cm-estremoz.pt/pagina/turismo/museu-municipal-de-estremoz-prof-joaquim-vermelho>, consulta a 31/10/2020

Artes Plásticas: Coleção de arte contemporânea (inclui coleção de Desenho dos anos vinte do século XX aos anos dez do século XXI);

Pintura Antiga: Pintura do séc. XVIII e XIX;

Outros: Coleção Virgílio Hall da Fonseca.

III. CUMPRIMENTO DAS FUNÇÕES MUSEOLÓGICAS

O MME - PJV reúne grande parte das funções museológicas, de acordo com a Lei-Quadro dos Museus Portugueses, de 2004, que devem ser cumpridas pelas instituições abrangidas pelo conceito de “Museu”. Para além disso, fazendo parte da RPM desde 2010, passou por um processo de avaliação e reconhecimento oficial da qualidade técnica que levou à sua credenciação.

3.1 - Estudo e Investigação

Segundo a Lei-Quadro, *“o estudo e a investigação fundamentam as acções desenvolvidas no âmbito das restantes funções do museu, designadamente para estabelecer a política de incorporações, identificar e caracterizar os bens culturais incorporados ou incorporáveis e para fins de documentação, de conservação, de interpretação e exposição e de educação”*.⁵² *“Nos últimos anos a investigação no MME - PJV tem avançado principalmente nas áreas das Cabeceiras de Sepultura, Faiança, Olaria, Barrística de Estremoz e Artesanato. Esta investigação tem resultado em conferências e artigos para revistas da especialidade”*.⁵³

No momento existe um projeto de investigação em curso relativo ao estudo material e técnico dos “Bonecos de Estremoz” da Coleção Júlio Reis Pereira, do MME - PJV, cumprindo assim com *“(...) o estudo e a investigação dos bens culturais nele incorporados ou incorporáveis.”*⁵⁴ O estudo tem como objetivo determinar a composição química dos materiais constituintes das obras, nomeadamente:

- Materiais originais que não sofreram alteração significativa;
- Materiais originais alterados;
- Materiais acrescentados (provenientes de uma intervenção posterior à execução da obra).

Existiu, até muito recentemente uma parceria não formalizada entre a instituição e a Universidade de Évora, nomeadamente uma parceria com o laboratório HERCULES. Esta parceria permitiu o estudo anteriormente referido, através do acesso a equipamentos

⁵² Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto de 2004 (Lei Quadro dos Museus Portugueses), artigo 8.º.

⁵³ GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.15.

⁵⁴ Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto de 2004 (Lei Quadro dos Museus Portugueses), artigo 9.º, ponto n.º 1.

adequados à identificação dos materiais mencionados. Segundo a Lei-Quadro, o seu artigo 10.º refere o seguinte: “*o museu utiliza recursos próprios e estabelece formas de cooperação (...) com organismos vocacionados para a investigação, designadamente estabelecimentos de investigação e de ensino superior, para o desenvolvimento do estudo e investigação sistemática de bens culturais*”.⁵⁵ Recentemente o Município instalou um laboratório de conservação e restauro, no PMMP, com acréscimo na melhoria das condições de investigação, o que permitirá aos colaboradores com habilitações adequadas usufruir do espaço, equipamentos e tecnologia em prol do desenvolvimento tecnológico e científico.

Além disso, a tutela do Museu disponibiliza com periodicidade regular, estágios curriculares e profissionais de acordo com as suas necessidades, tendo para isso estabelecido protocolos com estabelecimentos de ensino, um dos quais com a UÉ. Neste aspeto verifica-se mais uma vez o cumprimento das funções museológicas, sendo que “*o museu deve facultar aos estabelecimentos de ensino que ministrem cursos nas áreas da museologia, da conservação e restauro de bens culturais e de outras áreas disciplinares relacionadas com a sua vocação, oportunidades de prática profissional, mediante protocolos que estabeleçam a forma de colaboração (...)*”.⁵⁶

Está também programado, como medida de salvaguarda a criação de um Centro Interpretativo do Boneco de Estremoz, que ficará instalado no PMPM.

3.2 - Incorporação

A política de incorporação do MME - PJV baseia-se na incorporação de peças em falta nas coleções, de acordo com a sua originalidade, o contexto geográfico, histórico e a sua qualidade artística.⁵⁷

As incorporações registadas provêm essencialmente de doações ao museu e de aquisições efetuadas por parte da tutela, ou seja, pela CME, havendo ainda outras formas possíveis de incorporação previstas na lei.⁵⁸

⁵⁵ Idem, artigo 10.º.

⁵⁶ Idem, artigo 11.º.

⁵⁷ GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.14.

⁵⁸ Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto de 2004 (Lei Quadro dos Museus Portugueses), artigo 13.º.

3.3 - Inventário e Documentação

Segundo a Lei-Quadro, é dever do Museu inventariar e documentar os bens nele incorporados⁵⁹, sendo que o inventário museológico “*é a relação exaustiva dos bens culturais que constituem o acervo próprio de cada museu, independentemente da modalidade de incorporação*” e “*visa a identificação e individualização de cada bem cultural e integra a respetiva documentação de acordo com as normas técnicas mais adequadas à sua natureza e características*”.⁶⁰

No MME - PJV existe um inventário museológico, em suporte físico (papel) e em suporte informático. Este inventário, inicialmente inserido no programa “in Arte Plus – Sistemas de Futuro”, encontra-se em migração de dados para o programa “*collectiveaccess*”, um programa “*open source*”. A numeração seguida pelo museu segue a seguinte lógica: em primeiro lugar são atribuídas as iniciais do Museu ou do Núcleo Museológico respetivo, depois atribui-se um número geral, seguido das iniciais da coleção e finalmente um número sequencial atribuído a cada peça de acordo com a coleção respetiva. Veja-se o exemplo de uma ficha de inventário pertencente a uma peça do NMAA (anexo V). Nenhum número volta a ser atribuído a qualquer outra peça, ainda que essa peça tenha sido abatida.

Existem na instituição duas cópias do inventário em suporte papel e um *backup* do registo de inventário informatizado, no servidor do Gabinete de Tecnologias e Informação da CME.

3.4 - Conservação

Outro dos deveres do MME - PJV é o de conservar “*(...) todos os bens nele incorporados*” e garantir “*(...) as condições adequadas, promovendo as medidas preventivas necessárias à sua conservação*”.⁶¹ De acordo com esta norma, a conservação e restauro encontra-se sob responsabilidade de uma Técnica Superior com formação na área que efetua tarefas de prevenção, tratamento e restauro nas peças que assim o exigem.

Para controlo das condições de ambiente existem em grande parte das salas de exposição permanente e temporárias sistemas de desumidificação (anexo I, fig. 92) e de climatização (anexo I, fig. 93). Este controlo é feito através de medições regulares dos níveis

⁵⁹ Idem, artigo 15.º.

⁶⁰ Idem, artigo 16.º, ponto n.º 1 e ponto n.º 2.

⁶¹ Idem, artigo 27.º, ponto n.º 1 e ponto n.º 2.

de humidade e temperatura com recurso a termo higrógrafos (anexo I, fig. 94). A luz natural é controlada com recurso a janelas de madeira (anexo I, fig. 95) e alumínio (anexo I, fig. 96), havendo o cuidado e preocupação relativamente a este aspeto, para que a luz não incinda sobre os objetos em exposição. Já relativamente à iluminação cénica e expositiva (anexo I, fig. 97) adequa-se aos elementos uma vez que não incide diretamente sobre as peças.⁶²

Na sala das Reservas as peças que não estão patentes ao público estão armazenadas segundo todas as condições museográficas exigidas, separadas e acondicionadas por tipologia (fig. 26).⁶³



Fig. 26 - Coleção de desenhos acondicionada nas Reservas do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.

“A conservação dos bens culturais incorporados obedece a normas e procedimentos de conservação preventiva elaborados por cada museu”,⁶⁴ existindo por isso um Plano de Conservação Preventiva no MME - PJV desde 2009 que é executado de forma rígida.

⁶² Idem, artigo 29.º.

⁶³ Idem, artigo 30.º.

⁶⁴ Idem, artigo 28.º, ponto n.º 1.

3.5 - Segurança

“O museu deve dispor das condições de segurança indispensáveis para garantir a protecção e a integridade dos bens culturais nele incorporados, bem como dos visitantes, do respectivo pessoal e das instalações” que “(...) consistem designadamente em meios mecânicos, físicos ou electrónicos que garantem a prevenção, a protecção física, a vigilância, a detecção e o alarme.”⁶⁵

*“O sistema de segurança do MME - PJV é atual e eficaz, passando por um sistema de deteção de incêndio e um outro sistema de deteção de intrusos (anexo I, fig. 98 e fig. 99). Aliado a este último, há vídeo vigilância (anexo I, fig. 100), que permite um controlo mais eficiente sobre o acervo do museu, por parte dos colaboradores durante as visitas. No exterior, mais concretamente no quintal, estão instaladas duas câmaras, para evitar roubos de cantarias artísticas da antiga Igreja de Santo André. Um vídeo digital grava as imagens, sendo estas destruídas de acordo com a legislação em vigor”.*⁶⁶ Além deste sistema é feita vigilância presencial por parte de um colaborador, que acompanha os visitantes.

São ainda identificáveis extintores de incêndio (anexo I, fig. 101) localizados em sítios estratégicos, sinaléticas de saída de emergência (anexo I, fig. 102), sinaléticas indicativas de perigo (anexo I, fig. 103), sinaléticas proibitivas (anexo, fig. 104) e informativas (anexo I, fig. 105). Não estão identificadas plantas de emergência ao longo dos diferentes espaços do edifício.

O Museu possui desde 2008 um Plano de Prevenção e Emergência.

3.6 - Interpretação e Exposição

*“A interpretação e a exposição constituem as formas de dar a conhecer os bens culturais incorporados ou depositados no museu de forma a propiciar o seu acesso pelo público”.*⁶⁷

As exposições que constituem o MME - PJV são de carácter permanente e de carácter temporário.⁶⁸ A última renovação da exposição permanente ocorreu no dia 26 de junho de

⁶⁵ Idem, artigo 32.º, ponto n.º 1 e ponto n.º 2.

⁶⁶ GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.14.

⁶⁷ Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto de 2004 (Lei Quadro dos Museus Portugueses), artigo 39.º, ponto n.º 1.

⁶⁸ Idem, artigo 40.º.

2015, resultado do Programa de Salvaguarda e Valorização do Boneco de Estremoz, tendo sido financiada pelo INALENTEJO com o objetivo de renovar e inovar as coleções musealizadas. Foi feita uma renovação nas salas dos Bonecos de Estremoz e Artesanato e criado um novo espaço dedicado à Faiança de Estremoz.

Em relação às exposições temporárias o MME - PJV dá preferência a exposições de desenho, às de artesanato local e a temáticas que liguem diretamente ao acervo museológico. A última exposição temporária em exibição no MME - PJV foi uma exposição individual, de Carlos Godinho, intitulada: “Porquê? # pincel@RT.com... | aquilo que não encontrei |” (fig. 27 e fig. 28), que decorreu entre 10 de outubro de 2020 estendendo-se até 2 de Janeiro de 2021.



Fig. 27 - Cartaz da Exposição: “... Porquê? # pincel@RT.com... | aquilo que não encontrei|”

Foto: Ramalho, 2020.



Fig. 28 - Pinturas de Carlos Godinho, em exibição na Exposição: “... Porquê? # pincel@RT.com... | aquilo que não encontrei!”.

Foto: Ramalho, 2020.

A interpretação dos elementos expostos é feita através de painéis explicativos (anexo I, fig. 106) e legendas relacionadas com os objetos (anexo I, fig. 107). Está também disponível aos visitantes, na zona de acolhimento, um pequeno desdobrável com o Roteiro do MME - PJV (anexo I, fig. 108) que contém informações acerca das coleções expostas nos diferentes espaços. Possui também uma mesa interativa (anexo I, fig. 109), onde o visitante poderá visualizar o património material e imaterial existente em Estremoz. Embora não se encontre a funcionar de momento, esteve disponível um vídeo numa das salas dos Bonecos, produzido em 1976 por Lauro António, onde se dava a conhecer o modo de produção dos Bonecos de Estremoz, desde a recolha do barro à sua preparação e finalmente das técnicas associadas à sua criação.

Existe ainda a possibilidade de marcação de visitas guiadas ao MME - PJV realizadas por um colaborador do museu com formação específica na área de guia turístico. Este serviço é dirigido a grupos e terá que ser sempre requisitado com a devida antecedência junto dos serviços do museu.

A divulgação do MME - PJV é feita através do Posto de Turismo de Estremoz e da página web da CME.

3.7 - Educação

*“O museu desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais (...) no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos.”*⁶⁹

*“Nesta perspetiva, a função educativa do MME - PJV tem como objetivo genérico a promoção do saber-fazer do património material e imaterial regional. Mais especificamente, os objetivos deste sector passam pelo encontro de gerações e troca de conhecimentos, pela transmissão aos mais novos de aspetos básicos das cerâmicas locais (saber-fazer), marcando o contexto social e histórico, com enfoque nos Bonecos e Olaria de Estremoz. Para cultivar o encontro de gerações, e o conhecimento da realidade social dos séculos XIX e principio do de XX, fomenta uma ligação entre Lares e Centros de Dia com as Escolas. Neste aspeto, o MME - PJV surge como mediador do processo, orienta as ações e facilita, no contexto do espaço museológico, a transmissão de saber (pela realidade vivida) dos mais velhos às crianças e jovens.”*⁷⁰

Como se percebe as atividades educativas destinam-se essencialmente a jovens e crianças. Estas atividades serão tendencialmente gratuitas para grupos escolares e instituições de solidariedade social, desde que se faça o pedido com a devida antecedência junto dos serviços educativos do MME - PJV.

O serviço educativo do MME - PJV disponibiliza as seguintes atividades⁷¹:

“Visitas Guiadas ao Museu”

Ao longo das visitas guiadas (fig. 29) o público tem a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a história e cultura local, ao mesmo tempo que vai descobrir peças de artesanato ímpares.

Público-alvo: Público em geral.

⁶⁹ Idem, artigo 42.º. ponto n.º 1 e ponto n.º 2.

⁷⁰ GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n], p.15.

⁷¹ Fonte: <https://www.cm-estremoz.pt/pagina/turismo/museu-municipal-de-estremoz-prof-joaquim-vermelho>, consulta a 31/10/2020.



Fig. 29 - Visita guiada com um grupo do pré-escolar no espaço “Oficinal do Boneco”.

Foto: Rita Laranjo, 2018.

“História, modelação e pintura de um Boneco de Estremoz”

Através desta atividade os participantes conhecem não só a história dos Bonecos de barro de Estremoz, mas também têm a oportunidade de aprender e experimentar a sua técnica de modelação e pintura.

Público-alvo: Jardins-de-Infância e Escolas do 1.º, 2.º e 3.º ciclo.

“A Casinha Alentejana”

Conhecer antigos hábitos e modos de vida das pessoas do mundo rural alentejano através da exploração do interior e exterior de uma casa típica alentejana.

Público-alvo: Jardins-de-Infância e Escolas do 1.º ciclo.

“Púcaros e Pucarinhos” – “História da olaria de Estremoz”

Uma atividade que, para além de explorar as características e história da olaria local, dá a possibilidade aos participantes de criarem uma peça na roda e decorá-la seguindo as técnicas decorativas da olaria de Estremoz.

Público-alvo: Jardins-de-Infância e Escolas do 1.º ciclo.

“Visita/Jogo “Há descoberta do Museu”

Jogo de descoberta do museu através de pistas orientadoras.

Público-alvo: Escolas do 1.º, 2.º e 3.º ciclo.

“Histórias de um largo”

Visita guiada que permite a descoberta dos vários monumentos que se localizam no Largo D. Dinis, e das histórias que estes têm para nos “contar”.

Público-alvo: Jardins-de-Infância e Escolas do 1.º ciclo.

“Á Descoberta do Património Megalítico de Estremoz”

Visita guiada à Anta de “Entre Águas” (anexo I, fig. 110), na Serra d'Ossa, iniciativa que pretende envolver a comunidade escolar e chamar à atenção para a importância do património megalítico no concelho de Estremoz e do papel fulcral que estes monumentos megalíticos tiveram e têm na história e na identidade das comunidades locais.

Ao contrário das atividades anteriores, esta atividade ocorre esporadicamente, embora esteja disponível, terá sempre que se ver com a devida antecedência qual a disponibilidade para se realizar, junto do setor educativo do MME - PJV.

Para além destas atividades, o setor educativo do MME - PJV integra ainda atividades desenvolvidas pela CME, como é o caso da iniciativa “Estremoz Férias de Verão” (anexo I, fig. 111), que pretende ocupar os jovens durante o período de férias de Verão e tem como objetivo incutir nas crianças e jovens motivação para a prática desportiva, proteção do ambiente, conhecimento do património, entre outras, incluindo noções de cooperação, solidariedade, responsabilidade pessoal e coletiva. Esta é uma forma de acompanhar pedagogicamente as crianças e jovens, garantindo-lhe ao mesmo tempo a segurança necessária.

Nota: As atividades educativas encontram-se neste momento limitadas devido à pandemia da COVID-19 que emergiu no final de 2019. Contudo, está previsto a sua retoma logo que a situação sanitária assim o permita.

3.8 - Recursos Humanos

De acordo com a Lei-Quadro dos Museus Portugueses, artigo 44.º, “*o museu deve ter um diretor que o representa tecnicamente, sem prejuízo dos poderes da entidade pública ou privada de que o museu dependa.*”⁷² O Responsável Técnico do MME - PJV e seus Núcleos Museológicos é o Técnico Superior Hugo Guerreiro, colaborador na CME desde 1998, que assumiu o cargo em outubro de 2002, o qual mantém até ao presente. Hugo Guerreiro licenciou-se em História, ramo Património Cultural pela UÉ em 1997 e concluiu o plano de estudos da 1ª edição do Mestrado em Museologia com sucesso, na mesma Universidade em 2001.

Afetos ao MME - PJV e seus Núcleos Museológicos, a desempenhar funções de Assistentes Operacionais, encontram-se no momento quatro colaboradores no quadro de trabalhadores da CME e um em regime de contrato de trabalho com termo certo. A desempenhar funções de Assistentes Técnicos, encontram-se no quadro dois colaboradores. A desempenhar funções de Técnico Superior, encontram-se no quadro cinco colaboradores.⁷³ Para melhor compreensão das funções e habilitações dos funcionários, veja-se o quadro do mapa de pessoal (Apêndice I).

As ações de formação profissional⁷⁴ frequentadas pelos funcionários afetos ao MME - PJV são ações sugeridas pela RPM que, sob proposta do Responsável Técnico são normalmente aceites pela tutela.

Não existem protocolos de colaboração com associações, existindo apenas uma colaboração institucional entre o MME - PJV e o Centro de Ciência Viva de Estremoz. Também não se verifica a existência de voluntários a colaborar com o MME - PJV.⁷⁵

3.9 - Recursos Financeiros

“O museu deve dispor de recursos financeiros especialmente consignados, adequados à sua vocação, tipo e dimensão, suficientes para assegurar a respectiva sustentabilidade e o cumprimento das funções museológicas”, sendo que *“a garantia dos*

⁷² Idem, artigo 44.º, ponto n.º 1.

⁷³ Idem, artigo 45.º.

⁷⁴ Idem, artigo 46.º.

⁷⁵ Idem, artigo 47.º.

recursos financeiros (...) bem como da sua afectação, cabem à entidade da qual o museu depende.”⁷⁶

Os recursos financeiros do MME - PJV estão sob a responsabilidade da tutela, que elabora um orçamento geral para os serviços da CME e no qual estão discriminadas verbas específicas como sejam: atividades, aquisição de peças para o acervo, materiais ou intervenções necessárias nos diversos equipamentos sob alçada do MME - PJV. Essas propostas são feitas pelo seu Responsável Técnico. Os recursos financeiros provêm assim da tutela, que para além das verbas anteriormente referidas, suporta o vencimento dos funcionários do MME - PJV. Todas as receitas obtidas no MME - PJV revertem de igual forma para a CME.

3.10 - Instalações

“O museu deve dispor de instalações adequadas ao cumprimento das funções museológicas, designadamente de conservação, de segurança e de exposição, ao acolhimento e circulação dos visitantes, bem como à prestação de trabalho do seu pessoal.”⁷⁷ As áreas funcionais do edifício principal do MME - PJV encontram-se divididas por salas, e serão identificados por números sequenciais de forma a facilitar a perceção dos espaços expositivos:

- Sala n.º 1 - Receção com espaço de venda

No 1.º piso encontra-se a zona de receção e acolhimento dos visitantes (anexo I, fig. 112) com a respetiva bilheteira eletrónica. Neste espaço encontram-se em exposição coleções de azulejaria, mobiliário e metrologia. Junto ao balcão da receção encontram-se para venda algumas peças de barrística bem como publicações relativas ao concelho de Estremoz (anexo I, fig. 113). Neste local encontra-se ainda a casa de banho (anexo I, fig. 114).

- Salas n.º 2, 3 e 4 - Salas de Barrística de Estremoz

No mesmo piso encontram-se as salas relativas à exposição de Bonecos de Estremoz (fig. 30). Através da sala n.º 2 podemos aceder a uma pequena sala que pretende reproduzir um espaço oficial afeto à produção de Bonecos de Estremoz.

⁷⁶ Idem, artigo 48.º, ponto n.º 1 e ponto n.º 2.

⁷⁷ Idem, artigo 50.º.



Fig. 30 - Sala dos Bonecos de Estremoz do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.

- Sala n.º 5 - Sala da Faiança de Estremoz

No piso inferior situa-se igualmente a sala dedicada à Faiança de Estremoz (anexo I, fig. 115).

- Sala n.º 6 - Sala da Olaria de Estremoz

Finalmente ao nível do piso inferior, acedendo através da sala da Faiança, encontra-se a exposição relacionada com a Olaria de Estremoz (anexo I, fig. 116).

- Sala n.º 7 - Sala das Exposições Temporárias

Ascendendo ao piso superior encontra-se uma sala ampla que tem como função a exibição de exposições temporárias (anexo I, fig. 117) no domínio das artes plásticas, na área da pintura, desenho e fotografia.

- Salas n.º 8 e 9 - Salas de Artesanato

Ao mesmo nível encontram-se as salas com exposição de Artesanato e Arte Popular, reunindo peças de autores locais (anexo I, fig. 118).

- Salas n.º 10, 11 e 12 - Casa Alentejana:

Finalmente ao nível do 2.º piso encontra-se em exposição objetos que permitem fazer a reconstituição de uma “Cozinha Alentejana” (fig. 31), “Casa de Fora” (anexo I, fig. 119) e “Quarto” (anexo I, fig. 120), respetivamente.



Fig. 31 - “Cozinha” do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.

Para além destas salas expositivas, encontramos afetos ao MME - PJV os seguintes espaços a saber:

- Quintal:

A nível térreo encontra-se um espaço aberto (fig. 32), onde se encontram as cantarias artísticas provenientes da Igreja de St.º André. Em harmonia com este espaço, coincidem três dependências: a primeira utilizada atualmente para realização de atividades educativas (anexo I, fig. 121 e fig. 122); a segunda ocupada pela antiga cisterna do edifício (anexo I, fig. 123), atualmente desativada, local onde se encontra em exposição um presépio (anexo I, fig. 124) da autoria de Sabina Santos; a terceira ocupada pelas reservas da coleção de arqueologia (anexo I, fig. 125).



Fig. 32 - Quintal, visto do 2.º piso do edifício do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.

- Gabinete Multifunções:

Situado ao nível do 1.º piso, este espaço apresenta-se como sala multifunções (anexo I, fig. 126), funcionando como gabinete onde se efetua a inventariação de peças, entre outros;

- Sala das Reservas:

A sala das reservas (anexo I, fig. 127) situa-se ao nível do 2.º piso, junto ao “Quarto”, contendo peças de várias coleções que não estão patentes ao público;

- Gabinete Técnico:

Situado ao nível dos entreforros, este espaço destina-se ao trabalho da equipa técnica, local adaptado para o efeito (anexo I, fig. 128).

Existem ainda outros espaços afetos ao MME - PJV, que têm as seguintes funções:

- Edifício anexo ao MME - PJV:

Sito na Rua da Ladeira ou antiga Rua do Albocaz, na envolvência do largo D. Dinis, este espaço funciona como armazém (anexo I, fig. 129) onde se guardam materiais diversos.

- Galeria Municipal Dom Dinis:

Também situada no largo D. Dinis, junto à Igreja de St.^a Maria, este espaço funciona essencialmente como sala de exposições temporárias (fig. 7).

- Palácio dos Marqueses de Praia e Monforte:

Este edifício (fig. 21), situado na zona baixa da cidade junto ao Pelourinho, alberga o laboratório (anexo I, fig. 33 e fig. 34) afeto ao Museu e onde se vai instalar em breve o Centro Interpretativo do Boneco de Estremoz.



Fig. 33 - Laboratório instalado no PMPM.

Foto: Ramalho, 2020.



Fig. 34 - Mesa de apoio do laboratório instalado no PMPM.

Foto: Ramalho, 2020.

- Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola:

Este espaço situado num pavilhão junto aos Silos guarda toda a coleção da Alfaia Agrícola e funciona como Reserva Visitável. (fig. 35)



Fig. 35 - Pavilhão onde se encontra instalado o NMAA, 2015.

Fonte: Município de Estremoz.

Com exceção do edifício anexo ao MME - PJV (propriedade do Ministério da Defesa) e do pavilhão onde se encontra instalado o NMAA (propriedade da EPAC), todos os restantes edifícios são propriedade da CME.

3.11 - Acessibilidades Físicas e Intelectuais

Esta é uma das lacunas identificáveis no cumprimento das funções museológicas do MME - PJV. Além de não cumprir com a Lei n.º 38/2004, de 18 de agosto, que define as bases gerais do regime jurídico da prevenção, habilitação, reabilitação e participação da pessoa com deficiência e do Decreto-Lei n.º 163/2006, de 8 de agosto, que estabelece o regime de acessibilidades aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais, também não obedece à Lei-Quadro dos Museus Portugueses, que estabelece no seu artigo 59.º, que *“os visitantes com necessidades especiais, nomeadamente pessoas com deficiência, têm direito a um apoio específico”*, sendo que o Museu *“(…) promove condições de igualdade na fruição cultural”*,⁷⁸ situação que não se verifica, uma vez que o acesso a todos os pisos do edifício é feito através de escadarias (anexo I, fig. 130 e fig. 131), notando-se a ausência de qualquer tipo de rampas de acesso para pessoas com deficiência / mobilidade reduzida. Para além disso, também não existe nenhum elevador que possibilite o acesso aos pisos superiores do edifício. A casa de banho também não está adaptada a pessoas com deficiência / mobilidade reduzida. No exterior do edifício também se nota a ausência de lugares de estacionamento para deficientes.⁷⁹

No que toca à acessibilidade intelectual, apesar de existirem painéis explicativos e legendas relativos aos objetos expostos, estes estão redigidos em português, o que dificulta a interpretação dos elementos em exposição por parte dos visitantes estrangeiros. Em termos de linguagem, embora seja acessível aos diversos públicos, poderá haver alguma dificuldade de compreensão por parte das camadas mais jovens, especialmente na parte da “Casa Alentejana”, uma vez que muitos destes jovens nunca tiveram contacto com muitos dos objetos expostos, podendo ser difícil para eles interpretar os objetos em exposição. Verifica-se ainda a ausência de painéis com legendas escritas em braille, impossibilitando a interpretação por parte dos invisuais ou de pessoas com baixa visão.

⁷⁸ Idem, artigo 59.º, ponto n.º 1 e ponto n.º 2.

⁷⁹ Lei n.º 48/2017, de 7 de Julho.

3.12 - Acesso Público

“O museu garante o acesso e a visita pública regular. O horário de abertura deve ser regular, suficiente e compatível com a vocação e a localização do museu, bem como com as necessidades das várias categorias de visitantes.”⁸⁰

3.12.1 - Horário de Abertura

O MME - PJV funciona de terça a domingo, encerrando ao público nas segundas-feiras, feriados nacionais e feriado municipal, tolerâncias de ponto decretadas pelo Governo, bem como pelo executivo municipal, durante o horário das 9h às 12:30h e das 14h às 17:30h. As informações relativas ao horário e dias de abertura encontram-se disponíveis para consulta na vitrina exterior do edifício (anexo I, fig. 132), no balcão da receção do MME - PJV (anexo VI) sendo também publicitado no *website* da CME.

Os diferentes Núcleos e Salas de Exposições Temporárias têm horários e dias de abertura definidos pelo executivo municipal, que poderão ser diferentes do horário do MME - PJV.

3.12.2 - Sinalização

As placas existentes indicando o caminho a seguir até ao MME - PJV encontram-se distribuídas de forma estratégica pela cidade, havendo especificamente uma placa na zona baixa da cidade, junto ao Pelourinho, uma outra no acesso ao centro histórico junto à Porta da Frandina (anexo I, fig. 133) e finalmente outra junto à Porta de Santarém. Além disso, o edifício encontra-se identificado com a designação do Museu (anexo I, fig. 134). Existe ainda sinalização correspondente a lugares de estacionamento afetos ao MME - PJV, junto ao edifício (anexo I, fig. 135).

⁸⁰ Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto de 2004 (Lei Quadro dos Museus Portugueses), artigo 54.º, ponto n.º 1 e ponto n.º 2.

3.12.3 - Ingresso

O valor das entradas⁸¹ no MME - PJV são as constantes da tabela de tarifas e preços*, definidas em cada ano pela CME, sendo que à data de elaboração deste relatório se aplica o seguinte preçário:

1) Entradas no MME - PJV

a) Individual - 1,55 €.

b) Grupos (por cada 10 Visitantes) - 6,20 €.

c) Entidades com protocolo (condições a definir em protocolo).

d) Isenções:

- Idade inferior a 12 anos;

- Visitas de estudo de professores e alunos;

- A entrada é grátis nas terças-feiras.

2) Serviço de visitas guiadas

a) Por solicitação de agência de viagens (grupos até 50 pessoas):

- Visita de meio-dia - 54,20 €;

- Visita de dia inteiro - 97,65 €;

- Grupos superiores a 50 pessoas, acresce por cada pessoa – 1,10€.

b) Pessoas individuais que efetuem marcação prévia (visitas de meio-dia a rotas e percursos a definir pelo Município):

- Idade igual ou superior a 12 anos - 2,15 €.

c) Por solicitação de outras entidades (grupo até 50 pessoas):

- De Segunda a Sexta-feira (preço por pessoa) - 0,55 €;

- Sábados, Domingos e feriados (preço por pessoa) - 1,10 €.

d) Isenções:

- Idade inferior a 12 anos;

- Grupos escolares/visitas de estudo;

- Por deferimento do Presidente da Câmara, quando esteja em causa a promoção e divulgação do concelho de Estremoz.

*Em casos específicos a aplicação das tarifas e preços previstos poderão sofrer alterações através de deliberação da CME.

⁸¹ Idem, artigo 55.º.

3.12.4 - Registo de Visitantes

*“Devem ser registados os ingressos de visitantes do museu e dos utentes de outros serviços, tais como do centro de documentação, da biblioteca e das reservas.”*⁸² A contabilização dos visitantes / utilizadores do MME - PJV é feito de forma manual, sendo contabilizado o número de pessoas, respetiva nacionalidade e o horário em que se efetuaram as visitas. No final de cada dia, o registo manual efetuado no MME - PJV e seus Núcleos Museológicos é inserido em sistema informático (ver anexo VII e VIII).

3.12.5 - N.º de Visitantes

Os dados obtidos nos últimos quatro anos, correspondentes ao número de visitantes do MME - PJV e seus Núcleos Museológicos (anexo IX) são os seguintes:

- **Ano de 2016** – 24576 visitantes;
- **Ano de 2017** – 17540 visitantes;
- **Ano de 2018** – 20153 visitantes;
- **Ano de 2019** - 21292 visitantes

Se fizermos uma análise rápida e superficial dos números apresentados relativos a estes anos, verificamos que de 2016 para 2017 houve um decréscimo na ordem dos 30% no número de visitantes, estabilizando em 2018 e 2019 num número próximo à média verificada nos quatro anos analisados.

3.12.6 - Estudos de Público

*O museu deve realizar periodicamente estudos de público e de avaliação em ordem a melhorar a qualidade do seu funcionamento e atender às necessidades dos visitantes.”*⁸³ No que toca a este aspeto não existe um estudo detalhado, até porque o registo do público se limita ao número total, tipo de nacionalidade e horário da visita dos utilizadores que frequentam o MME - PJV e seus Núcleos Museológicos, sem especificar entre outros, por exemplo:

- Género, idade e habilitações literárias dos visitantes;

⁸² Idem, artigo 56.º, ponto n.º 1.

⁸³ Idem, artigo 57.º.

- Género, idade e nível escolar das crianças e jovens que frequentam as atividades educativas;
- Número de utilizadores que recorrem ao serviço de visitas guiadas;
- Número de estudantes / investigadores / especialistas que recorrem ao Museu para realizar pesquisas para os seus trabalhos.

3.12.7 - Acesso à Sala das Reservas

*“O acesso aos bens culturais guardados nas reservas e à documentação que lhe está associada constitui um princípio orientador do funcionamento do museu, especialmente nos casos relacionados com trabalhos de investigação”, inviabilizado, “(...) designadamente quando as condições de conservação dos bens culturais não o aconselhem ou por razões de segurança.”*⁸⁴ Nesta aspeto somente os colaboradores afetos ao Museu têm acesso à sala das Reservas do MME - PJV. Também os estudantes / investigadores / especialistas podem pedir junto do responsável do Museu (fundamentando o pedido e a que tipo de trabalho se destina) que decide sob a viabilidade do acesso, assim as condições de conservação e segurança o permitam.

3.12.8 - Livro de Sugestões e Reclamações

No MME - PJV existe livro de sugestões e reclamações (anexo I, fig. 136), de acordo com o artigo 62.º da Lei-Quadro de Museus, que na sua redação refere que *“cada museu deve dispor de um livro de sugestões e reclamações”*, tendo este que estar *“(…)visível na área de acolhimento dos visitantes”* podendo aqueles *“(…) livremente inscrever sugestões ou reclamações sobre o funcionamento do museu.”*⁸⁵

⁸⁴ Idem, artigo 60.º, ponto n.º 1 e ponto n.º 2.

⁸⁵ Idem, artigo 62.º, ponto n.º 1 a ponto n.º 3.

IV. NÚCLEO MUSEOLÓGICO DA ALFAIA AGRÍCOLA

4.1 - Contextualização Rural

No período compreendido entre início do séc. XX até meados dos anos setenta / oitenta do séc. XX, os campos alentejanos encontravam-se divididos em parcelas de terreno que se dominavam herdades, onde se centrava toda a exploração agrícola-pecuária denominada lavoura. No centro dessas herdades encontrava-se o “monte”, isto é, a casa de habitação de qualquer herdade. O monte escolhido para sede da herdade acomodava, em certos casos: os lavradores, determinados trabalhadores, mantimentos, cereais, forragens, alfaias agrícolas, animais domésticos, etc., dependendo da(s) herdade(s) e da dimensão do próprio monte.⁸⁶

Na região de Estremoz, no período que referimos no parágrafo anterior, a exploração agrícola nas herdades estremocenses centrava-se sobretudo na exploração da cultura cerealífera, nomeadamente: produção de trigo, cevada, aveia, centeio e milho bem como no cultivo de algumas leguminosas, como por exemplo o gão, as favas, o feijão, os chicharos, etc.

Junto dos “montes”, algumas herdades de grandes dimensões continham também uma horta ou quinta (onde se produziam hortaliças e frutas para consumo do monte), olival e vinha, esta última cultura de menor predominância.⁸⁷

Conseguimos identificar também a existência de terrenos de natureza diversa, em herdades, possuindo montado de azinho e sobro, onde simultaneamente se produziam cereais e pastagens para o gado.⁸⁸

O recurso à exploração pecuária, nomeadamente criação de galináceos, gado ovino, bovino, caprino e suíno, além da existência de outros animais que ajudavam nas tarefas diárias do campo, como por exemplo gado equídeo e bois para a lavoura, completavam o quadro de produção que se verificava na generalidade das herdades alentejanas.

Os trabalhos nas herdades originavam um conjunto de etapas e atividades que evoluíam e decorriam de acordo com o clima e a estação do ano e, de igual forma, um cem número de profissões diretamente ligadas à faina agrícola. Uma lavoura da região era

⁸⁶ Picão, José da Silva. (1947). *Através dos Campos: usos e costumes Agrícola - Alentejanos – Concelho de Elvas*. Lisboa: Neogravura, 2ª edição.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Idem.

constituída (em maior ou menor número), de acordo com as dimensões da herdade, por criadagem permanente, a saber:

- *“Um guarda de herdades, um ou dois carpinteiros, um abegão, um sota, dois boieiros, um cozinheiro, um amassador, carreiros, ganhões, hortelão, tratador de cavalos, e um paquete. Ganadeiros - Pastores: um moiral de ovelhas e dois ou mais entregues, um para cada rebanho, com o seu respetivo ajuda. Porqueiros: um moiral de porcas e dois ou mais entregues e seu respetivo ajuda. Dois vaqueiros; um eguariço e um cabreiro.”*⁸⁹

Além dos trabalhadores permanentes, empregavam-se pessoal transitório a saber:

- *“Dois corta-ramas; um racho de 20 a 40 mondadeiras; uma camarada de ceifeiros-ratinhos (30 a 40) com os seus respetivos enrilheiradores e tardão; uma camarada de 12 a 20 tosquiadores de gado lanígero; um grupo de 2 a 6 gadanheiros de feno; um ou dois roupeiros; um lançarote; dois cordoeiros; um melancieiro ou meloeiro; um guarda da eira; um semeador; um embelgador; dois valadeiros; um rancho de mulheres no apanho da azeitona e da bolota; um açougueiro; dois alavoeiros; um perunzeiro, etc.”*⁹⁰ Nota para o facto da denominação associada a estas profissões poderem variar de acordo com o concelho ou região do Alentejo onde se situam.

O ano agrícola nas regiões alentejanas dividia-se em duas épocas: *“(…) a primeira desde o começo da sementeira outonal (22 de setembro) até ao último de maio; a segunda – a de verão – desde o 1.º de junho até ao “S. Mateus.”*⁹¹

Os serviços culturais que derivavam da produção cerealífera constavam dos seguintes: *“lavouras propriamente ditas, gradagem, desmoita, adubação, sementeira, monda, ceifa, acarretos e debulha.”*⁹²

Naturalmente, todo o processo ligado ao trabalho nas herdades, os “montes”, os trabalhadores, as profissões existentes (diretas ou indiretamente relacionadas com a atividade agrícola), as alfaias agrícolas, os animais e todos os pertences que auxiliavam nas tarefas do campo, a atividade cultural, social e comunitária, eventos da vida privada e religiosa, deram origem a testemunhos materiais e imateriais. Em determinada altura, sob pena de perda da memória coletiva, pessoas interessadas e preocupadas com o evidente risco de desaparecimento, resolveram reunir o máximo de testemunhos da atividade agrícola de outros tempos.

⁸⁹ Idem, p.56.

⁹⁰ Idem, p.57.

⁹¹ Idem, p.113.

⁹² Idem, p.248.

Entretanto, com a evolução da museologia, instituíram-se em Portugal, entre os anos sessenta e oitenta do séc. XX, museus relacionados com a temática agrícola, em que os acervos se constituíram com elementos ligados à etnografia, vida rural e trabalho no campo. Em Estremoz, nos anos oitenta, constituiu-se o Museu da Alfaia Agrícola, com um acervo de grande valor quer em número de peças, quer em termos de representatividade.

4.2 - Historial do Núcleo

Dados anteriores à constituição do Museu da Alfaia Agrícola...

A primeira notícia da possível criação de um Museu Agrícola em Estremoz surge em 1973. Segundo notícia do Jornal “Brados do Alentejo”, a ideia da criação deste Museu tinha a aprovação do falecido Presidente Luís Pascoal Rosado a quem faltou tempo para concretizá-la e aceitação por parte do Presidente em funções à data, Jorge Cortes de Sousa Maldonado.⁹³

Em 1979, realiza-se uma mostra de peças da antiga lavoura do concelho, nas Festas da Exaltação da Santa Cruz. Apesar da sua pequena dimensão, conseguida através de contactos feitos junto dos agricultores da região (apenas dezoito peças em exposição), chegou-se à conclusão que poderia organizar-se mostra idêntica em eventos futuros. Resultante dessa primeira mostra, realiza-se em 1981 a segunda mostra por ocasião das festas da cidade, conseguindo-se reunir, para a exposição, cerca de cento e oitenta peças.⁹⁴

História do Museu da Alfaia Agrícola...

Durante a realização da III Feira de Arte Popular e Artesanato que decorreu entre 25 e 28 de julho de 1985, mostras de alfaias agrícolas na edição desse ano (fig. 36 a fig. 38) e na edição seguinte deram origem a uma grande exposição na I FIAPE - Feira Internacional Agro-Pecuária e de Artesanato de Estremoz (anexo I, fig. 137), que decorreu de 1 a 8 de maio de

⁹³ *Um Museu Agrícola em Estremoz*. (1973, junho 3). Jornal Brados do Alentejo, ano XLIII, n.º 2188, p.1 e p.6.

⁹⁴ PISCO, Adosinda e VERMELHO, Joaquim. [s.d.]. *Exposição A Alfaia Agrícola e o Património Cultural e Natural*. I.C.E. – Projeto das Escolas Rurais, p.4.

1987. Estiveram em exposição mais de quatro mil peças recolhidas pelo Sr. Crispim Vicente Serrano (anexo I, fig. 138), funcionário da CME.⁹⁵

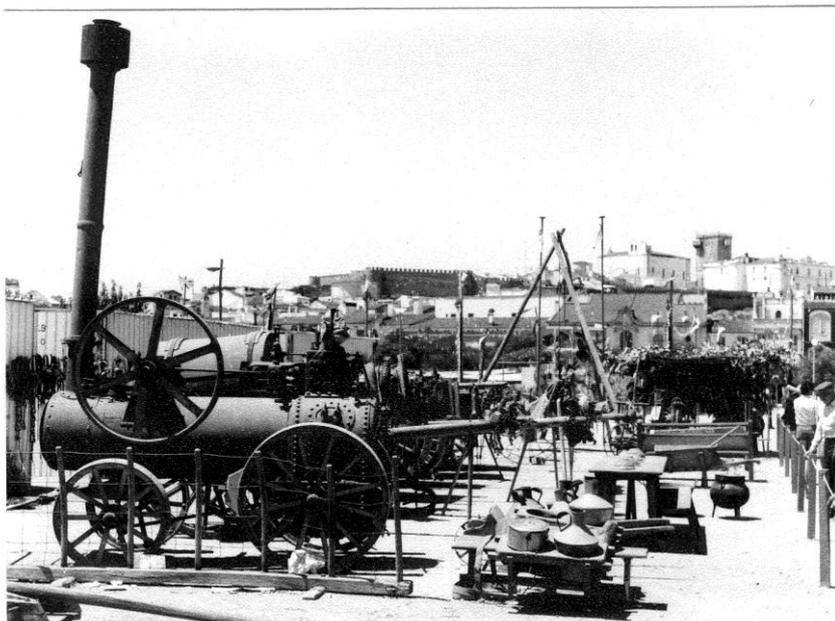


Fig. 36 - Aspeto geral da I Exposição de Maquinaria e Alfaias Agrícolas, julho de 1985.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/B-A/005/003-00071



Fig. 37 - I Exposição de Maquinaria e Alfaias Agrícolas: transportes de tração animal, julho de 1985.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/ JV/B-A/005/003-00046

⁹⁵ GUERREIRO, Hugo (2010). *Programa Museológico do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: para umas Reservas Visitáveis # Imóvel construído de raiz*. Estremoz: [s.n], p.3.



Fig. 38 - I Exposição de Maquinaria e Alfaias Agrícolas: Crispim Serrano segurando aprestos junto de transportes de tração animal, julho de 1985.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/ JV/B-A/005/003-00046.

“Um fantástico trabalho de recuperação das peças foi efetuado por uma equipa da CME, liderada por esse funcionário da autarquia, na Horta do Quíton (fig. 39). Desse espaço cerca de quatro mil peças foram transferidas para um imóvel devoluto da EPAC, sito na Rua Serpa Pinto em Estremoz. Em apenas 15 dias o Prof. Joaquim Vermelho (fig. 40), auxiliado por trabalhadores da CME, montou uma exposição temporária que seria apresentada durante a FIAPE.”⁹⁶

⁹⁶ Idem.



Fig. 39 - Recuperação, limpeza e conservação de um trilho na Horta do Quíton, anos 80 do séc. XX.

Fonte: PISCO, Adosinda e VERMELHO, Joaquim. [s.d.]. *Exposição A Alfaia Agrícola e o Património Cultural e Natural*. I.C.E. – Projeto das Escolas Rurais, p.5.



Fig. 40 - Prof. Joaquim Vermelho: patrono do MME.

Fonte: <http://museuestremoz.blogspot.com/2012/09/na-passagem-do-10-aniversario-damorte.html>, consulta a 10/09/2020.

No entanto, por uma conjugação de vontades a vasta exposição passou de temporária a permanente, ficando o respetivo imóvel como instalação do Museu da Alfaia Agrícola⁹⁷. Segundo notícia publicada no Jornal local “Brados do Alentejo”, de junho de 1987, a CME

⁹⁷ Idem.

celebrou na altura um contrato de arrendamento com a EPAC, proprietária do imóvel, pelo valor de cinquenta contos mensais⁹⁸.

Quanto ao imóvel onde foi instalado (anexo I, fig. 139), a sua construção data de finais do século XIX, um exemplar de arquitetura industrial, onde funcionou a primeira moagem elétrica da região⁹⁹ (anexo I, fig. 140). Esteve sempre ligado à vida de Estremoz e à atividade agrícola, tendo passado posteriormente a propriedade da Federação Nacional dos Produtores de Trigo e desta para a EPAC, que o tinha há largos anos encerrado.

Foi então criada uma Comissão Instaladora do Museu da Alfaia Agrícola, constituída pelo então Presidente da CME, Dr. João Carrapiço, pela Vereadora da Cultura, Isabel Taborda de Oliveira, pelo Diretor do Museu Municipal, Prof. Joaquim Vermelho, pelo Prof. Pedro Borges, pelo senhor Eng.º Firmino Comprido, pela senhora Dr.ª Maria Reynolds de Sousa e pelo senhor José Afonso Tabaquinho, “ (...) conjunto de cidadãos estremocenses preocupados com o desaparecimento da memória local ao nível da agricultura, unindo esforços para dinamizar culturalmente o espaço e pressionarem instituições locais, regionais e nacionais para que estas não deixassem de atuar, de modo a que tão significativo acervo desaparecesse.”¹⁰⁰

Resultado dessa insistência e com uma atuação sempre ativa por parte da autarquia, o Departamento do Instituto Português de Etnologia do Património Cultural envia o antropólogo Henrique Coutinho Gouveia para se fazer um estudo tendo em vista a possibilidade de se criar um Museu de Agricultura Regional com o espólio existente. Em Março de 1989, o estudo encontra-se finalizado e é entregue uma proposta de projeto para apreciação. Por motivos que não importa mencionar, o projeto acabou por não se materializar.¹⁰¹

“Entretanto, em 1988, o Museu vê reconhecido o estatuto de Manifesto Interesse Cultural por parte da Secretaria Regional da Agricultura (anexo I, fig. 141), o que lhe permitia, teoricamente, aceder ao Mecenato Cultural, situação que nunca se veio a concretizar.”¹⁰²

⁹⁸ Reuniões da Câmara: O que lá se passou em 2 de Junho - Museu da Agricultura. (1987, junho 19). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 186, p.3.

⁹⁹ Fábrica de Moagem. (1915, junho). O Jornal d'Estremoz, n.º 1459.

¹⁰⁰ GUERREIRO, Hugo (2010). Programa Museológico do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: para umas Reservas Visitáveis # Imóvel construído de raiz. Estremoz: [s.n], p.3 - p.4.

¹⁰¹ Idem, p.4

¹⁰² Idem.

No mesmo ano, em novembro, realiza-se um encontro de doadores e depositários (anexo I, fig. 142) que permitiu a criação do Museu (fig. 41).¹⁰³

No início da década de noventa do séc. XX, funcionou no edifício do MAA um curso de Património e Museologia ministrado pela EPRAL, que tinha como objetivo ligar os alunos ao Museu. Neste ponto é de salientar a intervenção pró-ativa do Prof. Joaquim Vermelho, docente no referido curso.¹⁰⁴



Fig. 41 - Antigas instalações do MAA: Máquina Debulhadora.

Fonte: PISCO, Adosinda e VERMELHO, Joaquim. [s.d.]. *Exposição A Alfaia Agrícola e o Património Cultural e Natural*. I.C.E. – Projeto das Escolas Rurais, p.15.

No dia 18 de janeiro de 1996 constituiu-se a ETMOZ - Associação Cultural e Etnográfica de Estremoz (anexo I, fig. 143) que tinha como objetivos: “*apoiar e incentivar a recolha, conservação, valorização e investigação do Património Cultural, Histórico e Ambiental da Região, procurando, designadamente promover um centro de atividades de animação cultural, de extensão educativa e de atração turística; fomentar Pólos de investigação científica interdisciplinar; incrementar relações com organizações que prosseguissem fins semelhantes e estimular a organização de um Museu e de um Centro de*

¹⁰³ *Alfaia Agrícola – Encontro de doadores e de depositários?* (1988, dezembro 2). *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 220, p.8.

¹⁰⁴ GUERREIRO, Hugo (2010). *Programa Museológico do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: para umas Reservas Visitáveis # Imóvel construído de raiz*. Estremoz: [s.n], p.4.

Recuperação Histórico e Tecnológico”¹⁰⁵. A ETMOZ surgiu a partir do trabalho da Comissão do Museu da Alfaia Agrícola, que acabou por se extinguir. A ETMOZ “herdou” assim o espólio existente no MAA contando com o apoio da autarquia local que fazia parte do seu Conselho Consultivo.

Através de uma colaboração entre a ETMOZ e dando concretização ao Projeto “Escolas Isoladas” desenvolveram-se a partir de 1998 (anexo I, fig. 144 e fig. 145), um conjunto de atividades ligadas às Escolas e Jardins-de-Infância (anexo I, fig. 146 e fig. 147), prolongando-se até 2002, altura em que se deu o seu término.¹⁰⁶

A 2 agosto de 1999, a CME e o Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território celebram um contrato programa de cooperação técnica e financeira (anexo I, fig. 148) para aquisição do edifício onde estava o MAA, na Rua Serpa Pinto. O investimento para aquisição do imóvel ascendia a 37500 contos. Tal contrato não chegou a concretizar-se”.¹⁰⁷

Em 2003, o protocolo estabelecido entre a ETMOZ e a CME alterou-se, “*ficando a autarquia com a gestão total das coleções e do imóvel, sendo as coleções integradas no MME, enquanto Núcleo Museológico*”.¹⁰⁸

Em novembro de 2005, por questões relacionadas com a segurança e estado de degradação do imóvel, tenta a autarquia retirar as coleções para um espaço afeto ao Regimento de Cavalaria n.º 3. Observou-se que não havia condições para tal.¹⁰⁹

Em 2005, durante a realização do evento gastronómico: “Cozinha dos Ganhões”, surge uma alternativa à recuperação do Núcleo, através da entrega da gestão à Fundação “Alentejo Terra Mãe”, com a salvaguarda do projeto museológico que estes iam desenvolver. A ideia passava por se fazer a reconstituição de uma antiga Herdade Agrícola Alentejana. No entanto, havia sido imposta como condição essencial para o desenvolvimento do projeto a

¹⁰⁵ *ETMOZ: Transformar uma coleção num Museu*. (1996, maio 31). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 402, p.1 e p.9.

¹⁰⁶ GUERREIRO, Hugo (2010). *Programa Museológico do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: para umas Reservas Visitáveis # Imóvel construído de raiz*. Estremoz: [s.n], p.4

¹⁰⁷ *Alfaia Agrícola em instalações próprias*. (1999, setembro 10). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 479, p.8.

¹⁰⁸ GUERREIRO, Hugo (2010). *Programa Museológico do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: para umas Reservas Visitáveis # Imóvel construído de raiz*. Estremoz: [s.n], p.4

¹⁰⁹ Idem, p.5.

obrigatoriedade da Herdade se localizar no concelho de Estremoz. Este projeto também não viria a concretizar-se.¹¹⁰

“Em 2009 fica decidido que a situação do acervo era insustentável, pelo que o executivo municipal iniciou negociações com a EPAC para aluguer de um pavilhão que acolhesse as coleções. A 15 de julho de 2010, após obras de adaptação do pavilhão, começa a transferência das peças do antigo Museu (concluída em 2011), para um armazém junto aos Silos da EPAC” (fig. 35).¹¹¹

Após a recuperação de parte das coleções e a sua exposição em Reserva Visitável (fig. 42 e fig. 43), o Núcleo Museológico abre em junho de 2013.¹¹²



Fig. 42 - Reservas visitáveis do NMAA: Locomóvel e Máquina Debulhadora, 2015.

Fonte: Município de Estremoz.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Idem.

¹¹² PEREIRA, Jorge Manuel. (2013, junho 27). *Museu da Alfaia Agrícola já abriu*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 813, p.8.



Fig. 43 - Reservas visitáveis do NMAA: Oficina de Carpintaria e Máquina de Moldagem de Cangas, 2015.

Fonte: Município de Estremoz.

Atualmente está em aberto a possibilidade do Núcleo Museológico voltar a mudar de instalações, podendo vir a ocupar as antigas instalações da CP – Comboios de Portugal, que se encontram devolutas, sendo que a transferência do Núcleo só se concretizará após a realização de obras de recuperação do espaço.¹¹³

4.3 - Reserva Visitável

Atualmente o NMAA funciona sob o conceito de “Reserva Visitável”. A extensão do acervo do NMAA e a insuficiência de espaço determinaram que se idealizasse uma nova metodologia expositiva. Não sendo possível colocar em prática atividades associadas à realidade agrícola, pela diminuta dimensão do pavilhão, optou-se por concretizar a ideia de uma Reserva Visitável. Assim, as peças encontram-se arrumadas e distribuídas pelas diversas categorias/subcategorias (anexo I, fig. 149). O modo de apresentação encontrado, para além de facilitar em termos de arrumação e ao nível da circulação no próprio espaço, permite principalmente observar diferenças entre peças da mesma categoria/subcategoria,

¹¹³ PEREIRA, Jorge Manuel. (2019, janeiro 31). *Museu da Alfaia Agrícola volta a mudar de casa*. *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 947, p.16.

denominação e função, mas também ajuda a compreender a sua evolução histórica e técnica.¹¹⁴

*“Dentro do pavilhão construiu-se também um pequeno espaço de “Reserva não Visitável”, onde se encontram peças que não estão em condições de exposição, quer seja por estarem incompletas, quer seja pelo seu mau estado de conservação e infestação, mas também cujo o enquadramento, ou condições de apresentação, não se identificam com o conceito de Reserva Visitável”.*¹¹⁵

Associados aos fatores mencionados, o facto de não se reunirem todas as condições essenciais exigidas por lei para se poder programar a sua abertura enquanto museu, mas tendo em conta a existência duma coleção que merece ser exibida pelo valor que reúne, optou-se por se definir esta metodologia expositiva¹¹⁶, encontrando-se assim devidamente inserida no conceito adequado, tendo em conta as características do local que a acolhe.

¹¹⁴ GUERREIRO, Hugo. (2013). [Folheto do] *Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: Reservas Visitáveis*. Estremoz: Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ A metodologia expositiva adotada nas Reservas Visitáveis do NMAA foi inspirada e teve como influência as “Galerias da Vida Rural” do Museu Nacional de Etnologia. Sabemos que o Responsável pelo MME - PJV, Dr. Hugo Guerreiro, realizou uma visita às Reservas mencionadas, tendo sido com base nessa experiência e nos apontamentos que dela retirou que viria a desenvolver o seu trabalho de constituição das Reservas do NMAA, como hoje a conhecemos. Além disso, foi com base na obra: “Normas de Inventário - Etnologia: Alfaia Agrícola”, uma obra de referência para coleções etnográficas, que o responsável pelo Museu se baseou para organizar a coleção do NMAA, agrupando os objetos por categorias, subcategorias e conjuntos. Esta obra de inventário da autoria do Dr. Joaquim Pais de Brito, da Dr.^a Margarida Campos e do Dr. Paulo Ferreira da Costa, resultou de um longo percurso de investigação *“desde os começos da atividade de pesquisa, a partir da segunda metade dos anos 40, da equipa de etnólogos que lhe estaria na origem: Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira são os autores de trabalhos de análise e de síntese de extrema importância sobre os artefactos, as tecnologias e as técnicas próprias de uma sociedade rural, inquirida à escala de todo o país. Com a criação do Museu, em 1965, constitui-se um valioso conjunto de coleções sistemáticas sobre Portugal, das quais os instrumentos de trabalho da terra ocupam um lugar central”* (In: “Normas de Inventário - Etnologia: Alfaia Agrícola, p.13). Este trabalho funcionou não só como instrumento para organização das “Galerias da Vida Rural” do Museu Nacional de Etnologia mas pretendeu, sobretudo, colocar à disposição de museus locais e regionais, com idêntica tipologia, um instrumento metodológico para orientar o seu trabalho, sem colocar em causa as especificidades de cada museu.

4.4 - Acervo

O espólio do NMAA é neste momento constituído por cerca de mil seiscentas e oitenta peças, que ajudam a contar a história de um mundo desaparecido, onde animais e homens se entreadavam. Utensílios utilizados nas diferentes etapas da lavoura, desde a sementeira à colheita, os arreios dos animais para os vários momentos de trabalho (ou de festa) ou para o seu tratamento e limpeza. O acervo é constituído ainda pelas primeiras peças mecânicas, os carros de trabalho e de passeio. Enfim toda uma documentação para compreensão da vida agrícola dos últimos cem anos no território de Estremoz.

Para melhor perceção das coleções existentes, faremos uma breve abordagem às categorias existentes em cada coleção, dando exemplos de peças pertencentes a algumas delas e fazendo um breve resumo da função e materiais que as constituem, tendo grande parte destas peças sido utilizadas na Exposição “A (I)Materialidade do Mundo Rural”.

Assim, as coleções que fazem parte do acervo do Núcleo Museológico são as seguintes¹¹⁷:

4.4.1 - “Coleção da Alfaia Agrícola”

- *“Instrumentos de limpeza de cereais e manuseio de palhas”*:

Pá de eira - Instrumento utilizado na eira após ter sido efetuada a debulha, para limpeza atirando-se o cereal ao vento e /ou ensacagem do mesmo;

Forquilha - Instrumento utilizado para atirar a palha ao vento (para limpeza do cereal na eira) podendo também ser utilizado para espalhar molhos e manusear palhas;

Ancinho - Instrumento utilizado na eira para remover detritos provenientes do cereal e/ou juntar palhas;

Rodo - Instrumento utilizado na eira para juntar ou espalhar o cereal, após a sua limpeza;

Crivo - Instrumento utilizado para peneirar o cereal.

¹¹⁷ GUERREIRO, Hugo. (2013). [Folheto do] *Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: Reservas Visitáveis*. Estremoz: Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho.

- *“Instrumentos de debulha”*:

Malho - Instrumento utilizado na eira para debulha do cereal, acionado por força braçal e aplicado em trabalhos de menor quantidade, sendo utilizado essencialmente para debulha de centeio;

Trilho - Mecanismo utilizado na eira, acionado por força animal, concretizando-se a debulha através do corte das “facas” (pertencentes ao trilho) que esmigalham a palha, permitindo a sua separação do cereal;

Debulhadora Mecânica - Máquina utilizada na debulha do cereal, instalada junto à eira, acionada por força animal ou por locomóvel, que através dos mecanismos que possui faz a debulha do cereal, separando-o da palha. Este mecanismo é mais rápido e eficaz do que os dois anteriormente mencionados e aplicava-se a colheitas de maiores dimensões.

- *“Instrumentos de Mobilização da Terra”*:

Charrua - Instrumento utilizado durante a lavoura para abrir sulcos na terra, com vista à preparação do terreno para receber o cereal, trabalho executado na fase anterior ao período da sementeira;

Alvião - Instrumento utilizado na limpeza dos terrenos (para desbaste do mato rasteiro), possuindo um “bico” que permitia abater a planta pela raiz tornando o trabalho referido mais eficaz. Este instrumento era utilizado durante as desmoitas essencialmente por homens;

Enxadão - Instrumento com função idêntica ao anterior, distinguindo-se do primeiro pelo desbaste se fazer de forma mais superficial, ou seja, a planta era apenas “roçada” permanecendo a sua raiz no solo e tornando o trabalho menos eficaz;

Enxada - Instrumento com idêntica função ao instrumento anterior, distinguindo-se pela menor dimensão e podendo também ser usada para tapar a semente após a sementeira (embora se utilizasse em sementeiras pequenas e mais direcionada para as leguminosas como por exemplo: as favas, o grão, o feijão, etc).

“Instrumentos de sementeira”:

Semeador em linha - Mecanismo utilizado na sementeira, mais específico para a sementeira de leguminosas, pois a sementeira dos cereais (trigo, centeio, aveia, cevada) era executada mais comumente de forma manual.

Integram ainda a coleção “Alfaia Agrícola” as seguintes categorias: “*instrumentos de corte de manuseio de forragens*”, “*instrumentos de recolha e manuseio de fertilizantes naturais*”, “*instrumentos de poda e enxertia*”, “*instrumentos de rega e monda*”, “*instrumentos de proteção e tratamento*”, “*instrumentos de colheita de frutos e tubérculos*” e “*instrumentos de colheita de cereais*”.

4.4.2 - “Coleção de Transportes”

“*Instrumentos de Atrelagem*”:

Canga - Objeto utilizado para se colocar em cima do pescoço do animal com o fim de possibilitar a sua atrelagem a diversas alfaias e transportes (por meio de aprestos). Estes objetos podiam ser aplicados e utilizados em gado equídeo, asinino ou bovino. As cangas podiam ser fabricadas em madeira e em ferro, sendo que as de ferro se destinavam ao uso exclusivo de muares e as de madeira tanto ao gado bovino como ao gado cavalari. Podiam ser aplicadas em parelhas, juntas ou somente utilizado por um animal.

Burnil - Peça colocada por baixo da canga, usada com o objetivo de proteger o pescoço do animal e que funciona ao mesmo tempo como instrumento de atrelagem. Os burnis destinavam-se apenas a gado cavalari.

“*Transportes de tração animal*”:

Carros - Existiam diversos tipos de carros associados aos trabalhos agrícolas, que faziam o transporte de tudo o que havia necessidade de se deslocar, desde o produto das colheitas, estrumes, lenhas, alfaias agrícolas, os próprios trabalhadores, etc. Além dos carros de trabalho, existiam carros específicos para o transporte de pessoas em ocasiões festivas e destinados somente a determinados grupos da sociedade (pelos recursos de que dispunham). Em relação à utilização dos diversos tipos de carros de trabalho, cada um era escolhido de acordo com a função que se pretendia executar, sendo que alguns serviam diferentes finalidades. De igual forma existiam vários tipos de carros que tinham como finalidade exclusiva o transporte de pessoas e que adotavam diferentes denominações.

“*Transporte a dorso animal*”:

Alforge - Utensílio produzido em serapilheira ou outro material acessível, que servia para transporte de diversos objetos, géneros alimentícios, etc. e que se colocava no dorso do animal que fazia o seu transporte.

A coleção “*Transportes*” constitui-se ainda pelas seguintes categorias: “*transportes de tração humana*”, “*instrumentos de acarreo humano*” e “*instrumentos de condução e controle animal*”.

4.4.3- “Coleção de Artesanato”

Coleção integrando “*miniaturas diversas*”.

4.4.4 – “Coleção Casa Alentejana”

Coleção que integra as seguintes categorias: “*utensílios e instrumentos de cozinha*”, “*mobiliário*” e “*diversos*”.

4.4.5 – “Coleção Oficinas e Unidades Transformadoras do Mundo Agrícola”

Coleção integrando as seguintes categorias: “*instrumentos de oficina de ferreiro*”, “*instrumentos de abertura de poços*”, “*instrumentos de oficina de carpintaria*”, “*instrumentos de oficina de correeiro*”, “*instrumentos de queijaria*” e “*instrumentos para enchidos*”.

4.4.6- “Coleção de Metrologia”

Coleção composta por instrumentos de: “*metrologia agrícola*” e “*metrologia de aferição da Câmara Municipal de Estremoz*”.

4.4.7- “Coleção de Traje”

- “*Traje de trabalho*”:

Safões – Maioritariamente fabricados em couro, forrados com pele de animais (lanígeros) utilizados para proteção do trabalhador, ao nível dos membros inferiores, usado essencialmente durante o período invernosos para proteção do frio, das chuvas e de outros elementos existentes nos campos, mais frequentemente utilizado pelos ganadeiros devido à natureza do seu trabalho.

4.4.8- “Coleção Outros”

- “*Diversos*”:

Chocalhos - Objeto que se coloca dependurado do pescoço do animal, reproduzindo um som característico de acordo com a espécie do chocalho e que tinha como objetivo obter com mais facilidade a localização do gado por parte do ganadeiro. Podia também ser utilizado apenas como objeto de embelezamento do próprio animal.

4.5 - Estudo de Caso: Empresa “J. T. Pirra”

Para enriquecimento da documentação associada ao NMAA foi feito um estudo sobre uma indústria instalada no concelho de Estremoz, a empresa “J. T. Pirra”. O criador desta empresa investiu inicialmente na produção de pequenas alfaias e material agrícola, as quais podemos observar na Reserva Visitável do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola, tendo como exemplo as cangas em ferro (fig. 44) e as charruas com pontas substituíveis de relha (fig. 45 e fig. 46).



Fig. 44 - Canga em ferro para muares, fabrico da empresa “J. T. Pirra”.

Foto: Ramalho, 2020.



Fig. 45 - Charrua em ferro, fabrico da empresa “J. T. Pirra”.

Foto: Ramalho, 2020.



Fig. 46 - Aiveca com ponta substituível de relha, invento de “J. T. Pirra”.

Foto: Ramalho, 2020.

Elementos históricos sobre a empresa “J. T. Pirra”...

A empresa “João Trindade Pirra” foi fundada por um indivíduo com o mesmo nome, em 1915, exercendo este a profissão de ferreiro.¹¹⁸

Em 1927, João Trindade Pirra faz parte da Comissão Organizadora da II Feira-Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Estremoz, mais especificamente, da Sub-Comissão “Feira Industrial e Iluminação”.¹¹⁹

Enquanto proprietário, João Trindade Pirra começa a desenvolver o seu trabalho em Estremoz, em 1928, abrindo “*uma pequena oficina de Ferreiro na antiga Rua de Reguengos, hoje Rua Serpa Pinto. A sua atividade económica estava centrada na execução de utensílios regionais para a agricultura e pequenas alfaias agrícolas*”.¹²⁰

Tendo em conta as informações transmitidas aos serviços de condicionamento industrial, “*só em 1930 começa a fabricar as primeiras máquinas-ferramentas para ferro e madeira.*”¹²¹

Em 17 de março de 1931, a empresa “J. T. Pirra” troca correspondência com o Governador Civil de Évora dando conta que “*para satisfazer as necessidades da sua indústria na epocha presente, precisa trabalhar nas ditas officinas as oito horas ordinarias e mais as duas que vão das 16 às 18 horas do dia mas estas somente pelos operários que queiram trabalhar mais esse espaço de tempo*”,¹²² pedindo-lhe que autorize a manutenção do horário de trabalho anteriormente referido.

Essa troca de correspondência com o Governador Civil deveu-se à seguinte imposição: “*O Sr. Administrador de Estremoz, que o é atualmente Presidente da Comissão Administrativa da Camara, não quer que o industrial signatário, continue a trabalhar as horas extraordinárias e facultativas que acima allude e que lhe foram autorizadas pelo antecessor deste Sr. na Administração de Estremoz e ameaça de multas e de procedimento o*

¹¹⁸ QUINTAS, Armando. (2015). *Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história*, p.150. In ALVES, Daniel, Coord. *Mármore, património para o Alentejo: contributo para a sua história (1850-1986)*. Vila Viçosa: Talentirazão.

¹¹⁹ [Guia da] II Feira-Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Estremoz. (1927). [S.l.: s.n.]

¹²⁰ Fonte: http://pirra.pt/sobre_nos, consulta a 05/03/2020.

¹²¹ GUIMARÃES, Paulo Eduardo. (2006). *Tradição e modernidade na indústria alentejana (1922-1950): os estabelecimentos de pequena e de média dimensão*, p.120. In *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960)*. Évora: Publicações do CIDEHUS, Edições Colibri.

¹²² Arquivo da Empresa João Trindade Pirra. (1931). *Correspondência com o Governador Civil de Évora*. [S.l.: s.n.]

mesmo industrial”. Finaliza a sua correspondência afirmando: “*Sucedo porem que nenhum prejuizo resulta para alguém do trabalho extraordinario que se faça nas officinas do dito industrial alem que é caso de força maior a conclusão de trabalhos que tem entremãos.*”¹²³

Encontramos também no arquivo da empresa “J. T. Pirra” uma cópia de uma carta da empresa “Duarte Ferreira & Filhos” sediada no Tramagal (empresa do mesmo ramo de atividade), solicitando junto do Administrador do Concelho de Abrantes idêntico pedido em relação à extensão do horário de trabalho tendo em conta a necessidade em dar resposta aos pedidos da clientela.

Através da análise desses dois documentos podemos depreender que nesta fase a empresa encontrava-se já em franca expansão com aumento significativo de produtividade ao nível do fabrico de utensílios para a agricultura e alfaías agrícolas. Verificamos que o crescimento da indústria ligada ao ramo agrícola, à época, não se resumia apenas à referida indústria, com sede no Concelho de Estremoz, mas também um pouco por todo o país, como exemplo a empresa “Duarte Ferreira & Filhos”, sediada no concelho de Abrantes.

Em 1933 a empresa cria um invento que consistiu no aperfeiçoamento das pontas substituíveis de relha (anexo X, fig. 150 e fig. 151) que deu entrada no Registo de Propriedade Industrial em 21 de Abril de 1933 sob o n.º 17412 (anexo XI).

Resultado destas e de outras inovações a empresa cresceu exponencialmente, resultando em 1936, na edificação de “ (...) *novas instalações na Avenida de Santo António*¹²⁴ *que as foi ampliando*¹²⁵ *de acordo com as necessidades da época, local onde se tem mantido até hoje.*”¹²⁶ Descobrimos também documentação em arquivo, relativo ao tipo de produção e preços praticados pela empresa (anexo XII), referente ao ano de 1936.

Em 1940, a empresa “Pirra” inicia o fabrico de cangas em ferro para muares (Anexo XIII), adquirindo uma patente à viúva Osório¹²⁷ em 7 de setembro de 1940 (anexo XIV), invenção do seu falecido marido que foi patenteada em 1912 (anexo XV), de acordo com

¹²³ Idem.

¹²⁴ Planta do Projeto no Arquivo Municipal de Estremoz – Requerimentos de Obras Particulares; Cód. REF:PT/CMETZ/L/E-72.

¹²⁵ Existe no Arquivo Municipal de Estremoz um pedido de ampliação do forno, em 1945, com construção de duas dependências contendo a respetiva planta – *Construção de duas dependências na propriedade do Sr. João Trindade Pirra, em Estremoz*; REF: N.º 5 - Arquivo Intermédio L/E - Obras Particulares – Processos Caducos.

¹²⁶ Fonte: http://pirra.pt/sobre_nos, consulta a 05/03/2020.

¹²⁷ Descobrimos a participação da empresa “Viúva Osório & C.^a, Estremoz” na Feira-Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Estremoz de 1927, com ramo de atividade no fabrico de cangas em ferro e aço.

Guia da II Feira-Exposição Agro-Pecuária e Industrial de Estremoz. (1927). [S.l.: s.n.]

documentação consultada em março de 2020, no arquivo da empresa “J. T. Pirra”, tendo neste produto e no fabrico de diversas máquinas simples para a agricultura o seu principal negócio. Esta informação vem contradizer a informação que vem descrita no *website* da empresa (http://pirra.pt/sobre_nos, consulta a 05/03/2020), na qual se afirma que a empresa passou a ser o primeiro fabricante, detentora de uma patente francesa de cangas em ferro para muares.

De acordo com a análise da documentação em arquivo achamos que a confusão, acerca da origem da patente, se relacione com o facto da necessidade de renovação da patente a cada cinco anos junto do Gabinete Técnico de Propriedade Industrial fundado pelo francês J. P. Froment em 1880, agente oficial do Governo Português em matéria de propriedade industrial, com escritório em Lisboa.

Conseguimos verificar que esta patente passou para propriedade da empresa “J. T. Pirra” a partir de setembro de 1940 e foi sendo sucessivamente renovada até 1968 (com validade até 1973), última renovação que consta da documentação em arquivo (anexo XVI). Analisando estas dados estamos em crer que em 1940 a produção de cangas estaria no auge do seu fabrico, tendo em conta a realidade rural e predominância da atividade agrícola no concelho à época, na qual a grande e pequena lavoura se socorria da tração animal para auxiliar nas várias tarefas desenvolvidas ao longo de cada ciclo agrícola. De igual forma com a última renovação em 1968 depreendemos que o fabrico de cangas deixa de se justificar face ao desenvolvimento e inovação na produção de maquinaria agrícola para executar os trabalhos rurais e diminuição do investimento no respetivo setor, assistindo-se no nosso concelho ao crescimento de outros setores de atividade económica, com especial destaque para o setor dos mármoreos.

“Em 1942, inaugura a primeira Fundação de Ferro Fundido e Metais não Ferrosos na zona sul do país. A exploração de um novo segmento de mercado decorreu da necessidade emergente do sector agrícola em utilizar equipamentos e, como tal havia que os fabricar. Destes podemos destacar a fabricação de charruas, de grades de discos e de todos os equipamentos de desgaste, de relhas e de aivecas.”¹²⁸

Durante a década de cinquenta do séc. XX, a gama de produção da empresa “J. T. Pirra” é extremamente variada sendo “*pioneira na fabricação de tornos mecânicos, serrotes de corte, engenhos de furar mecânicos de diversos modelos, aparelhos de frezar para adaptar a tornos mecânicos, limadores, aparelhos de retificar, serras de fita, e na indústria da madeira desde os chariots, máquinas verticais para molduras (tupias), garlopas e plainas*

¹²⁸ Fonte: http://pirra.pt/sobre_nos, consulta a 05/03/2020.

cuja produção tinha destino para todo o país e Colónias Ultramarinas.”¹²⁹ Estas informações podem ser confirmadas através de propaganda inserida no programa da Feira - Exposição de Estremoz (fig. 47), realizada em 1958. Também os velhinhos candeeiros de iluminação pública da cidade de Estremoz, de que ainda restam alguns exemplares, ali foram concebidos e produzidos. “Produzia, além disso, charruas de volta-aiveca de tração animal, trituradores para cereais, descaroladores de milho, moinhos de martelos e bombas centrífugas para a agricultura. Em 1953, o seu estabelecimento empregava 37 trabalhadores na produção e estava equipado com 45 motores com uma potência de 150 c.v. no total.”¹³⁰

Em 1955 a empresa “J. T. Pirra”, para além participar, dispondo de um espaço na Feira (fig. 48), o seu empresário faz também parte da Comissão Organizadora da III Feira-Exposição Regional Agro-Pecuária e Industrial de Estremoz, uma grande mostra contando com a participação das principais indústrias da região alentejana e participação de empresas de diversos pontos do país. A realização da feira teve como objetivos “demonstrar a vitalidade, a riqueza e o progresso agro-pecuário de uma região, cujo natural centro geográfico é a cidade de Estremoz; estreitar, mais, se possível, as relações dos concelhos que fazem parte desta tão importante região e cujas características são afins; e finalmente fazer-se reviver a Feira-Exposição de Maio com todo o esplendor com que foi iniciada em 1925.”¹³¹



Fig. 47 - Publicidade alusiva à empresa “J. T. Pirra”.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz - Programa da Feira-Exposição de Estremoz, 1958.

¹²⁹ GUIMARÃES, Paulo Eduardo. (2006). *Tradição e modernidade na indústria alentejana (1922-1950): os estabelecimentos de pequena e de média dimensão*, p.120. In *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960)*. Évora: Publicações do CIDEHUS, Edições Colibri.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ [Programa da] III Feira-Exposição Regional Agro-Pecuária e Industrial de Estremoz. (1955). [S.l.: s.n.]



Fig. 48 - “Stand” da Empresa “J. T. Pirra” presente na Feira-Exposição Regional Agro-Pecuária e Industrial de Estremoz, 1955.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMTZ/AF/CMETZ/E-H/1/r1/i14

Aquando da construção da Ponte 25 de Abril, as gruas tipo Derrick (fig. 49) deram entrada em Portugal. Estes equipamentos foram trazidos do continente americano, pela empresa “United States Steel Export Company” para serem empregues nos trabalhos resultantes das obras da ponte. Depois da sua inauguração, em 1966, *“estes equipamentos foram enviados para Estremoz onde deram entrada na empresa metalomecânica “Pirra” com vista à sua adaptação às pedreiras locais.*¹³²

A partir de 1967, a empresa “J. T. Pirra” passa por um período de reformulação quer ao nível da sua denominação (ficando a designar-se a partir dessa data por “João Trindade Pirra, Lda.”), quer ao nível dos produtos comercializados. Como tal, investe fortemente na produção de equipamentos para o setor dos mármore, entre eles: *“Craupauds (anexo XVII, fig. 152), macacos hidráulicos (anexo XVII, fig. 153), fios de serragem, por intermédio de areia, e as Gruas Derrick (anexo XVII, fig. 154 e fig. 155) como grande inovação do sector, tornando-se no primeiro Fabricante Nacional.*”¹³³

¹³² QUINTAS, Armando. (2015). *Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história*, p.155. In ALVES, Daniel, Coord. *Mármore, património para o Alentejo: contributo para a sua história (1850-1986)*. Vila Viçosa: Talentirazão.

¹³³ Fonte: http://pirra.pt/sobre_nos, consulta a 05/03/2020.

Em 1973 a família de João Trindade Pirra faz a alienação total da empresa¹³⁴, tendo vivido momentos de grandes dificuldades, chegando quase à fase de falência¹³⁵. *“Em junho de 1984, foi novamente alienada a três sócios que desenvolveram a empresa com especial incidência na satisfação das necessidades do mercado regional.”*¹³⁶

*“Desde 1986, para assegurar que se mantinham a par das melhores técnicas e para atualização das competências da equipa, estabelece parceria com o centro de emprego para serem ministrados vários cursos de serralharia.”*¹³⁷

Em 1989, por questões legais a empresa “João Trindade Pirra, Lda.” alterou a sua designação para “Pirra – Máquinas Ferramentas, Lda.”, denominação que se mantém à data atual.¹³⁸

Com a diminuição da procura no sector dos Mármore e com a abertura de mercados potencialmente em crescendo (China, Taywan e Ilha Formosa), a venda de equipamentos para essa indústria reduziu-se significativamente, fazendo com que tenha adaptado a sua produção para outros produtos com o objetivo de colmatar a redução da procura. *“No início da década de 90 do séc. XX, pela mão do Escultor professor Jorge Vieira, a empresa iniciou a execução de elementos escultóricos, desde o projeto e desenho até à construção e montagem. São disso exemplo, o “Homem Sol” no Parque das Nações, a ornamentação de acessos da estação do Metro na Praça do Município, assim como a escultura junto à praça da portagem da Ponte Vasco da Gama, ou, ainda, o “Monumento ao Preso Político Desconhecido” em Beja. A este artista, seguiram-se novas parcerias com diversas personalidades das artes para a execução de obras”.*¹³⁹

“No primeiro semestre de 2015 a empresa foi adquirida por dois sócios que têm como objetivo dinamizar a atividade económica através do reforço competitivo dos atuais segmentos de mercado que são explorados pela empresa assim como pelo alargamento da gama de produtos para o segmento de equipamentos agrícolas ligados à recolha de frutos

¹³⁴ Existem no Arquivo Municipal de Estremoz plantas da oficina contendo os vários espaços de trabalho (ex: fundição, carpintaria, mecânica, escritórios, etc.) - REF: 2/22/46/973 - Arquivo Intermédio L/E - obras particulares – Processos Caducos.

¹³⁵ Fonte: http://pirra.pt/sobre_nos, consulta a 05/03/2020.

¹³⁶ Idem.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ Informações orais transmitidas pelo Sr. Jorge Clérigo, recolhidas na empresa no dia 05/03/2020.

¹³⁹ JALECA, João e MOURINHA, Nuno. (2020, julho 16). *Quase Centenária a PIRRA continua a inovar: Das ferraduras ao sofisticado equipamento agrícola*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 983, p.8.

secos, linhas de processamento e de produção de miolo, essencialmente numa vertente de exportação”.¹⁴⁰

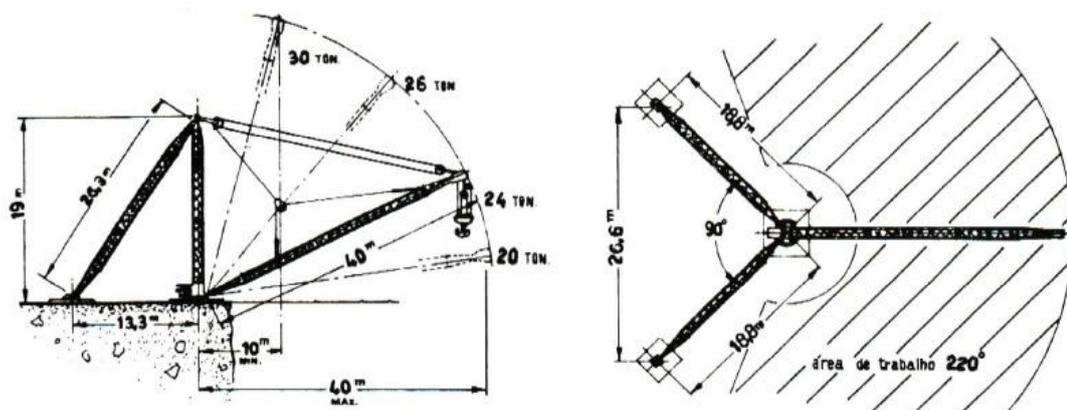


Fig. 49 - Esquema de funcionamento de Derrick modelo Pirra de 20 TON, década de oitenta do séc. XX.

Fonte: QUINTAS, Armando. (2015). *Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história*, p.157. In ALVES, Daniel, Coord. *Mármore, património para o Alentejo: contributo para a sua história (1850-1986*, Vila Viçosa: Talentirazão

¹⁴⁰ Fonte: http://pirra.pt/sobre_nos, consulta a 05/03/2020.

V. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

5.1 - Participação na Conferência: “Conversa à volta da Arte Pastoral”

A participação nesta atividade decorreu na primeira semana de março, um pouco antes do estágio ter sido suspenso pela UÉ devido à declaração do estado de emergência, decorrente da pandemia da COVID-19.

A conferência realizou-se na BME (fig. 50), no dia 6 de março, uma organização do MME - PJV que contou com a participação dos oradores Mestre Joaquim “Rolo”, artesão, Dr. Carmelo Aires, colecionador e Hugo Guerreiro, responsável pelo MME - PJV.

A minha participação limitou-se a assistir à conferência e à intervenção através da colocação de perguntas sobre o tema, que na minha opinião me iria ajudar a entender de forma mais explícita o quotidiano rural alentejano. Além disso, uma vez que iríamos utilizar peças de Artesanato na exposição previamente programada, a participação na conferência revelou-se uma mais-valia no que toca à aprendizagem sobre a forma como eram fabricados os objetos e seus significados, o que nos ajudou de alguma forma na seleção de determinadas peças utilizadas na exposição.



Fig. 50 - Conferência: “Conversa à volta da Arte Pastoral”.

Fonte: Município de Estremoz, 2020.

5.2 - Estudo de Caso sobre a Empresa: “J. T. Pirra”

Esta atividade iniciou-se na segunda semana de março prolongando-se até final de outubro não só pelo facto do estágio ter sido suspenso (tal como se verificou na atividade anterior) mas também pelo facto de ter sido uma atividade que nos ocupou mais tempo, pela necessidade que o próprio trabalho exigia.

Assim, na segunda semana de março começamos por estabelecer contacto junto dos atuais proprietários da empresa “Pirra – Máquinas Ferramentas, Lda”, com o intuito de obter autorização para recolha de informações sobre a empresa “J.T. Pirra”. Após obtermos essa autorização, realizámos pesquisa e recolha de material de arquivo na sede da empresa.

Neste período de tempo deslocámo-nos também ao Arquivo Municipal de Estremoz para recolha de informações relacionadas com a empresa “J. T. Pirra”.

Posteriormente, após a retoma do estágio no início de setembro, procurámos recolher outras informações através de consulta de bibliografia relacionada com o tema, no *website* da empresa: “Pirra – Máquinas e Ferramentas, Lda” e em periódicos locais como por exemplo o “Jornal Brados do Alentejo”.

Feito este trabalho de recolha passámos à análise do material obtido com vista à realização do trabalho. Desta forma, conseguimos (através da análise e comparabilidade de informações recolhidas) trazer a público novos conhecimentos sobre a empresa e identificar alguns equívocos publicados.

Finalmente estruturámos e concluímos o trabalho no final de outubro com a consciência que acrescentámos conhecimento, valorizámos o relatório de estágio e enriquecemos a documentação do NMAA.

5.3 - Montagem e desmontagem de Exposições Temporárias

Na segunda semana de setembro ajudámos na desmontagem da Exposição “Coleção da Olaria Alentejana do Museu Rural de Estremoz” (fig. 51), que esteve patente ao público de 2 de junho a 12 de setembro na Galeria D. Dinis. Esta atividade teve como objetivo verificar, em termos práticos, a forma como se manuseiam as peças, decorrente da desmontagem da exposição. Para além disso, permitiu também adquirir conhecimentos ao nível dos cuidados a ter com a embalagem das mesmas, com vista à diminuição de acidentes decorrentes do transporte de um local para outro.



Fig. 51 - Ajuda na desmontagem da Exposição: “Coleção de Olaria Alentejana do Museu Rural de Estremoz”.

Foto: Manuel Broa, 2020.

Da mesma forma ajudámos na montagem da Exposição: “Mundo Rural e Agrícola pelas mãos de J. A. Capela e Silva”, que esteve patente ao público de 26 de setembro a 28 de novembro de 2020 na Galeria D. Dinis (fig. 52 fig. 53). Esta atividade teve como objetivo adquirir conhecimentos ao nível do planeamento e, em termos práticos, na execução das várias etapas que se seguem até à obtenção do trabalho final que resulta duma exposição.



Fig. 52 - Cartaz da Exposição: Mundo Rural e Agrícola pelas mãos de J. Capela e Silva.

Fonte: <https://www.cm-estremoz.pt/evento/exposicao-o-mundo-rural-e-agricola-alentejano> consulta a

30/09/2020.



Fig. 53 - Exposição: Mundo Rural e Agrícola pelas mãos de J. Capela e Silva: “Mondadeira”.

Foto: Ramalho, 2020.

Sem estar programado, esta exposição organizada pelo MME - PJV, em exibição na Galeria Municipal D. Dinis e a exposição “A (I)Materialidade do Mundo Rural”, que viríamos a organizar no Posto de Turismo / Casa de Estremoz, acabaram por ser um complemento uma da outra (temas relacionados), tornando-se uma mais-valia para quem teve a oportunidade de as visitar.

5.4 - Organização da Exposição: “A (I)Materialidade do Mundo Rural”

A primeira tarefa relacionada com a organização da exposição que, começámos por executar, foi procurar documentarmo-nos sobre o tema em estudo e recolhermos um conjunto de informações históricas e material fotográfico relacionado com os Museus. Assim, na última semana de setembro, deslocámo-nos à BME e ao Arquivo Municipal de Estremoz com o intuito de obter esses dados que nos iriam permitir, mais tarde, produzir um conjunto de conteúdos para melhor compreensão da exposição. Entretanto foi feita uma requisição interna das fotografias junto dos serviços da BME e, dado conhecimento à Senhora Vereadora da Cultura, que autorizou a sua cedência e utilização nos conteúdos produzidos para a exposição e ao longo deste trabalho.

Na mesma semana consultámos o inventário do NMAA, o inventário do MME - PJV, mais especificamente o inventário relacionado com a Barrística de Estremoz e também o inventário do Museu Rural. Esta tarefa revelou-se essencial para conhecermos o espólio e ter uma ideia geral das peças que existiam para, posteriormente, avançarmos para a sua seleção.

Antes de procedermos à seleção das peças deslocámo-nos, na primeira semana de outubro, ao local onde iria ficar montada a exposição, ou seja, ao Posto de Turismo de Estremoz para termos uma ideia mais precisa da dimensão do espaço (o que nos permitiu idealizar a exposição). No mesmo dia, deslocámo-nos ao Pavilhão do NMAA para fazermos uma pré-seleção das peças existentes no Núcleo Museológico, tendo em conta a dimensão das peças em relação ao espaço de que dispúnhamos no Posto de Turismo.

Depois disso, deslocámo-nos ao PMPM para verificarmos o material disponível, nomeadamente plintos com campânulas e vitrinas que permitissem receber as peças de Barrística e de Artesanato. Após verificarmos os materiais disponíveis avançámos para a pré-seleção das peças. Entretanto demos conhecimento, via *e-mail* ao Hugo Guerreiro, responsável pelo MME - PJV, do material que iríamos precisar para realização da exposição, tendo este autorizado a sua utilização.

Entrementes, começámos a tratar da logística associada à montagem da exposição. O primeiro passo foi fazer a requisição do transporte para efetuar a deslocação das peças e materiais anteriormente referidos, via *e-mail*, junto da Senhora Vereadora com o Pelouro da Cultura, Doutora Márcia Oliveira, que autorizou a requisição.

No início da segunda semana de outubro entrámos em contacto com o Designer de Comunicação Dr. Jorge Mourinha para tratarmos do *design* editorial, discutir o título da Exposição, o período temporal em que estaria em exibição, produção do cartaz para divulgação (fig. 54) e finalmente produção de conteúdos para o livro de sala (em formato físico) que acompanharia a exposição. Ficou ainda decidido que se iriam produzir também separadores de livros com imagens associadas à temática agrícola para oferecer aos visitantes, contribuindo dessa forma para divulgação da própria exposição.

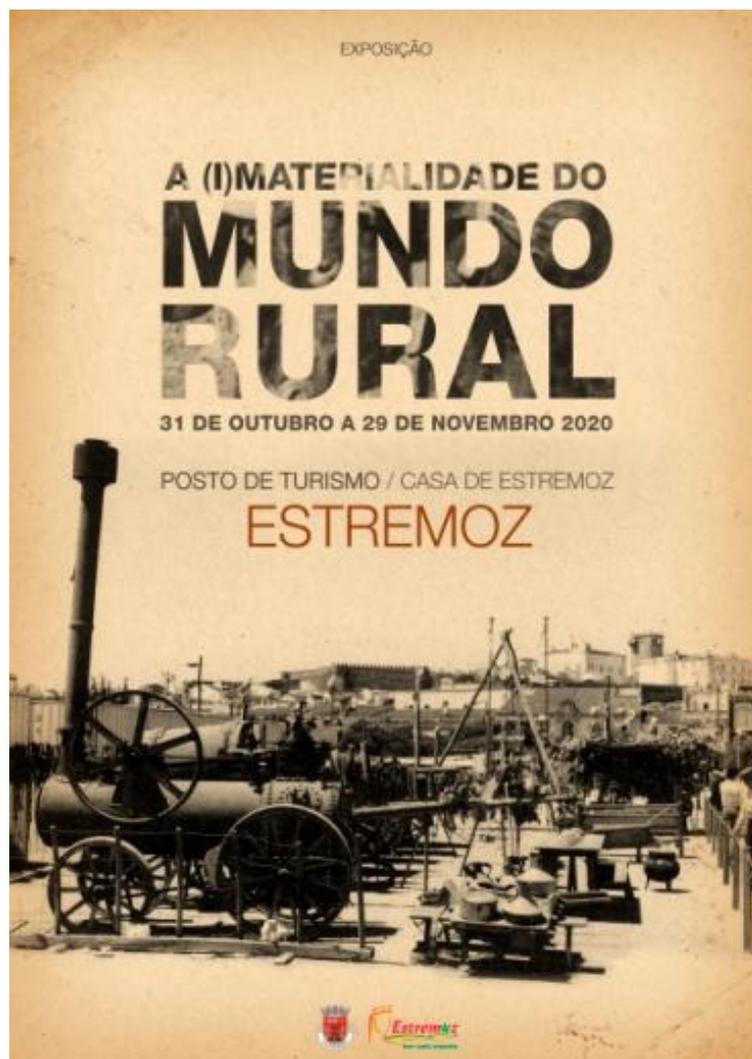


Fig. 54 - Cartaz da Exposição: “A (I)Materialidade do Mundo Rural”.

Fonte: Município de Estremoz, 2020.

Nesse meio tempo entre o início do transporte das peças para o local da exposição e a montagem propriamente dita, realizámos a produção dos conteúdos e tratamento das imagens que viriam a fazer parte do livro de sala. Relativamente à legendagem das peças, foram utilizadas legendas pré-existentes, especificamente nas peças pertencentes ao NMAA, por considerarmos que estas se adequavam ao contexto da exposição e por considerarmos que era desnecessário estar a criar nova legendagem. Para as peças relativas ao Artesanato e Barrística foram criadas legendas onde constava: denominação; autoria, material, data de produção e propriedade (ou museu).

Entretanto, procedemos à embalagem das peças de Artesanato e de Barrística para transporte posterior.

No dia 26 de outubro começámos a fazer o transporte das peças e materiais necessários para o local da Exposição, dando-se início à montagem da exposição no dia

seguinte. Nesse mesmo dia a montagem da exposição ficou praticamente concluída, ficando a faltar apenas alguns detalhes, muito devido à colaboração dos funcionários do Posto de Turismo, com destaque para o trabalho da Dr.^a Marisa Serrano e do colega Diogo Marino, bem como do Dr. Jorge Mourinha que foram incansáveis na ajuda prestada durante a montagem da exposição. Foi ainda criado um “QR CODE” (ver link: https://www.cm-estremoz.pt/mb_fsala/fs_emanuel_2020_10_06.pdf), com as informações constantes no livro de sala para que os visitantes pudessem optar entre o formato físico e/ou o formato digital. A concretização desta ideia resultou dos tempos de pandemia que vivemos, como medida para diminuir o possível contágio da doença.

Na mesma linha de pensamento, uma vez que a doença se começou a espalhar no concelho de Estremoz poucos dias antes da abertura da exposição (com o surgimento de vários casos ativos e com a inscrição do concelho de Estremoz em final de outubro, nos 121 concelhos considerados de alto risco de propagação da doença), decidimos fazer uma produção audiovisual sobre a exposição de forma a conseguir chegar ao máximo número de pessoas e a vários tipos de público. A produção desse vídeo ficou a cargo dos colegas do Gabinete de Comunicação, Eventos e Desenvolvimento Turístico, acompanhado pela leitura dum pequeno texto sobre a ceifa no Alentejo (antes da mecanização), da autoria de Hugo Guerreiro, sob autorização do Chefe de Gabinete da CME, Arq. Paisagista António Serrano.

Assim, depois de consumada a produção do vídeo e, numa tentativa final de chegar a um público específico (com o qual se havia planeado realizar um conjunto de atividades, as quais não foram possíveis devido à pandemia, como já havia sido referido anteriormente), com o objetivo de fazer chegar a exposição à comunidade idosa e à comunidade escolar do concelho de Estremoz, decidimos partilhar via correio eletrónico o *link* associado ao vídeo junto de instituições como por exemplo: Lares de Idosos, Centros de Dia, Biblioteca Escolar do Agrupamento de Escolas de Estremoz e Escola Secundária Rainha Santa Isabel.

Neste aspeto os colaboradores da Biblioteca Municipal de Estremoz revelaram-se essenciais, pois tinham o contato de grande parte dos Lares de Idosos e Centros de Dia do concelho (resultante do Projeto “Histórias que se Cruzam”, que desenvolviam junto dos lares antes do surgimento da pandemia) e também das Bibliotecas Escolares (resultante da relação próxima entre Bibliotecas), tendo feito o favor de estabelecer comunicação e contato junto dos responsáveis pelas instituições.

Esperamos que o vídeo tenha chegado ao máximo número de pessoas dessa faixa etária da sociedade, pois estamos em crer que muitas pessoas (ainda mais por se tratar de um concelho com características predominantemente rurais) tenham recordado tempos passados

da sua juventude e que com isso possamos ter estimulado sorrisos e emoções e, de alguma forma tenhamos conseguido melhorar o seu dia.

De igual forma, esperamos ter contribuído para o aumento do conhecimento relacionado com a temática da exposição, junto dos alunos, e possamos ter despertado a sua curiosidade para se informarem acerca deste e de outros assuntos relacionados com o mundo rural de antigamente.

Quase a terminar o processo de organização da exposição foi feita a divulgação da exposição através de diversos meios dos quais destacamos:

- Distribuição de cartazes em papel pelos diversos locais ao dispor do Município de Estremoz;

- Produção de uma nota de imprensa sobre a exposição, alojada no site do Município de Estremoz (ver link: <https://www.cm-estremoz.pt/noticias/exposicao-a-i-materialidade-do-mundo-rural-no-posto-de-turismo-de-estremoz>);

- Produção fotográfica da exposição, disponível na rede social “Facebook” do Município de Estremoz (ver link: <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=municipioestremoz&set=a.3310343759034595>);

- Divulgação no portal de informação “Ardina do Alentejo”, através da produção de uma notícia relativa à exposição (ver link: <http://www.ardinadoalentejo.pt/cultura/item/2957>).

- Divulgação no Jornal “Brados do Alentejo”, através da produção de uma notícia relativa à exposição (anexo XIX);

- Produção audiovisual sobre a exposição, disponível no site do Youtube do Município de Estremoz (ver link: <https://www.youtube.com/watch?v=FeinefqZBME&fbclid=IwAR2MEsKXWoyUQGuzkERMadX6APksbW3Zct6bMJwX6LUC9JuAmt2ZoYUV6Ws>).

Entretanto através de pesquisas feitas na *Web* conseguimos identificar outros meios de comunicação que produziram notícias sobre a exposição (por iniciativa própria) como por exemplo:

- “Canal Alentejo TV”, podendo visualizar-se a notícia através do link: <https://canalalentejo.pt/index.php/exposicao-a-imaterialidade-do-mundo-rural-em-estremoz/>;

- “Diário do Sul”, podendo visualizar-se a notícia através do link: <https://diariodosul.pt/2020/11/05/posto-de-turismo-de-estremoz-acolhe-a-imaterialidade-do-mundo-rural/>;

- “Radio Campo Maior”, podendo visualizar-se a notícia através do link: <https://radiocampomaior.com/2020/11/17/a-imaterialidade-do-mundo-rural-exposta-em-estremoz/>;

- “ODigital”, podendo visualizar-se a notícia através do link: <https://odigital.pt/estremoz-a-imaterialidade-do-mundo-rural-em-exposicao-ate-29-de-outubro/>.



Fig. 55 - Aspeto geral da Exposição “A Imaterialidade do Mundo Rural”.

Fonte: Município de Estremoz, 2020.



Fig. 56 - Exposição “A (I)Materialidade do Mundo Rural”: Charrua e medidas para cereal.

Fonte: Município de Estremoz, 2020.



Fig. 57 - Exposição “A (I)Materialidade do Mundo Rural”: Barrística de Estremoz.

Fonte: Município de Estremoz, 2020.

Finalmente, após o término da exposição (depois de embaladas as peças de Artesanato e peças de Barrística de menor dimensão) foi feita nova requisição e transporte de todas as peças e materiais aos locais de partida.

NOTA: Durante a realização do transporte das peças desde o MME - PJV até o Posto de Turismo Estremoz deu-se um acidente com a quebra de uma peça de barrística. Entretanto, já depois da montagem da exposição uma peça pertencente ao NMAA caiu ao chão (no caso uma forquilha em madeira com seis dentes), aparentemente sem ninguém lhe tocar, tendo sido quebrados dois dentes do pente. O resultado destes dois acidentes foram comunicados ao responsável pelo MME - PJV e foi dado conhecimento à técnica de restauro (via *e-mail*), tendo as respetivas peças sido devolvidas ao Museu para realização de possível restauro.

REFLEXÃO CRÍTICA

Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho

O facto do Museu se localizar bem no centro do Alentejo, na cidade de Estremoz e na junção de um conjunto de eixos rodoviários que permitem a ligação entre várias regiões do país, da vizinha Espanha e para o resto da Europa, bem como a sua localização privilegiada no centro histórico da cidade, são fatores que contribuem para a promoção da própria instituição museológica.

Durante o estágio efetuado no Museu, verificámos o cumprimento de grande parte das funções museológicas que se encontram de acordo com a Lei-Quadro dos Museus Portugueses, de 2004, existindo no entanto algumas melhorias que podem ser feitas. Uma das funções museológicas que não está a ser cumprida e que, na nossa opinião, deve ser o mais rapidamente corrigida prende-se com o facto de não existirem qualquer tipo de acessibilidades físicas para pessoas com deficiência / mobilidade reduzida. As casas de banho também não reúnem as condições adequadas tanto para o público em geral, como para pessoas com deficiência / mobilidade reduzida, devendo por isso procurar-se a sua adaptação.

A inexistência de zonas de descanso no MME - PJV, é outro dos elementos que poderia ser melhorado, embora não seja uma prioridade, tendo em conta a dimensão do Museu.

A gestão dos recursos financeiros deveria ser outro dos elementos que deveria ser pensado e reformulado, no caso em concreto, por parte da tutela do Museu. Fazendo uma análise superficial percebe-se facilmente que o valor das receitas (que provêm essencialmente da bilheteira, venda de publicações e de uma percentagem de 10% na venda de Bonecos de Estremoz cedidos pelos artificies em atividade) fica muito aquém do valor das despesas que o Município tem que suportar (pagamento de vencimento dos funcionários afetos ao Museu, manutenção e limpeza dos espaços, aquisição de materiais, investimento de verbas na segurança dos bens, etc.).

O défice que se gera em cada ano deveria, na nossa opinião, ser considerado por parte da tutela como um elemento a ter em atenção na gestão¹⁴¹ do MME - PJV, procurando por isso alternativas que possam amenizar essa situação.

Interessante o facto de todos os imóveis onde está instalado o MME - PJV e seus Núcleos Museológicos terem assumido vários usos ao longo da sua existência, e respetiva adequação a essas funções, provando assim que a gestão do património deve ter em conta o reaproveitamentos de espaços já existentes, evitando assim construções de raiz, que na grande maioria dos casos, fica mais dispendioso em termos financeiros. Mas não falamos apenas ao nível dos recursos financeiros, pois muitas vezes, a reconversão tendo em vista a instalação de novos serviços é uma forma de evitar, em não raros os casos a degradação dos imóveis, preservando ao mesmo tempo a história material e imaterial do edifício e da cultura das gentes.

Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola

Pese embora a vastidão da coleção quer em termos quantitativos quer em termos representativos, o NMAA tem tido nas últimas décadas pouca visibilidade por parte dos decisores.

Ao refletirmos um pouco, tendo em conta o contexto predominantemente rural característico do concelho de Estremoz, percebemos que este espólio representa não só o testemunho material da vida de gerações anteriores mas representa sobretudo a memória histórica e cultural que deve ser preservada sob pena de perda da identidade coletiva de uma comunidade.

¹⁴¹ Relativamente à gestão dos recursos financeiros, temos noção que o Museu é uma instituição sem fins lucrativos, de extrema utilidade para a sociedade na medida em que tende a permitir o acesso à cultura de forma igualitária, salientando-se o fato deste museu se tratar de um museu municipal que tem na sua génese a valorização e promoção da cultura local, não queremos de todo com esta crítica ferir suscetibilidades. A nossa crítica construtiva vai no sentido de se procurarem complementos de receita, que possam gerar recursos financeiros extras para serem investidos diretamente noutras áreas prioritárias do Museu, como por exemplo as acessibilidades físicas (ou outras), que demos o exemplo por não se encontrarem de acordo com a Lei-Quadro dos Museus Portugueses. Ainda relativamente a este aspeto sabemos também que se torna difícil adaptar edifícios históricos (como é o caso do edifício onde se encontra instalado o MME - PJV) de forma a conseguirmos melhorar as suas acessibilidades. No entanto, através da realização de possíveis estudos com vista à melhoria dessas lacunas poderá, se não todos, quer seja através da nossas sugestões quer seja através de alternativas mais viáveis minorar o efeito negativo que as acessibilidades podem ter no acesso universal da população ao Museu.

Embora reconheçamos qualidade no trabalho realizado por parte dos envolvidos na gestão do NMAA ao longo dos anos, a limitação de recursos e as vicissitudes pelos quais o NMAA tem passado ao longo do tempo e ainda que se tenha encontrado um espaço minimamente digno para receber a coleção (que se encontrava num estado paupérrimo de conservação aquando da sua saída do local de instalação inicial por motivos de degradação do edifício), consideramos que podia ter sido feito algo mais para a sua promoção e valorização.

Se por um lado consideramos que a metodologia de exposição encontrada foi a mais adequada tendo em conta o local e condições das instalações atuais, funcionando o NMAA desde 2011 como Reserva Visitável, achamos que o espaço tem diversas lacunas que em nada beneficiam a sua promoção, valorização e conservação do acervo.

O primeiro aspeto prende-se com a localização do Pavilhão onde está instalado o acervo. Consideramos que o pavilhão se encontra num local “recôndito”, junto aos Silos da EPAC, ou seja, um sítio pouco movimentado por parte da população. Além disso, não existe qualquer tipo de sinalização, placas ou indicações referentes à existência do NMAA nas imediações do Pavilhão ou em qualquer parte da cidade. A única referência que podemos encontrar em relação à existência do Núcleo encontra-se no *site* do Município e sinalizado no mapa da cidade que se encontra disponível no Posto de Turismo. Ainda que exista um panfleto com informações sobre o Núcleo (que se oferece aos visitantes com marcação prévia para visita ao NMAA) consideramos que a sua promoção é manifestamente insuficiente.

Outro aspeto relaciona-se com as condições que o pavilhão apresenta. Embora tenha sofrido pequenas obras de adaptação para acolher a coleção em 2011, a verdade é que saltam à vista um conjunto de aspetos a melhorar sob pena de mais tarde ou mais cedo voltar a entrar em processo idêntico do qual saiu há menos de uma dezena de anos. Um desses aspetos relaciona-se com a cobertura do pavilhão, constituída por amianto, que para além de não oferecer as condições de climatização adequadas à preservação e conservação do acervo também não oferece condições de salubridade para colaboradores e visitantes.

A inexistência de mecanismos de desumidificação face à humidade que entra pelas janelas que se encontram descobertas (apenas estão cobertas com uma rede e ferragem para evitar a entrada de animais e pessoas) e de climatização adequada face à elevada temperatura que se verificam no interior do pavilhão na época de verão colocam claramente em risco o acervo do NMAA.

Outro aspeto que deveria ser repensado relaciona-se com a segurança do acervo. Ainda que exista um sistema de alarme ativo para deteção de intrusos, verifica-se a ausência de câmaras de vigilância. Conjugando o facto do pavilhão se encontrar num local recôndito e de

pouco movimento, com a ausência de câmaras, o risco de possíveis tentativas de intrusão aumentam consideravelmente.

Embora se verifique a intenção de mudança do espólio para as antigas instalações da CP – Comboios de Portugal, que se encontram devolutas, não sabemos com exatidão se essa mudança vai efetivamente tornar-se uma certeza e, ainda que o seja, quanto tempo demorará essa transferência? Isto porque antes dessa mudança se concretizar terão primeiramente que se efetuar obras de recuperação e adaptação das instalações, que demorarão o seu tempo, somando-se ainda o tempo necessário para efetuar a transferência do vasto acervo do NMAA.

SUGESTÕES / PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho

Para um melhor funcionamento do Museu irão ser apresentadas algumas propostas / sugestões de melhorias. Para fazer face às lacunas das acessibilidades poderia ser construída uma rampa de acesso ao Museu, abolindo os degraus (anexo I, fig. 130) que neste momento se apresentam como um condicionalismo à mobilidade de pessoas com deficiência. Esta rampa teria de ser construída ao longo do edifício, com largura e comprimento aceitável para fazer face à inclinação e dimensões exigidas por lei e de forma a facilitar o acesso por parte dos utilizadores. Além da rampa seria essencial a colocação de um corrimão de apoio para quem dele necessitasse. Para possibilitar a construção da rampa teria que haver necessariamente boa vontade por parte dos decisores políticos, uma vez que a rampa ocuparia parte da via pública e do estacionamento afeto ao Museu. No entanto, o estacionamento não é um caso prioritário, no caso em questão, uma vez que o largo D. Dinis possui um vasta área que possibilitaria a sua mudança para um local próximo do MME - PJV. Em relação ao estacionamento, seria importante também delimitar-se um espaço de estacionamento destinado a portadores de deficiência próximo do Museu.

Ainda em questões de acessibilidades, poderia estudar-se a hipótese de colocação de um elevador no pátio interior do Museu (fig. 58) para ascensão ao 2.º piso.



Fig. 58 - Pátio interior do MME - PJV, local para possível instalação de um elevador de acesso ao 2.º piso.

Foto: Ramalho, 2019.

Outra das sugestões seria adaptar-se as instalações localizadas no quintal do Museu (local onde atualmente se desenvolvem as atividades educativas, anexo I, fig. 121 e fig. 122), com vista à criação duma cafetaria/bar com a finalidade de se obter uma fonte de rendimento extra que complementasse as (poucas) receitas que o Museu gera face às suas despesas. O espaço educativo que teria que migrar para outro sítio, seria facilmente inserido no PMPM, local previsto para implantação do Centro Interpretativo do Boneco de Estremoz.

A ideia da criação da cafetaria/bar, já mencionada no programa museológico do MME - PJV, documento criado por Hugo Guerreiro, foi uma ideia também por nós concebida ainda antes de termos tido acesso ao documento mencionado, vindo desta forma reforçar a necessidade da criação de um serviço desta natureza.

Para facilidade de acesso ao quintal teria ainda que se proceder à abertura de uma porta que possibilitasse o acesso ao local, porta essa que existiu em tempos remotos (descoberta recentemente e que adaptada se tornaria no possível acesso ao espaço mencionado fig. 59). Em relação à sugestão de acesso ao quintal, segundo nos transmitiu Hugo Guerreiro, também já ele havia inscrito a possibilidade desse acesso se fazer através da Rua do Albocaz (em documentação por si produzida).

Relativamente à possibilidade do acesso ser feito através dessa porta teria que se verificar a validade desta intervenção, uma vez que não conhecemos com certeza a situação ao nível da proteção deste elemento, podendo existir limitações quanto à sua adaptação, por se considerar reunir interesse histórico e artístico suficiente que impossibilitasse a adaptação sugerida. Para além disso, teriam ainda que se criar as acessibilidades necessárias para se fazer o acesso ao quintal (fig. 60) através da porta indicada.

Ainda em questões de ordem financeira, para fazer face ao défice que se verifica, poderia ser criado um bilhete integrado procedendo-se ao aumentando da tarifa a cobrar, que daria acesso a todos os Museus, Núcleos Museológicos e Espaços Expositivos sob gestão Camarária, que com exceção do pagamento à entrada para o MME - PJV todos os restantes acessos aos espaços mencionados são feitos de forma gratuita. Desta forma, além de se aumentar as receitas do Museu, seria uma boa forma de se publicitar a existência dos restantes Núcleos Museológicos.

Segundo nos foi transmitido recentemente pelo Dr. Hugo Guerreiro, esta ideia também já havia sido inscrita em documentação criada por si, mais concretamente aquando da criação da Rede de Museus do Município de Estremoz, em 2006, através de protocolo estabelecido com as várias instituições museológicas da rede. No entanto essa ideia nunca se concretizou em termos práticos até à data.



Fig. 59 - Porta localizada no quintal do Museu (descoberta recentemente).

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 60 - Traseiras do MME - PJV, acedendo-se através da Rua da Ladeira, antiga Rua do Albofaz.

Foto: Ramalho, 2019.

Poderia ainda ser elaborado um estudo envolvendo Museus da Região, com idêntica vocação, procurando criar-se uma rota temática que abrangesse esses Museus, estabelecendo-se protocolos entre essas instituições. O protocolo poderia ainda estabelecer o empréstimo de objetos e peças entre cada instituição do circuito, ficando esses objetos / peças visíveis em espaço apropriado em cada Museu, podendo funcionar ao mesmo tempo como uma espécie de exposição temporária caso as instituições assim o entendessem. Desta forma poderia aumentar-se o número de visitantes em cada Museu, estimular-se a curiosidade e procura turística noutras cidades e concelhos abrangidos pelo protocolo.

Seria importante fazer-se um estudo do público de forma a ir ao encontro das necessidades dos visitantes, melhorando lacunas existentes com base na sua opinião. A elaboração e aplicação de um questionário poderia ser uma forma de conhecer essas necessidades.

Estas são as sugestões / melhoramentos que consideramos úteis para um melhor funcionamento do MME - PJV. Embora possam existir outras, temos clara noção que algumas destas ideias são difíceis de implementar, por diversos motivos, sendo o fator financeiro um elemento determinante para a sua concretização.

Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola

Com vista à valorização e promoção do NMAA consideramos essencial que se encontre um novo local para acolher o acervo. O novo local deverá reunir condições para preservar a coleção, reunir condições de segurança, de mobilidade, espaço de receção ao visitante, espaço adequado à distribuição das peças (e de circulação), um espaço para realização de exposições temporárias, sala de reservas, um espaço dedicado ao desenvolvimento de atividades educativas, espaço de documentação e gabinete técnico.

Embora esteja programado a mudança do acervo para as antigas instalações da CP – Comboios de Portugal, não discordando dessa opção sugerimos que, no caso de não se concretizar, se procure e se aposte na adaptação e/ou recuperação de um edifício que se adeque ao acolhimento da coleção e com o qual se possa estabelecer uma relação entre o acervo e o próprio imóvel.

Relativamente ao Programa Museológico definido para o NMAA existe um documento criado por Hugo Guerreiro, chefe de Divisão de Desenvolvimento Socio-Cultural, Educativo e Desportivo da CME e, responsável pelo MME - PJV, com o qual concordamos

na generalidade do seu conteúdo, considerando não ter nada de significativo a acrescentar, discordando apenas da ideia de criação de um imóvel de raiz para acolher a coleção. Neste aspeto pensamos que a recuperação de um imóvel possa trazer maiores vantagens em termos de enquadramento e relação com o acervo como já sugerimos anteriormente.

Por fim, derivado à informação que encontrámos sobre a filmagem feita na Freguesia de Santa Vitória, relacionada com a “Bênção do Gado”, realizada pela RTP em 1980, seria pertinente tentar encontrar-se essa filmagem junto dos arquivos da RTP. Dessa forma, caso se descobrisse a sua existência, para além de se enriquecer a documentação do próprio museu poderia também fazer-se uma requisição para a sua cedência com vista à disponibilização no NMAA, em local apropriado, enriquecendo dessa forma a instituição museológica e proporcionando ao visitante o acesso a um documento histórico relacionado com a atividade que o MME desenvolveu nessa comunidade no anos oitenta do séc. XX, em parceria com o Núcleo de Dinamização Cultural de Estremoz.

CONCLUSÃO

Durante a realização do estágio, deparámo-nos com algumas dificuldades e limitações, essencialmente decorrentes da pandemia da COVID-19. Foi difícil manter o plano de estágio inicialmente previsto e houve necessidade de eliminar alguns objetivos e atividades inicialmente planeadas.

Embora tenhamos conseguido fazer a montagem da exposição, foram algumas as dificuldades e incertezas com as quais nos confrontámos, estando mesmo em risco a realização da exposição face à evolução da pandemia da COVID-19, com a declaração do estado de calamidade em todo o país e com o fecho de alguns serviços sob gestão do próprio Município (a infeção pelo novo coronavírus começou a verificar-se na comunidade estremocense nas semanas anteriores à abertura da exposição).

Antes, havíamos planeado um conjunto de atividades junto da comunidade como complemento à exposição que, face ao exposto, não podemos colocar em prática. Ainda assim, julgamos pertinente expor as nossas ideias que, no momento, não sendo possíveis de se concretizar podem vir a ser aproveitadas em acontecimentos futuros.

Na sequência da realização da exposição pretendíamos realizar um conjunto de atividades de animação, enquadradas no tema da exposição, de forma a chamarmos a atenção do público, especialmente durante a inauguração da exposição e nos dias seguintes, através de convites feitos à comunidade para visitar a exposição. No caso em concreto iríamos enviar convites às instituições de apoio a idosos (Lares e Centros de Dia), Jardim-de-Infância e Escolas do 1.º Ciclo do Concelho, promover visitas e fazer o acompanhamento das mesmas. O objetivo desta iniciativa seria reavivar a memória coletiva dos mais velhos e dar a conhecer atividades, profissões e modos de vida do passado às crianças.

Todas as atividades acima referidas visavam o cumprimento de um dos nossos objetivos: “levar” o museu ao encontro do público. Além disso, iríamos ainda cumprir desta forma com o capítulo X: “Atividades de Animação Educativa no MME”, artigo 44.º, ponto 2.º do Regulamento Interno do MME que tem inscrito que *“todas as exposições temporárias efetuadas em qualquer um dos espaços expositivos do MME, são objecto de animação educativa”*.

Em suma, o objetivo da realização desta exposição foi essencialmente dar a conhecer o NMAA e despertar consciências ao nível da comunidade, das estruturas políticas, investigadores, etc., sobre a grande valia e existência do acervo que consideramos estar pouco promovido dentro da própria comunidade.

Entretanto, mesmo não podendo concretizar grande parte das atividades acima descritas, pretendíamos fazer uma breve inauguração da exposição, limitada a um conjunto muito restrito de pessoas apenas para assinalar o momento e como forma de agradecimento pela oportunidade que nos foi dada através da realização do estágio e pelo apoio prestado durante o decorrer do mesmo. Mais uma vez, tal situação não foi possível de se concretizar, devido ao facto de dias antes da inauguração da exposição o Governo ter declarado limitações às deslocações não essenciais entre Concelhos, entre 30 de outubro e 3 de novembro (também a nossa consciência acerca da situação sanitária no momento nos levou a abdicar da inauguração que gostaríamos de ter visto realizada).

Esta situação deixou-nos abatidos pois seria difícil conseguir atingir o objetivo de “levar” o museu ao encontro do público. No entanto, não era altura de baixar os braços mas sim de encontrar alternativas e foi com essa motivação que decidimos produzir um vídeo sobre a exposição. Uma visita guiada digital, que possibilitou chegar de igual forma a um conjunto diversificado de público (ainda que de forma diferente daquilo que tínhamos inicialmente planeado).

Interessante verificar que todas as limitações ocorridas ao longo do percurso nos possibilitaram realizar a visita à exposição de forma virtual, situação pioneira no que aos Museus locais diz respeito pois nunca antes tinha sido disponibilizada ao público esta forma de apresentação audiovisual para se aceder a uma exposição temporária (organizada ou com o apoio do Município de Estremoz).

Neste aspeto julgamos que a museologia no geral, assim como outros setores da sociedade, não mais serão os mesmos após o surgimento desta pandemia. Pensamos que este acontecimento só veio acelerar ainda mais aquilo que já se vinha fazendo, ou seja, a transição digital com vista ao acesso a determinados serviços. Quem sabe, a visita aos Museus no futuro passe a ser feita maioritariamente através de meios digitais, ainda que, na nossa opinião a visita ao Museu enquanto instituição física seja mais enriquecedora em todos os aspetos.

Outra atividade que planeávamos desenvolver após a montagem da exposição e que não foi possível concretizar pelas razões anteriormente mencionadas foi a organização de Jornadas Técnicas sobre o Património local. O objetivo seria despertar consciências para o estudo, valorização, proteção e promoção do património existente no concelho, promovendo um debate aberto à comunidade, aproveitando recursos humanos e técnicos ligados aos diversos setores da Câmara Municipal de Estremoz que trabalham direta ou indiretamente com o património. Iríamos estabelecer contactos com os diversos setores e fazer

convites a esses colaboradores para que pudessem debruçar-se sobre um tema ligado às questões do património com o qual trabalham diretamente ou indiretamente.

Esta atividade seria realizada no auditório da Casa de Estremoz pelas condições ideais que oferecia em termos de espaço e de equipamentos necessários à realização da mesma. Para se aceder ao auditório teríamos obrigatoriamente que passar pelo Posto de Turismo, local onde já estaria patente nessa altura a exposição anteriormente referida o que poderia despertar não só o interesse pela visita à exposição mas também aos Museus por parte do público que ali se deslocasse para participar nas jornadas técnicas.

De igual forma iríamos fazer convites à comunidade para participar nas jornadas e no debate, como por exemplo, turmas do ensino Secundário do concelho que frequentassem cursos direta ou indiretamente relacionados com a área do Património e Turismo, comunidade Académia da Universidade de Évora e Politécnico de Portalegre ligadas à mesma área do saber, Associações locais de Defesa do Património, público em geral, etc.

Embora não tenhamos conseguido realizar as Jornadas Técnicas mais uma vez encontrámos uma alternativa, o que nos possibilitou criar conhecimento e recolher novos dados relacionados com o Património Industrial do Concelho de Estremoz. Ao realizarmos esse trabalho sobre a empresa “J. T. Pirra” contribuímos diretamente para o enriquecimento da documentação associada ao NMAA (que pretendíamos valorizar). Assim, da mesma forma que foi realizado este trabalho outros poderão vir a ser feitos com vista ao enriquecimento da documentação, uma vez que no acervo do NMAA existem peças e objetos produzidos noutras indústrias que desenvolveram a sua atividade ligada ao ramo agrícola, como por exemplo, a “Metalúrgica do Crato”, instalada no Crato, ou a “Metalúrgica Eduardo Duarte Ferreira, Lda.”, instalada no Tramagal.

Durante a realização do estágio percebemos que os recursos são limitados, que situações imprevistas acontecem, por mais planeamento que tenha sido feito, impedindo-nos não raras as vezes de concretizar aquilo a que nos propomos. No entanto, esses imprevistos, em parte das vezes resultam em oportunidades que devemos agarrar e em ensinamentos que devemos apreender.

Em termos práticos aprendemos da pior forma, que algumas peças são de uma vulnerabilidade extrema e que um pequeno descuido pode levar à ocorrência de acidentes, como foi o caso da quebra da peça da barrística e da forquilha. Como tal, numa ocasião próxima há que redobrar os cuidados a ter ao manusear este tipo de objetos. Apesar de termos investido na aprendizagem, com participação na montagem e desmontagem de exposições

temporárias, pela ocorrência, verificou-se que a aprendizagem não foi suficiente para evitar o acidente.

Em jeito de conclusão, acreditamos que quando se trabalha em equipa, quando se busca o melhor que cada um tem nas suas áreas do saber, o produto final do projeto só pode resultar em sucesso e aproximação entre as pessoas que contribuíram como um todo para alcançar o fim a que se propuseram.

Uma última nota para a importância da imprensa local que, por estes dias vive tempos difíceis, nada que seja de agora mas que a pandemia veio acentuar. Sem dúvida, principalmente no interior do país e em pequenas localidades enaltece-se a importância destes meios de comunicação no trabalho de informação que desenvolvem, permitindo, não só, ao cidadão normal obter informações sobre assuntos do dia-a-dia local, regional e nacional, mas também o acesso por parte de muitos investigadores que vêm “beber” nas fontes por eles produzidas.

No trabalho por nós desenvolvido foi notória a utilidade destes meios, realçando o Jornal “Brados do Alentejo” e portal de informação “Ardina do Alentejo”, os quais nos ajudaram diretamente na divulgação da exposição e que, como tantos outros, como já referimos, passam por grandes dificuldades de sobrevivência. Fazemos um apelo às autoridades locais, a quem de direito e à solidariedade particular para que não deixemos morrer estes meios de comunicação locais, no qual já se demonstrou a sua importância e utilidade e que diretamente contribuíram com a sua ajuda para a valorização e divulgação deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

Alfaia Agrícola de Estremoz: Espaço de Memória. (2000, junho 16). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 500, p.3.

Alfaia Agrícola em instalações próprias. (1999, setembro 10). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 480, p.8.

Alfaia Agrícola - Encontro de doadores e de depositários?. (1988, dezembro 2). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 220, p.8.

Arquivo da Empresa João Trindade Pirra. (1931). [*Correspondência com o Governador Civil de Évora*]. [S.l.: s.n.]

Biblioteca Municipal de Estremoz. (1880). *Catalogo da Bibliotheca Popular de Estremoz.* Lisboa: Typographia Universal.

BRIGOLA, João Carlos. (2007). *História da museologia: relatório do programa.* Provas de Agregação em Museologia. Universidade de Évora, Departamento de História. Évora: [s.n]. 166 pp.

BRITO, Joaquim Pais de; **BAPTISTA,** Fernando Oliveira; **PEREIRA,** Benjamim coord. (1996). *O Voo do Arado.* Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.

BRITO, Joaquim Pais de; **CAMPOS,** Ana Margarida; **COSTA,** Paulo Ferreira da. (2000). *Normas de Inventário – Etnologia: Alfaia Agrícola.* Lisboa: IPM.

CAMACHO, Clara de Frayão; **BRIGOLA,** João Carlos e **SILVA,** Raquel Henriques da, ori. (2014). *Credenciação, sistemas e redes nacionais de museus: uma panorâmica europeia contemporânea.* Tese de Doutoramento em História. Universidade de Évora. Évora: [s.n.]. 412 pp.

CRESPO, José Lourenço Marques. (1950). *Estremoz e o seu Termo Regional.* Estremoz: Tipografia Brados do Alentejo.

Criada a Associação Etnográfica e Cultural de Estremoz. (1995, novembro 3). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 387, p.3.

ESPANCA, Túlio. (1966). *Inventário Artístico de Portugal: Concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Mora, e Vendas Novas.* Distrito de Évora, Vol. VIII. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.

Estremoz - Principais deliberações tomadas em 27/07/1991. (1991, julho 19). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 285, p.3.

Estremoz, dá-te a conhecer... A Biblioteca e o Museu Municipais. (1968, fevereiro 25). Jornal Brados do Alentejo, n.º 1913, p. 1 e p.5

Estremoz, dá-te a Conhecer... O Museu da Cidade. (1968, novembro 17). Jornal Brados do Alentejo, n.º 1951, p.1 e p.5.

Estremoz, dá-te a conhecer... O Museu Rural. (1968, março 24). Jornal Brados do Alentejo, n.º 1917, p.1 e p.5.

ETMOZ: Transformar uma coleção num Museu. (1996, maio 31). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 402, p.1 e p.9.

Fábrica de Moagem. (1915, junho). O Jornal d'Estremoz, n.º 1459.

FERRO, João. (2019, fevereiro 14) *Museu da Alfaia Agrícola volta a mudar de casa – Um esclarecimento.* Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 948, p.4.

Galeria de Desenho do Museu Municipal de Estremoz: Novos Doadores. (1997). Estremoz: [s.n].

GRAZINA, Inácio. (2007, maio 31). *Museu rural em novas instalações.* Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 666, p.1 e p.11.

GRAZINA, Inácio. (2015, maio 14). *Bonecos de Estremoz integrados no Inventário Nacional*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 858, p.16.

GRAZINA, Inácio. (2015, junho 25). *Museu inaugura nova exposição*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 861, p.8.

GRAZINA, Inácio. (2017, dezembro 21). *Bonecos de Estremoz são Património Mundial – De Estremoz para a Humanidade*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 920, p.7.

GRAZINA, Inácio e **PEREIRA**, Pedro. (2007, maio 17). *Museu rural reabre amanhã – A importância de preservar o que é nosso*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 665, p.6.

GUERREIRO, Hugo e **Ramalho**, Pedro. (2002). *Catálogo: Homenagem a Júlio Maria dos Reis Pereira*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz.

GUERREIRO, Hugo, org. (2003). *Catálogo: Homenagem a Joaquim Vermelho*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz.

GUERREIRO, Hugo. (2003, setembro 27). *Joaquim Vermelho e os Museus de Estremoz*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 577, p.2.

GUERREIRO, Hugo. (2010). *Programa Museológico do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho*. Estremoz: [s.n].

GUERREIRO, Hugo (2010). *Programa Museológico do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: para umas Reservas Visitáveis # Imóvel construído de raiz*. Estremoz: [s.n].

GUERREIRO, Hugo. (2013). *[Folheto do] Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: Reservas Visitáveis*. Estremoz: Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho.

GUERREIRO, Hugo. (2018). *Figurado de Estremoz: Produção Património Imaterial da Humanidade*. Porto: Afrontamento.

[Guia da] II Feira-Exposição Agro - Pecuária e Industrial de Estremoz. (1927). [S.l.: s.n.]

GUIMARÃES, Paulo Eduardo. (2006). *Tradição e modernidade na indústria alentejana (1922-1950): os estabelecimentos de pequena e de média dimensão*, p.201-330. In *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960)*. Évora: Publicações do CIDEHUS, Edições Colibri.

I.G. (2002, 13 dezembro). *Homenagem a Reis Pereira*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 558, p.11.

Inaugurada a Galeria de Desenho: Considerada uma das mais importantes do país. (1983, junho 3). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 90, p.1 e p.6.

JALECA, João e **MOURINHA**, Nuno. (2020, julho 16). *Quase Centenária a PIRRA continua a inovar: Das ferraduras ao sofisticado equipamento agrícola*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 983, p.8.

J.C. (1978, janeiro 31). *O sector cultural da cidade: O Museu Municipal de Estremoz*. Jornal Brados do Alentejo, 2ª Série, n.º 1, p.9.

J.C.S. (1979, julho 15). *O Museu Municipal de Estremoz nos encontros de Seia e Faro*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 3, p.13.

Museu da Alfaia Agrícola fecha para obras. (2004, maio 7). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 593, p.1 e p.3.

Museu de Alfaias Agrícolas em Estremoz. (1987, maio 22). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 184, p.6.

Museu de Estremoz homenageia Júlio Reis Pereira. (2002, novembro 29). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 557, p.16.

Museu Rural fez 50 anos. (2001, fevereiro 23). Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 515, p.1, p.8 e p.9.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; **GALHANO**, Fernando; **PEREIRA**; Benjamim. (1976). *Alfaia Agrícola Portuguesa*. Lisboa: Instituto Alta Cultura, Centro de Etnologia.

Paulo Vicente na Galeria de Desenho. (2003, janeiro 10). *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 560, p.11.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2010, abril 13). *Acervo do Museu da Alfaia Agrícola reabre ao público.* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 737, p.7.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2010, maio 27). *'Municipal' de Estremoz integra Rede Portuguesa de Museus.* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 738, p.8.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2010, julho 22). *Museu da Alfaia Agrícola foi assaltado.* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 742, p.1 e p.5.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2010, outubro 20). *Acervo do Museu da Alfaia Agrícola totalmente transferido.* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 771, p.5.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2012, julho 12). *Arrancaram as obras no "Círculo".* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 790, p.6.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2013, maio 2). *Museu da Alfaia Agrícola reabre este mês.* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 809, p.5.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2013, junho 27). *Museu da Alfaia Agrícola já abriu.* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 813, p.8.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2013, julho 11). *Palácio dos Marqueses de Praia e Monforte – Obra concluída em Julho e inaugurada em Agosto.* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 814, p.6.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2016, maio 12). *Museu Rural de Estremoz volta a mudar de casa* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 882, p.1 e p.9.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2017, setembro 14). *Museu Rural tem nova morada.* *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 913, p.5.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2017, dezembro 7). *Bonecos de Estremoz a Património Imaterial da Humanidade – Artesãos com grande expectativa*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 919, p.8.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2019, janeiro 3). *Fundação Berardo comprou prédio da Ex-FNPT em Estremoz - Museu de Arte Africana substitui 'Alfaia Agrícola'*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 945, p.16.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2019, janeiro 31). *Museu da Alfaia Agrícola volta a mudar de casa*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 947, p.16.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2019, fevereiro 14). *'Interesse Municipal' para edifício dos Produtores de Trigo*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 948, p.5.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2019, julho 18). *Curso de Técnicas de Produção de Bonecos de Estremoz com inscrições abertas*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 959, p.11.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2019, setembro 26). *Bonecos de Estremoz dão mote a formação*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 962, p.11.

PEREIRA, Jorge Manuel. (2019, outubro 24). *Museu de Arte Africana foi-se*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 964, p.1 e p.8.

PEREIRA, Luís da Câmara. (2010, agosto 5). *Ainda o Museu da Alfaia Agrícola de Estremoz – Devolver o edifício à cidade*. Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 743, p.4.

PEREIRA, Pedro. (2004, julho 16). *Fechado! Será o fim?* Jornal Brados do Alentejo, 3ª Série, n.º 598, p.1 e p.8.

PICÃO, José da Silva. (1947). *Através dos Campos: Usos e Costumes Agrícola-Alentejanos - Concelho de Elvas*. Lisboa: Neogravura, 2ª ed.

PISCO, Adosinda e **VERMELHO**, Joaquim. [s.d.]. *Exposição A Alfaia Agrícola e o Património Cultural e Natural*. I.C.E. – Projeto das Escolas Rurais.

[Programa da] III Feira-Exposição Regional Agro-Pecuária e Industrial de Estremoz. (1955). [S.l.: s.n.]

[Programa da] Feira-Exposição de Estremoz. (1958). [S.l.: s.n].

Que Museu para a Alfaia Agrícola do Concelho de Estremoz?. (1988, novembro 18). *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 219, p.1, p.5.

QUINTAS, Armando. (2015). *Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história*, p.129-159. In **ALVES, Daniel**, Coord. *Mármore, património para o Alentejo: contributo para a sua história (1850-1986)*. Vila Viçosa: Talentirazão.

Regulamento do Museu Municipal de Estremoz. [s.d.]. Estremoz: [s.n].

Rede liga museus do concelho. (2006, junho 2). *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 642, p.11.

RENDEIRO, Humberto Filipe Simões. (2010). *Parcerias, Receitas Próprias e Mecenato: Desafios para a Gestão Museológica. O Museu de Francisco Tavares Proença Júnior: Um estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado em História, especialização em Museologia. Universidade de Coimbra: Faculdade de Letras. 142 pp.

Reuniões da Câmara: O que lá se passou em 2 de Junho - Museu da Agricultura. (1987, junho 19). *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 186, p.3.

Santa Vitória do Ameixial – Bênção do Gado. (1980, maio 23). *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 13, p.4.

SILVA, Pedro Nunes da. (1994). *Contributo para a transformação da Exposição da Alfaia Agrícola em Museu*. Curso de Estudos Superiores Especializados em Educação Comunitária e Preservação do Património Cultural e Ambiental: Disciplina de Gestão e Conservação do Património. Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação. Portalegre: [s.n.].

SILVA, Pedro Nunes da. (1995). *Alfaia Agrícola de Estremoz – Contributos para a sua Preservação*. Curso de Estudos Superiores Especializados em Educação Comunitária e Preservação do Património Cultural e Ambiental: Disciplina de Formas e Métodos de Preservação do Património. Instituto Politécnico de Portalegre - Escola Superior de Educação. Portalegre: [s.n].

SILVA, Pedro Nunes da. (2019, junho 20). *Coleção da Alfaia Agrícola de Estremoz – algumas preocupações*. *Jornal Brados do Alentejo*, 3ª Série, n.º 957, p.10.

Um Museu Agrícola em Estremoz. (1973, junho 3). *Jornal Brados do Alentejo*, ano XLIII, n.º 2188, p.1, 6.

VERMELHO, Joaquim. (s.d). *Pequeno Guia da Barrística Estremocense nas colecções do Museu Municipal de Estremoz*. Estremoz: Museu Municipal de Estremoz.

VERMELHO, Joaquim, **RIBEIRO**, Ana Isabel de Melo. (1983). *Roteiro do Museu Municipal de Estremoz*. Estremoz: Museu Municipal de Estremoz.

VERMELHO, Joaquim. (1990). *Barros de Estremoz*. Lisboa: Limiar.

VERMELHO, Joaquim; **GUERREIRO**, Hugo, org. (2003). *Nas Lavras do Tempo.... Sementes e Raízes*. Lisboa: Colibri; Estremoz: Câmara Municipal, 2ª ed.

VERMELHO, Joaquim. (2004). *Ler nas Pedras*. Estremoz: Câmara Municipal.

VERMELHO, Joaquim; **GUERREIRO**, Hugo, org. (2005). *Sobre as Cerâmicas de Estremoz: Arquivos de Memória*. Lisboa: Colibri; Estremoz: Câmara Municipal.

ZAGALHO, Ruy e **SILVA**, Pedro Nunes da, org.(1997). *Catálogo Descritivo: Coleção da Alfaia Agrícola*. Edição: ETMOZ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ELETRÓNICAS

<https://www.cm-estremoz.pt/evento/exposicao-o-mundo-rural-e-agricola-alentejano>

Consulta a 30/09/2020.

<https://www.cm-estremoz.pt/pagina/camara-municipal/caracterizacao-geral/>, consulta a 13/07/2020.

<https://www.cm-estremoz.pt/pagina/turismo/museu-municipal-de-estremoz-prof-joaquim-vermelho>, consulta a 31/10/2020.

<https://www.cm-estremoz.pt/pagina/turismo/nucleo-museologico-da-alfaia-agricola>, consulta a 31/10/2020.

<https://www.google.pt/maps/place/Largo+Dom+Dinis,+7100-509+Estremoz/@38.8420084,-7.5947377,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xd176f40e2e7f63d:0x3181e60d0a6bf636!8m2!3d38.8420042!4d-7.592549>

Consulta a 09/09/2020.

<https://www.inspirock.com/portugal/estremoz/palacio-dos-marqueses-da-praia-e-monforte-a6504561683>. Consulta a 23/07/2020.

<http://museuestremoz.blogspot.com/2012/09/na-passagem-do-10-aniversario-damorte.html>

Consulta a 10/09/2020.

http://pirra.pt/sobre_nos

Consulta a 05/03/2020

<https://www.visitarportugal.pt/images/mapas/07.gif>. Consulta a 13/07/2020.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Estremoz#/media/Ficheiro:Estremoz_freguesias_2013.svg.

Consulta a 13/07/2020.

<https://www.youtube.com/channel/UCHdUnoDsWFzZpjPEOmknIUQ>

Consulta a 03/11/2020.

IGP (2013). [Áreas das freguesias, municípios e distritos/ilhas da CAOP 2013](#). Carta Administrativa Oficial de Portugal (CAOP), versão 2013. Direção-Geral do Território. Consulta a 13/07/2020.

INE (2012). [Censos 2011 Resultados Definitivos – Região Alentejo](#). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, p.98. Consulta a 13/07/2020.

INE (2013). [Anuário Estatístico da Região Alentejo 2012](#). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, p.32. Consulta a 13/07/2020.

[Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro: Reorganização administrativa do território das freguesias](#). Anexo I. *Diário da República*, 1.ª Série, n.º 19, Suplemento, de 28/01/2013, p.44 – 45. Consulta a 13/07/2019.

ATAS

Arquivo Municipal de Estremoz. *Ata da sessão da Câmara Municipal de Estremoz de 25 de Setembro de 1967*, p.166v.

REF: AMETZ/CMETZ/B/A - 119.

Arquivo Municipal de Estremoz. *Ata da sessão da Câmara Municipal de Estremoz de 5 de Junho de 1941*, p.57v.

REF: AMETZ/CMETZ/B/A - 103.

Arquivo Municipal de Estremoz. *Ata da sessão da Câmara Municipal de Estremoz de 3 de Julho de 1941*, p.61v.

REF: AMETZ/CMETZ/B/A - 103.

CARTAS, CONVENÇÕES E LEGISLAÇÃO

Carta de Siena: “Museus e Paisagens Culturais” (2014).

Código Deontológico do ICOM para Museus (2009).

Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910.

Decreto n.º 9 842, DG, I Série, n.º 137, de 20-06-1924.

Decreto n.º 47 508, DG, I Série, n.º 20, de 24-01-1967.

Decreto-Lei n.º 163/2006, Diário da República n.º 152/2006, Série I de 2006-08-08.

Decreto-Lei n.º 78/2019, Diário da República n.º 108/2019, Série I de 2019-06-05.

Despacho Normativo n.º 3/2006, Diário da República n.º 18/2006, Série I-B de 2006-01-25.

Lei n.º 38/2004, Diário da República n.º 194/2004, Série I-A de 2004-08-18.

Lei n.º 47/2004, Diário da República n.º 195/2004, Série I-A de 2004-08-19.

Lei n.º 48/2017, Diário da República n.º 130/2017, Série I de 2017-07-07.

PLANTAS

Arquivo Municipal de Estremoz. [*Planta do Projeto de Construção das Instalações da Empresa “J. T. Pirra”, na Avenida de Santo António, em Estremoz*].

REF:PT/CMETZ/L/E-72; Requerimentos de Obras Particulares.

Arquivo Municipal de Estremoz. [*Planta para Construção de duas dependências na propriedade do Sr. João Trindade Pirra, em Estremoz*].

REF: N.º 5; Arquivo Intermédio L/E - Obras Particulares – Processos Caducos.

Arquivo Municipal de Estremoz. [*Planta da oficina da Empresa: “J.T. Pirra”, contendo os vários espaços de trabalho*].

REF: 2/22/46/973; Arquivo Intermédio L/E - obras particulares – Processos Caducos.

APÊNDICE I

Mapa de pessoal afeto ao MME - PJV

N.º de Funcionários	Categoria Profissional	Habilitações Específicas	Funções
1	Responsável Técnico	Licenciatura em História	<p><i>-“Programar as atividades de exposição, editoriais e educativas;</i></p> <p><i>-Pugnar pela segurança e integridade dos materiais de apoio às exposições temporárias;</i></p> <p><i>-Cumprir e prover a atualização do Regulamento Interno do MME sempre que tal se revele necessário;</i></p> <p><i>-No que concerne ao MME promover o cumprimento e atualização das tarefas e documentos respeitantes à Aplicação da Norma ISO 9001:2000;</i></p> <p><i>-Zelar pela manutenção dos edifícios do MME, cabendo-lhe dar conhecimento às instâncias competentes da eventual necessidade de execução de obras de melhoramento, segurança e de conservação;</i></p> <p><i>-Fazer a avaliação dos colaboradores afetos ao MME.</i></p> <p><i>-Assegurar a preservação e segurança do acervo de fontes e bibliografia do MME;</i></p> <p><i>-Estudar e propor a política de aquisições para o MME e seus polos museológicos;</i></p> <p><i>-Encaminhar os pedidos de materiais e funcionários necessários ao MME para o</i></p>

			<p><i>eleito responsável;</i></p> <p><i>-Coordenar a gestão dos Recursos Humanos que são colocados ao seu dispor para o desenvolvimento das atividades museológicas e museográficas;</i></p> <p><i>-Representar o MME, nomeadamente em exposições, congressos, colóquios e outras manifestações culturais, quando tal lhe seja indicado pelo Presidente ou Vereador responsável;</i></p> <p><i>-Zelar pelo cumprimento e atualização do Plano de Segurança do MME;</i></p> <p><i>-Estudar e propor a Normas e Procedimentos de Conservação;</i></p> <p><i>-Elaborar, em conjunto com a equipa técnica, um Plano de Atividades a apresentar à tutela em cada ano e respetivo Relatório de Atividades.”*</i></p>
1	Técnico Superior	Licenciatura em Animação Sociocultural	-Responsável pelo setor educativo do MME e por todas as atividades educativas desenvolvidas.
1	Técnico Superior	Licenciatura em Arqueologia	<p>-Organizar, inventariar, classificar e elaborar estudos de materiais arqueológicos pertencentes às coleções do MME e/ou às escavações realizadas no concelho;</p> <p>-Elaborar e acompanhar projetos de conservação, restauro e valorização de monumentos e sítios arqueológicos concelhios;</p> <p>-Desenvolver ações de investigação, apresentação pública de trabalhos sobre as coleções do museu e sobre o Património Arqueológico concelhio;</p> <p>-Elaborar conteúdos para exposições</p>

			temporárias sobre o Património Arqueológico de Estremoz; - Realizar visitas guiadas ao Património Arqueológico de Estremoz;
1	Técnico Superior	Licenciatura em Conservação e Restauro	-Responsável por realizar exames de diagnóstico, propostas de tratamento e conservação preventiva; -Responsável por tratamentos de conservação e restauro; -Elaborar documentação com as observações e intervenções efetuadas.
1	Técnico Superior	Gestão Turística e Cultural	-Responsável pela receção ao público visitante e pelas visitas guiadas.
1	Técnico Superior	Turismo	-Responsável pela receção ao público visitante e pelas visitas guiadas.
2	Assistentes Técnicos		-Trabalhar na área da receção ao público visitante, manutenção museográfica e executar pequenas ações de curadoria;
5	Assistentes Operacionais		- Trabalhar na área de receção ao público visitante, manutenção museográfica, executar pequenas ações de curadoria e preparar os espaços de exposição temporária. Um destes assistentes trabalha na área da limpeza.

***Fonte:** Regulamento do MME.

ANEXO I

Imagens



Fig. 61 - Placa indicativa do largo onde se encontra localizado o MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 62 - Aspeto da Cerca Medieval de Estremoz.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 63 - Porta de Santarém.

Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g189105-d7242584-i179746514-Port_of_Santarem_Estremoz-Estremoz_Evora_District_Alentejo.html, consulta a 23/07/2019.

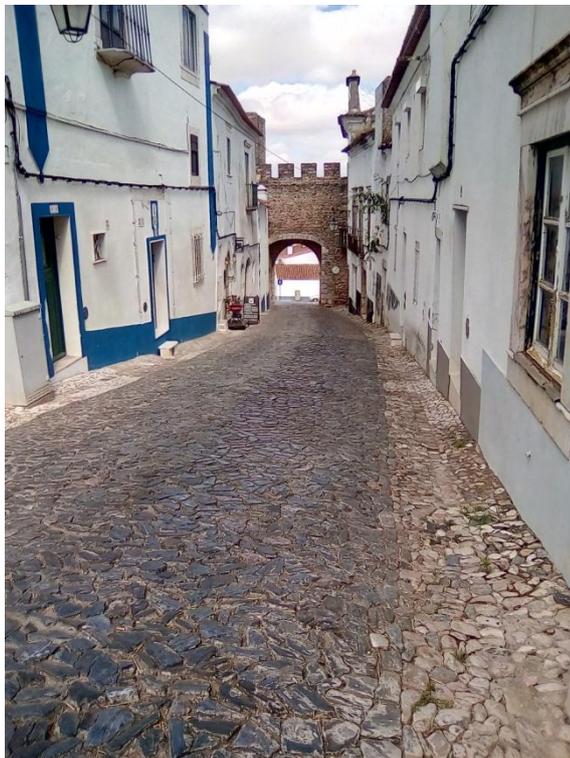


Fig. 64 - Rua do Arco de Santarém: ao fundo a Porta de Santarém.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 65 - Fachada da Antiga Casa da Câmara.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 66 - Pousada da Rainha Santa Isabel.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 67 - Interior da Capela Rainha Santa Isabel.

Fonte: <https://olharescruzados.blogs.sapo.pt/23771.html>, consulta a 23/07/2019.



Fig. 68 - Capela do Senhor Jesus dos Inocentes.

Foto: Ramalho, 2019



Fig. 69 - Casa das Fardas.

Foto: Ramalho, 2019

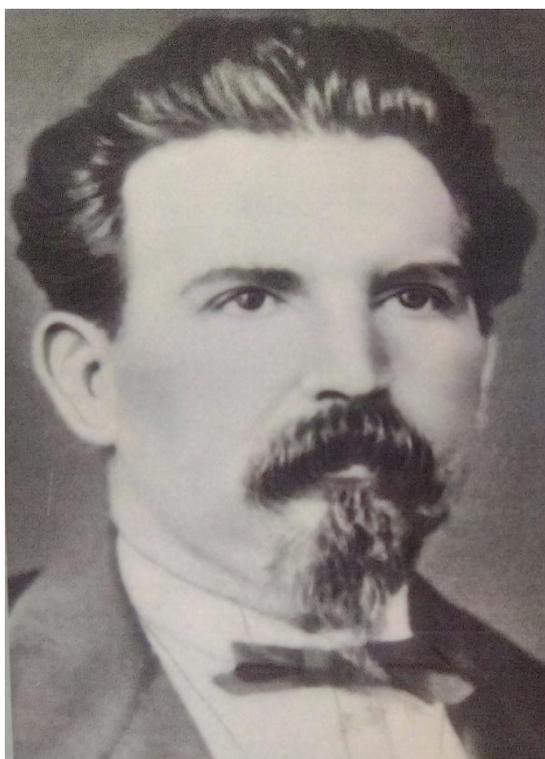


Fig. 70 - José Fernando Pereira Deville, fundador do MME.

Fonte: Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho.



Fig. 71 - “Exposição do Trajo de Trabalho e de Festa”, agosto de 1978.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/011/001-00011



Fig. 72 - “Exposição do Trajo de Trabalho e de Festa”, agosto de 1978.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/011/001-00023



Fig. 73 - “Exposição do Trajo de Trabalho e de Festa”: “Manuel da Avó” exibindo traje típico, agosto de 1978.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/011/001-00061



Fig. 74 - “Exposição do Trajo de Trabalho e de Festa”: rapariga exibindo traje típico, agosto de 1978.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/011/001-00111



Fig. 75 - “Festa do Padrão”, década de oitenta do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/J-E/014-00074



Fig. 76 - Encontro no Museu Nacional de Etnologia, 1980.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/001/002/003-00005



Fig. 77 - Seminário: "Animação na e através da comunidade" realizado em Odemira, junho de 1981.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/001/002/004-00001

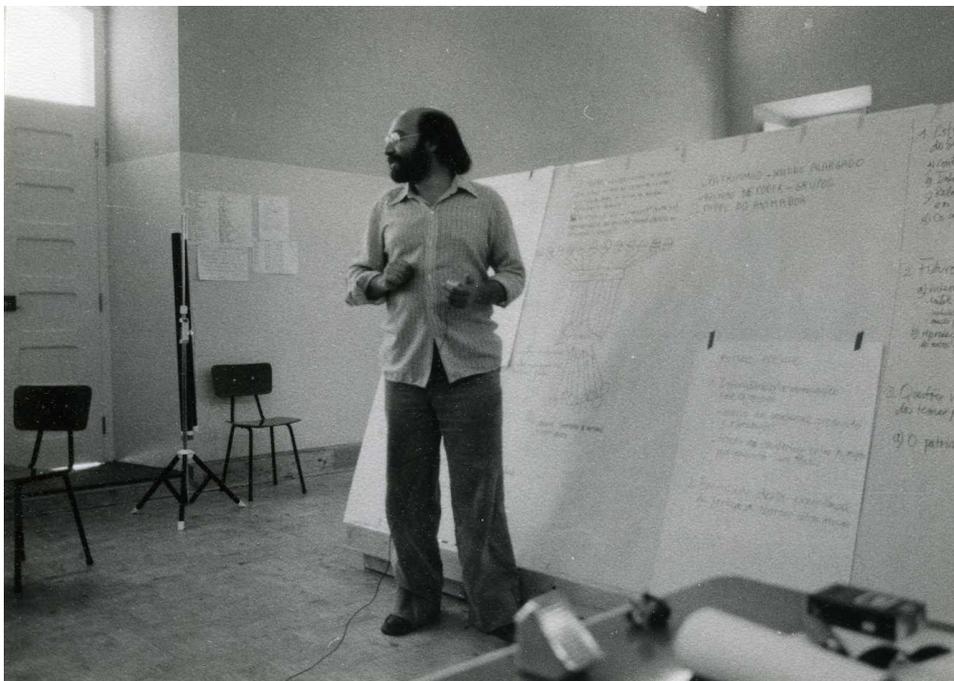


Fig. 78 - Seminário: "Animação na e através da comunidade" realizado em Odemira: em destaque o Ex-Diretor do Museu Nacional de Etnologia Dr. Joaquim Pais de Brito, junho de 1981.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/001/002/004-00010

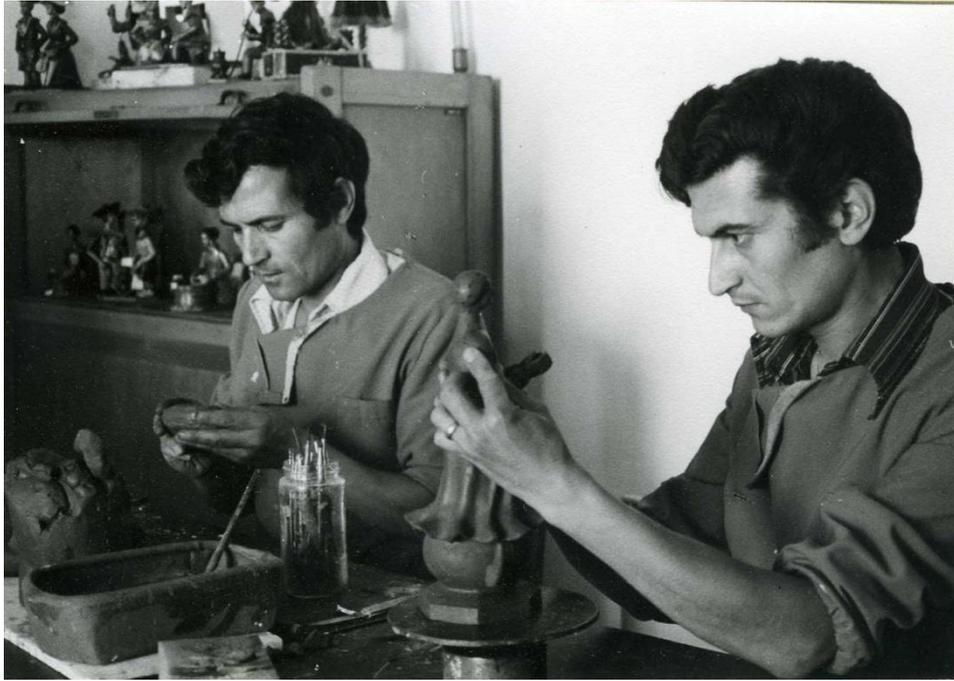


Fig. 79 - “Irmãos Ginja” produzindo Bonecos de Estremoz no MME, década de oitenta do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/C-A/009/001-0047



Fig. 80 - Oficina do MME em construção, finais da década de setenta do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF JV/E-C/001/001/017-00007



Fig. 81 - Oficina do MME concluída, 1979.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/001/001/017-00002



Fig. 82 - Secretário de Estado do Ambiente e Diretor do Serviço Nacional de Parques em visita ao MME no dia da Inauguração da Oficina de Barristas, dezembro de 1979.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/001/002/001-00001



Fig. 83 - Obras para instalação da Sala de Exposições Temporárias no MME, 1982.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/001/001/010-00004



Fig. 84 - Inauguração da Galeria de Desenho: em pé discursando o então Presidente da Autarquia, José Emílio Guerreiro, do seu lado direito Armando Alves e Rogério Ribeiro, à sua esquerda Joaquim Vermelho, Pedro Borges e José Barros de Carvalho, maio de 1983.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/CMETZ/F-C/1/i7



Fig. 85 - Inauguração da Galeria de Desenho: público assistente, maio de 1983.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/CMETZ/F-C/1/i4



Fig. 86 - Inauguração da Galeria de Desenho: visita à Exposição, maio de 1983.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/CMETZ/F-C/1/i14



Fig. 87 - Arquitetos da Unesco visitam centro histórico e MME, setembro de 1985.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/001/002/008-00002



Fig. 88 - Arquitetos da Unesco visitam centro histórico e MME, setembro de 1985.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/001/002/008-00004



Fig. 89 - Placa alusiva à Homenagem do Município ao Eng.º Júlio Reis Pereira.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 90 - Placa alusiva à credenciação do MME - PJV pela RPM, 2010.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 91 - Placa alusiva à inauguração da nova exposição permanente do MME - PJV, 2015.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 92 - Desumidificador numa das salas de exposições permanentes do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 93 - Sistema de climatização (AC) instalado no gabinete técnico do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019



Fig. 94 - Termo higrógrafo na sala do Bonecos de Estremoz do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 95 - Janela em madeira para controlo da luz natural no MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 96 - Janela em alumínio para controlo da luz natural e desumidificador na sala de Artesanato do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 97 - Iluminação expositiva e cénica na sala de Exposições Temporárias do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 98 - Placa informativa de existência de alarme, sobre a fachada do edifício do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 99 - Equipamento de detecção de movimento instalado no MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.

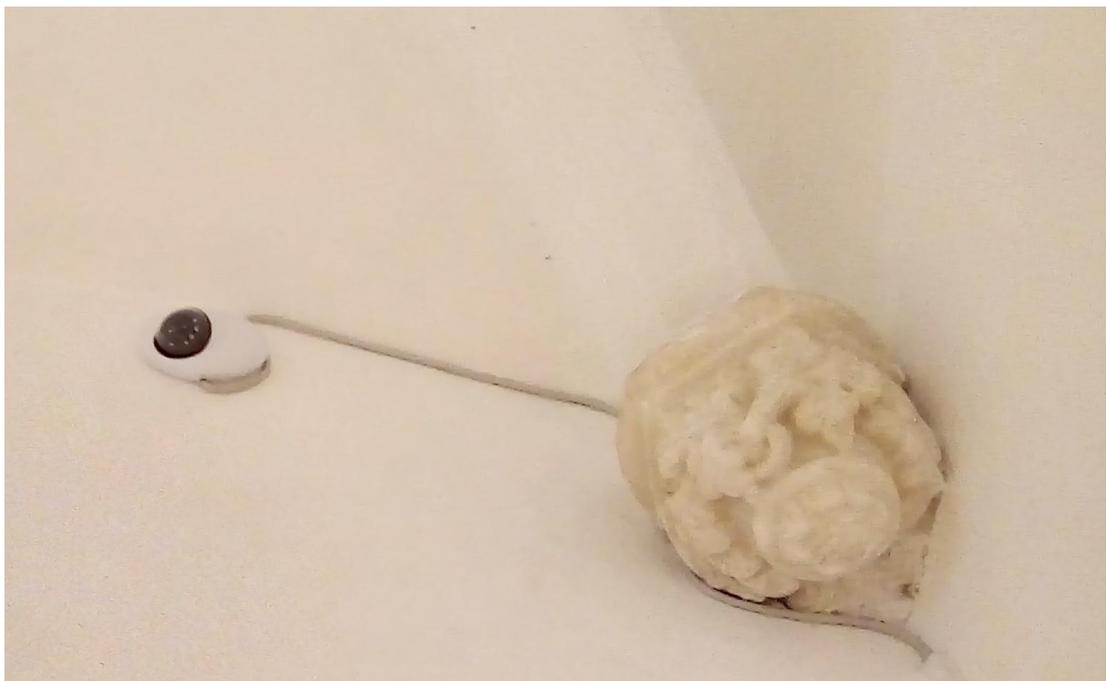


Fig. 100 - Câmera de vigilância instalada numa das salas do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 101 - Extintor existente numa das salas do Boneco de Estremoz do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 102 - Sinalética indicativa de saída de emergência na receção do MME - PJM.

Foto: Ramalho, 2019.

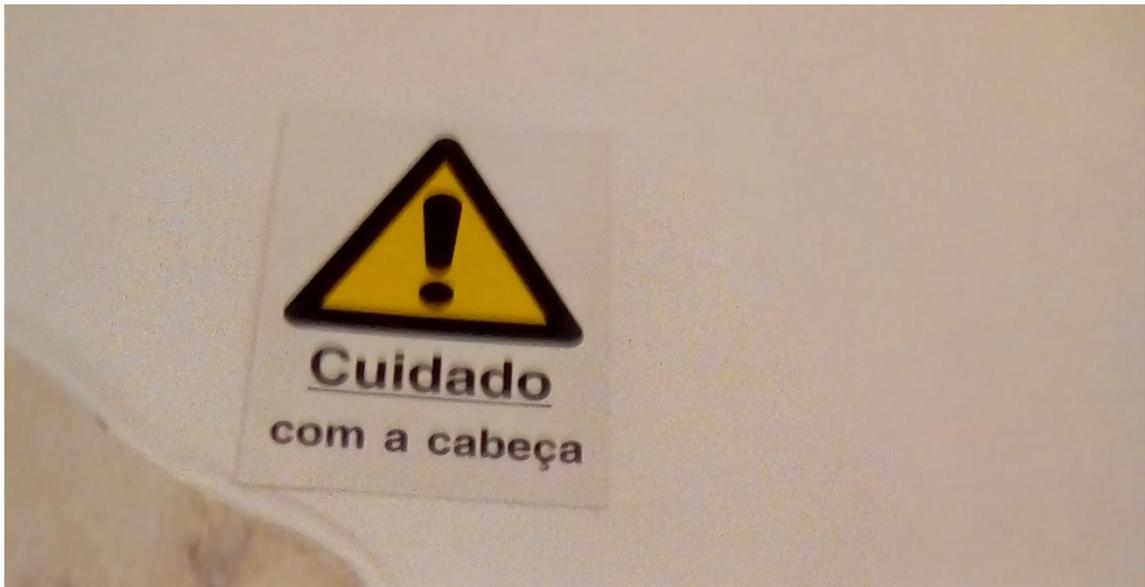


Fig. 103 - Sinalética indicativa de perigo no acesso a uma das salas dos Bonecos de Estremoz do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 104 - Sinalética a indicar a proibição de fumar nos espaços do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 105 - Sinalética a informar sobre o sistema de videovigilância instalado no MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 106 - Painel explicativo com informações sobre a “Casa Alentejana” no MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 107 - Legenda de uma peça em exposição na sala de Artesanato do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



ROTEIRO
MUSEU MUNICIPAL
PROF. JOAQUIM VERMELHO

Fig. 108 - Folheto informativo do MME - PJV.

Fonte: Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho.



Fig. 109 - Painel interativo do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 110 - Visita guiada à Anta: “Entre Águas”.

Foto: Rita Laranjo, 2018.



Fig. 111 - Cartaz da iniciativa: “Estremoz Férias de Verão”.

Fonte: <http://www.cm-estremoz.pt>



Fig. 112 - Zona de receção e acolhimento ao visitante do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2020.



Fig. 113 - Espaço no MME - PJV para venda de peças de Barrística de Estremoz e de publicações.

Foto: Ramalho, 2019



Fig. 114 - Porta de acesso à casa de banho do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 115 - Sala da Faiança do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 116 - Sala da Olaria do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 117 - Sala de Exposições Temporárias do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 118 - Sala de Artesanato do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 119 - “Casa de Fora” do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 120 - “Quarto” do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 121 - Dependência situada no quintal do MME - PJV, onde se realizam as atividades educativas.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 122 - Sala para realização de atividades educativas do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 123 - Cisterna do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2020.



Fig. 124 - Presépio em exibição na cisterna do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2020.



Fig. 125 - Sala das Reservas de Arqueologia do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2020.



Fig. 126 - Gabinete Multifunções do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 127 - Sala das Reservas do MME - PJV: em plano de fundo coleção de cristos e peças de artesanato diversas.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 128 - Gabinete Técnico do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2020.



Fig. 129 - Edifício anexo funcionando como armazém do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 130 - Degraus de acesso ao MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 131 - Escadaria de acesso ao 2.º piso do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 132 - Vitrina no exterior do edifício do MME - PJV contendo informações sobre horário e preços.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 133 - Sinalética a indicar direção para chegar ao MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 134 - Referência à denominação atribuída ao MME - PJV, na fachada do edifício.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 135 - Sinalética delimitando lugares de estacionamento afetos ao MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 136 - Livro de sugestões e reclamações existente na receção do MME - PJV.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 137 - Visita das entidades oficiais à Exposição da Alfaia Agrícola durante a I FIAPE, maio de 1987.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/002/001-00002



Fig. 138 - Crispim Serrano: figura marcante na recolha inicial de peças para o MAA, anos 80 do séc. XX.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/002/006-00001



Fig. 139 - Fachada do edifício onde esteve instalado o MAA.

Fonte: PISCO, Adosinda e VERMELHO, Joaquim. (s.d.). *Exposição A Alfaia Agrícola e o Património Cultural e Natural*. I.C.E. – Projeto das Escolas Rurais, p.7.

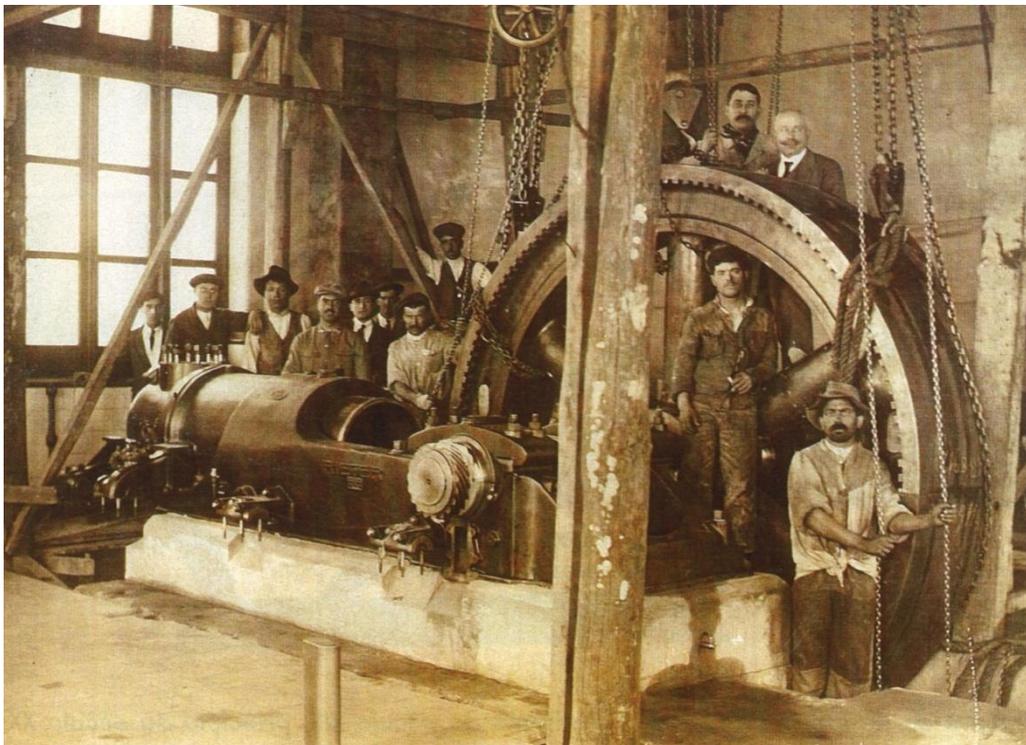


Fig. 140 - Trabalhadores da Companhia de Moagem e Eletricidade de Estremoz.

Fonte: PISCO, Adosinda e VERMELHO, Joaquim. (s.d.). *Exposição A Alfaia Agrícola e o Património Cultural e Natural*. I.C.E. – Projeto das Escolas Rurais, p.8.

Presidência do Conselho de Ministros
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
Gabinete

DECLARAÇÃO

Nos termos do Decreto-Lei nº 258/86 de 28 de Agosto, e
obtido o parecer dos serviços competentes, declaro que reconheço o
manifesto interesse cultural de Museu da Alfaia Agrícola de Estremoz

-----,
iniciativa da responsabilidade da COMISSÃO DA ALFAIA AGRÍCOLA --

----- , para efeitos da respectiva
dedução fiscal.

Lisboa, 12 de Setembro de 1988

A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA,

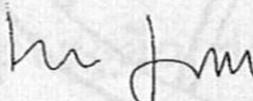

Maria Teresa Gouveia

Fig. 141 - Declaração de manifesto interesse cultural do MAA, setembro de 1988.

Fonte: PISCO, Adosinda e VERMELHO, Joaquim. (s.d.). *Exposição A Alfaia Agrícola e o Património Cultural e Natural*. I.C.E. – Projeto das Escolas Rurais, p.11.



Fig. 142 - Encontro de novos doadores e depositários no MAA, novembro de 1988.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/002/002-00006



Fig. 143 - Logotipo da ETMOZ: concebido por Ruy Zagallo Pacheco.

Fonte: PISCO, Adosinda e VERMELHO, Joaquim. (s.d). *Exposição A Alfaia Agrícola e o Património Cultural e Natural*. I.C.E. – Projeto das Escolas Rurais, p.11.



Fig. 144 - 1.º Encontro do Projeto “Escolas Isoladas”, em colaboração com a ETMOZ: Hugo Guerreiro discursando para Professores, novembro de 1998.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/002/004-00005



Fig. 145 - 1º Encontro do Projeto “Escolas Isoladas”, em colaboração com a ETMOZ: Professores assistindo ao discurso de Hugo Guerreiro, novembro de 1998.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/002/004-00004.



Fig. 146 - Animação da coleção do MAA com escolas isoladas, novembro de 1998.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AMETZ/AF/JV/E-C/002/004-00014.



Fig. 147 - Projeto Escolas Isoladas: “A Mulher no meio rural”, junho/julho 2000.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

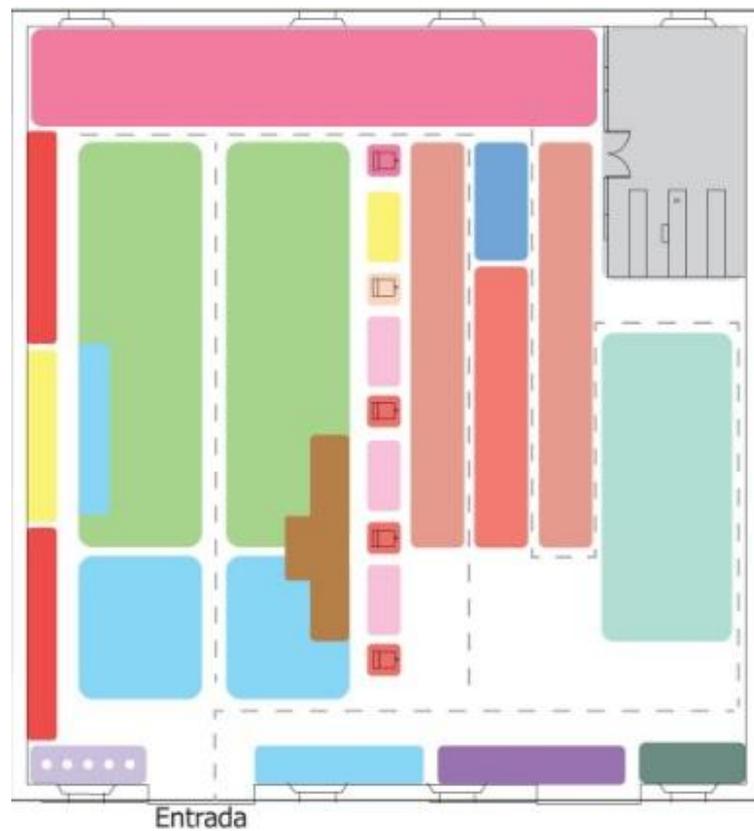
Referência: AMETZ/AF/CMETZ/JV/E-C/002/005-00004



Fig. 148 - Assinatura do protocolo de financiamento para aquisição do edifício do MAA localizado na Rua Serpa Pinto. Ao centro, a assinar o protocolo o então Presidente da CME, Luís Mourinha e o então Secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território, José Augusto Carvalho, agosto de 1999.

Fonte: Biblioteca Municipal de Estremoz / Arquivo Fotográfico.

Referência: AFMETZ/CMETZ/E-A/34/r1/i2



- Espaço Visitável
- Instrumentos de atrelagem
- Instrumentos de condução e controle de animais
- Instrumentos de corte e manuseio de forragens
- Instrumentos de debulha
- Instrumentos de limpeza de cereais e remoção de palhas
- Instrumentos de mobilização da terra
- Instrumentos de rega e monda
- Instrumentos de sementeira
- Metrologia
- Oficinas e unidades transportadoras do mundo agrícola
- Outros (chocalhos)
- Reserva não visitável
- Transportes a dorso animal
- Transportes de tração animal
- WC

Fig. 149 - Planta com a organização das coleções da Reserva Visitável do NMAA.

Fonte: [Folheto do] Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola: Reservas Visitáveis.

ANEXO II

Organograma dos Serviços da CME

ORGANOGRAMA DOS SERVIÇOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESTREMOZ



Fonte: Município de Estremoz

ANEXO III

Regulamento Primitivo do “Muzeu Municipal de Extremoz”

Capítulo I

Denominação e fins do muzeu

Artigo 1.º

O muzeu e a exposição permanente de industrias agricola, manufactureira e fabril do concelho de Extremoz denomina-se – Muzeu Municipal”.

Artigo 2.º

Os seus fins são: colleccionar todos os objectos notáveis pelo seu valor artistico – expôr permanentemente os productos dos principais ramos d’industria do concelho d’Extremoz, comprehendendo matérias primas, suas transformações e processos relativos – incitar os industriaes e productores ao aperfeiçoamento d’elles.

Capítulo II

Da administração do muzeu

Artigo 3.º

A administração do muzeu incumbe á camara, que encarregará d’ella a bibliothecario da bibliotheca popular, por ser o muzeu um estabelecimento annexo á bibliotheca.

Capítulo III

Direitos e obrigações dos expositores

Artigo 4.º

Cada produto que for enviado para o muzeu deverá ser acompanhado d’uma guia, em que se declare o nome do expositor, e se o objeto exposto fica, ou não, sendo propriedade do muzeu.

Artigo 5.º

Os expositores não teem que pagar quantia alguma pelo logar que occuparem os seus productos.

Artigo 6.º

A camara poderá regeitar qualquer objecto ou amostra quando entenda que não deve fazer parte da exposição.

Artigo 7.º

Quando os objectos expostos sejam declarados pelo expositor propriedade sua, não poderá este retirar-los antes do prazo d'um mez.

Artigo 8.º

Será permitido que se tirem modelos dos productos expostos, quando os expositores não tenham declarado o contrario, e a camara os tenha recebido com essa clausula.

Capitulo IV

Das attribuições do bibliothecario como empregado do muzeu

Artigo 9.º

Vigiar pela conservação de todos os objectos existentes no muzeu e de todos os que for recebendo; - promover pesquisas de objectos notaveis e adquiri-los todas as vezes que possa: - fazer o inventario de todos esses objectos; - ter aberto o muzeu desde as 10 horas da manhã até ás 2 da tarde nos dias em que estiver aberta a bibliotheca popular.

Artigo 10.º

Consultar a camara sobre a acceitação de alguns objectos, em que se lhe offereça dúvida sobre a conveniencia de serem recebidos no muzeu.

Artigo 11.º

Promover a aquisição de productos e renovação d'elles, e solicitar os necessarios esclarecimentos á cerca dos mesmos.

Artigo 12.º

Classificar e arrumar os productos que forem destinados ás differentes collecções.

Artigo 13.º

Organisar catalogos, estatisticas, fazer relatorios, etc.

Artigo 14.º

Facilitar e dar aos visitantes todos os esclarecimentos que tiver podido obter ácerca dos productos expostos, e convidar os productores do concelho a apresentarem amostras dos artigos resultantes do seu labor agricola ou fabril, e trabalhar na propaganda pratica das vantagens d'estas exposições.

Artigo 15.º

Consultar a camara sobre o destino que se haja de dar aos productos que pela duplicação, pela deterioração ou por qualquer outra causa não devam figurar no museu.

Capítulo IV

Artigo 16.º

Deverá haver na camara dois inventarios do muzeu, um das alfaias e mobília, e outro dos productos expostos.

Nota: Atualmente o MME - PJV possui regulamento próprio atualizado no qual consta a missão, vocação e objetivos da instituição.

Anexo IV

Prof. Joaquim Vermelho

Joaquim Vermelho¹⁴² foi uma personalidade bastante importante no desenvolvimento, promoção e defesa dos valores patrimoniais e culturais estremocenses, desenvolvendo um importante trabalho cultural especialmente no Museu Municipal de Estremoz e Biblioteca Municipal. Após a instalação do Museu no edifício que ocupa na atualidade, na década de setenta, ficou responsável pela organização das suas coleções com a ajuda do Dr. Manuel Pestana. Embora tenha desempenhado funções remuneradas pelo seu trabalho na Câmara Municipal de Estremoz, em finais de 1968 (por pouco mais de um ano), viria a enveredar pelo ensino conseguindo integrar o quadro da Escola Preparatória de Ponte de Sor.

Não se pense no entanto que abandonou a causa de animar, arrumar e organizar o acervo do Museu e Biblioteca, muito pelo contrário, continuou a desempenhar este trabalho de forma desinteressada e de forma gratuita.

Esteve na origem de inúmeros projetos ligados ao Museu, dos quais se destacam a fundação de uma oficina de Barrística, no quintal do Museu, onde os “Irmãos Ginja” desenvolveram a sua atividade a partir do final da década de setenta. Em 1983, inaugurou-se a Galeria de Desenho do Museu Municipal, nos Antigos Paços do Concelho, tendo sido promotores desta iniciativa além do próprio Joaquim Vermelho, Rogério Ribeiro, Armando Alves, José Flores, Barros de Carvalho e Pedro Borges. Em 1987, juntamente com o Sr. Crispim Serrano, conseguiu reunir os apoios necessários para materializar a ideia de constituir um Museu de Alfaias Agrícolas.

Ainda ao nível do Museu, entre a década setenta e de oitenta do século XX, em colaboração com o Núcleo de Dinamização Cultural (do qual fazia parte Joaquim Vermelho, auxiliado por alguns colegas professores e amigos, sendo Joaquim Vermelho um dos seus principais dinamizadores), realizou um conjunto de exposições temporárias e conferências no Museu e Biblioteca Municipal. Continuando o processo de dinamização e promoção do Museu, Joaquim Vermelho, enquanto Diretor do Museu procurou descentralizar as suas atividades, tendo desenvolvido um importante trabalho de cariz etnográfico juntamente com a população da Freguesia de Santa Vitória do Ameixal, realizando um conjunto variado de

¹⁴² Para informações mais detalhadas acerca da vida e obra desta personalidade consultar: “*Catálogo: Homenagem a Joaquim Vermelho*”.

atividades, entre o final da década de setenta e meados da década de oitenta do século passado.

Assim, não foi por mero acaso que, após a sua morte lhe tenha sido prestada a justa homenagem, na qual foi atribuído o seu nome ao Museu Municipal de Estremoz em 2003.

Além disso, manteve uma postura sempre ativa no que toca à sociedade estremocense, tendo desenvolvido trabalho em inúmeras associações locais, ajudando a fundar outras, sempre de forma desinteressada, demonstrando o homem multifacetado que era enquanto profissional e enquanto ser humano preocupado com questões ligadas à sua terra natal.

Deixou-nos ainda um legado bibliográfico, de inestimado valor, no que toca ao conhecimento da cultura e património local. Muita desta bibliografia foi editada quase no final da sua vida ou após a sua morte e, doou ainda um extenso arquivo de fotografias e slides ao Município de Estremoz, que ajudam na atualidade e com certeza no futuro a reconhecer acontecimentos ocorridos em décadas anteriores, ao nível da identificação do património arquitetónico, da disposição e intervenção urbanista da cidade, da cultura, de personalidades e gentes que contribuíram para o desenvolvimento de Estremoz, com especial enfoque no período demarcado entre o início/final do séc. XX e princípio do séc. XXI.

Concluimos este apontamento com uma nota biográfica sobre Joaquim Vermelho, citando, com base no Catálogo de Homenagem a Joaquim Vermelho, no qual o Dr. Hugo Guerreiro teve importante colaboração no que toca ao projeto, organização e elaboração de textos. Achamos que não seria justo, dado que não conhecemos esta personalidade pessoalmente, sermos nós a dar a conhecer a história de vida de um ser humano com o qual não convivemos diretamente. Será de todo mais credível e justo colocar as palavras descritas pelo Dr. Hugo Guerreiro, um amigo, colega e “discípulo” de Joaquim Vermelho, com o qual trabalhou diretamente no Museu Municipal de Estremoz e do qual “herdou” a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho desenvolvido por Joaquim Vermelho, sendo na atualidade o responsável técnico por esta instituição Museológica.

Biografia de Joaquim Vermelho

“Joaquim José Vermelho, nasceu em Estremoz a 01 de Março de 1927, no Largo General Graça.

Com 14 anos já escrevia pequenas crónicas literárias e poesia para o “Brados do Alentejo”. O director deste jornal, Dr. Marques Crespo, logo em 03 de Fevereiro de 1946,

contando Joaquim Vermelho com apenas 18 anos, publica no referido jornal um pequeno texto, louvando o seu trabalho.

No ano de 1948, em Agosto, foi para Tavira a fim de frequentar o curso de sargentos milicianos. Em 1949 trocou o quartel de Tavira pelo de Évora. Termina a vida militar em Julho de 1949.

Durante a década de 50 trabalhou para o “Jornal de Notícias”, do Porto, do qual era correspondente nesta zona do país. Ainda na década de 50, participa no jornal “A Planície”. Foi chefe de redacção da segunda série do “Jornal de Estremoz”, de 09 de Julho a 24 de Setembro de 1955.

Também nesta década, após ter passado num exame prático, toma por profissão a de Professor de Trabalhos Manuais, do ensino básico.

Consegue, já na década seguinte, abrir com o Sr. Fava, uma livraria/papelaria – FAVER - no Largo da República. No entanto, esta actividade não o fez largar o valioso emprego de Professor.

Poucos anos depois, vende a sua cota desta Sociedade, quando foi chamado pela autarquia para trabalhar na Biblioteca Municipal, no final do ano 1968.

Porém, pouco tempo esteve a receber vencimento da CME, já que, em 1970, fica como Professor efectivo na Escola Preparatória de Ponte de Sor.

Ao mesmo tempo que tinha esta atividade, nos seus tempos livres, ficava a auxiliar a Biblioteca e tratava de impulsionar o Museu.

A partir dos anos 70, com a mudança do Museu para o imóvel do Largo D. Dinis, Joaquim Vermelho inicia uma actividade cultural intensa, onde praticamente sozinho, e com um grande sentido pedagógico, faz exposições na Biblioteca e começa a organizar o Museu.

É também nesta década que funda com um grupo de professores, o Núcleo de Dinamização Cultural. Através desta associação procurar animar a Biblioteca e o Museu, bem como descentralizar as suas atividades, indo ao encontro da população rural de Santa Vitória.

Em 14 Dezembro de 1982 a CME atribui a este estremocense um Louvor pela sua acção no Museu, persistente defesa e promoção do património local.

No ano posterior, mais precisamente a 21 de Maio, é inaugurada a Galeria de Desenho. Joaquim Vermelho, Rogério Ribeiro, Armando Alves, José Flores, Barros de Carvalho e Pedro Borges, foram os seus principais impulsionadores.

Quase a finalizar o mês de Dezembro de 1986, e com quase 60 anos de idade, reforma-se do ensino. Fica assim “livre” para continuar a difícil, mas estimulante tarefa, de dinamizar o Museu e a Biblioteca.

No mês de Março de 1990 é publicada, a que é talvez a sua obra escrita de maior projecção, “Os Barros de Estremoz”.

Em 1991 recebe uma homenagem, a qual foi preparada por um conjunto de estremocenses.

Em 1992 convencem Joaquim Vermelho a voltar para o ensino, desta feita para trabalhar na sua terra natal. Exerce assim a actividade de professor no curso de Técnicos de Museologia e Património Cultural na EPRAL.

Em Abril de 2002 adoece gravemente, escrevendo uma carte de demissão do seu cargo logo em Agosto, colocando deste modo um ponto final a uma ligação com mais de 30 anos com a CME.

Ao longo desta frutuosa ligação, Joaquim Vermelho promoveu e defendeu o património cultural da sua terra como ninguém, tendo realizado centenas de exposições temporárias, dezenas de pequenas palestras, tirado milhares de fotografias alusivas ao património e redigido outras tantas centenas de textos relativas a Estremoz.

Como reconhecimento pelo seu trabalho em prol de Estremoz, a autarquia atribuiu-lhe um Louvor a 21 de Agosto desse mesmo ano.

Faleceu a 21 de Setembro [de 2002].”¹⁴³

¹⁴³ **GUERREIRO**, Hugo, org. (2003). *Catálogo: Homenagem a Joaquim Vermelho*. Estremoz: Camara Municipal de Estremoz.

ANEXO V

Ficha de Inventário

Página Web 1 de 2

Câmara Municipal de Estremoz

Inventário : Objectos

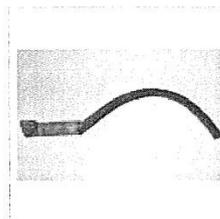
Nº inventário MAA.3047.ID.008

Designação Foice

Título

Descrição Foice de lâmina de ferro encurvada com bico partido, de gume serrelhada, com cabo de madeira sem guarda.

Data registo 26-01-2006



Historial

Nº de Registo Anterior 826

Informação específica

Autorias

Autor Desconhecido **Tipo autoria**

Categorias

Tipo categoria
Alfaia Agrícola

Colecções

Tipo colecção
Instrumento de Debulha

Cronologia

Data inicial	Data final	Data textual	Parte descrita
		Séc. XX	

Designações

Tipo designação Foice **Designação**

Entrada

Data entrada	Data saída	Motivo	Proveniência	Responsável	Créditos
31-03-2003					

Notas: Nº de Entrada 048

Fonte: MME - PJV.

Estados

Estado	Parte descrita	Descrição	Data estado
Regular			

Funções

Tipo função
Instrumento manual que serve para ajudar quem operava no alimnto de Enfardadeira

Incorporações

Tipo incorpor.	Proveniência	Data
Doação		

Inventariantes

Inventariante	Data
Manuel Broa	

Localizações

Tipo localização	Localização	Data
Exposição Permanente	Sala Nº 2 (MAA)	

Materiais

Tipo material	Cor	Parte descrita
Madeira e Aço		

Medidas

Unidade medida	Parte descrita	Tipo de medida	Valor
Centímetro		Comp. 0,42 x 4,5 Larg.	

Proprietários

Proprietário	Data
Câmara Municipal de Estremoz	

Informação relacionada

Autores	Desconhecido; 1	(directa)
Inventariantes	Manuel Broa; Auxiliar de Serviços Gerais; Funcionário do quadro da CME; 4	(directa)
Proprietários	Câmara Municipal de Estremoz; Rossio Marquês de Pombal; Estremoz; 7100 Estremoz; Portugal; 268339200; 5	(directa)
Ficheiros	Fotos Alfaia Agrícola 063; C:\Documents and Settings\Museu\Os meus documentos\As minhas imagens\Fotos Alfaia Agrícola\Fotos Alfaia Agrícola 063.jpg; 1	

Anexo VI

Horário e Preço do MME - PJV



Horário / Timetable
Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho

09h – 12:30h

14h – 17:30h

Encerrado às Segundas-Feiras e Feriados Nacionais
Close at Mondays and National Holidays

Ingresso / Entrance: 1,55€

Grupos / Groups: 6.20€ (10 visitantes/10 visitors)

Até 12 anos / until 12 years old: Gratuito / Free entrance

Salas de Exposições / Exhibitions Rooms:
Gratuito / Free Entrance

Fonte: MME - PJV.

Anexo VII

N.º de Visitantes registados em outubro de 2020 no MME - PJV, respetivas nacionalidades e horários de visitas

out-20																			Total Diário				
Dia	Portug	Espanha	R.Unido	França	Itália	Alem. /Austria	Suiça	Benelux	P.Escan	P.Les	Am.Nor	Am.Sul	Oceânia	Ásia	África	Grátis	9-10h	10-11h	11-12:30	14-15h	15-16h	16-17:30	
a 1	8				2												4		4	2			10
a 2	6			4	8							2						1	4	13	2		20
a 3	15			2												2	2	5	4		6		17
a 4	50	4														7	2	17	18	5	12		54
a 5																							0
a 6	11			2												13	7	4	2		4		13
a 7	4			2													2	4					6
a 8	10			4	2												5	7		4			16
a 9	9			3													2	2	2	2	6		12
a 10	15															3		6			9		15
a 11	9															2	1	5			3		9
a 12																							0
a 13		8	4													12	6	4			2		12
a 14	8		3	2															7	4	2		13
a 15		2																2					2
a 16																							0
a 17	17	6																10		10	3		23
a 18	8																	2	6				8
a 19																							0
a 20			2													2		2					2
a 21	7	2														2		4	3		2		9
a 22	2		2														2					2	4
a 23	6																		4	2			6
a 24	8	4			4											2	2	6	2	6			16
a 25	8																	4	4				8
a 26																							0
a 27	10			2	3											15	2		6	3	2	2	15
a 28				1	2												2				1		3
a 29																							0
a 30																							0
a 31	2																			2			2
total	213	26	31	23	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	295						
horas de Entrada	9-10h	10-11h	11-12:30h					14-15h	15-16h	16-17:30						total grátis	60						
numero de Visitantes	8	40	97					46	51	53		295											

Fonte: MME - PJV.

Anexo VIII

N.º de Visitantes registados em outubro de 2020 na Galeria Municipal Dom Dinis, respetivas nacionalidades e horários de visitas

Galeria Municipal

Relatório de Outubro de 2020

1. Em Outubro registaram-se 335 visitantes.

Visitantes Galeria Outubro – 2020																	Total Dia					
Portug	Espanha	R.Unido	França	Itália	Alem Austria	Suiça	Benelux	P.Escan	P.Les	Am.Nor	Am.Sul	Oceânia	Ásia	África	9-10h	10-11h	11-12.30h	14-15h	15-16h	16-17.30h	Total Dia	
1	22	2														16	8					24
2	26						4									1	10	19				30
3	28	9						2								2	6	9	13	9		39
4																						0
5																		2				0
5	9																				7	9
7	9			4											1	6	2			4		13
8	8			4									1				3	3	3	4		13
9	7	2														6	2		1			9
0	16	2	1														8	1		10		19
1																						0
2																						0
3	2	8														4	6					10
4	11	5	4															2	9	9		20
5	9	2	4														3	8		4		15
6	12	2		2												2			3	11		16
7	28	7															2	4	3	26		35
8																						0
9																						0
0							2										2					2
1	5			5				2								3	9					12
2	5			2				2								5	2		2			9
3																						0
4	27	19				1				1					1	6	9	9	6	17		48
5																						0
6																						0
7	3			2	1												4		2			6
8	4																2		2			4
9	2																	2				2
0																						0
1																						0
a	233	58	9	19	1	1	0	12	0	1	0	0	0	1	0	335						
de Entrada	9-10h	10-11h	11-12.30h	14-15h	15-16h	16-17.30h																
o de Visitantes	14	51	75	63	40	92																

Fonte: MME - PJV.

ANEXO IX



N.º de Visitantes do MME - PJV e Núcleos Museológicos

ANO	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
TOTAL	14184	16153 ⁱ	13829	12708	18111	23221	21981	24963 ⁱⁱ	26670	12782 ⁱⁱⁱ	24576	17540	20153	21292 ^{iv}

Fonte: MME - PJV

ⁱ Inclui Centro Cultural até meados de 2015.

ⁱⁱ A partir de Outubro inclui PMPM.

ⁱⁱⁱ Dados estatísticos incompletos por problema informático na Galeria D. Dinis.

^{iv} PMPM encerrado a partir de Junho.

Anexo X

Aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis de relhas: invento de “J. T. Pirra”

“O presente invento consiste no aperfeiçoamento das pontas substituíveis das relhas, com superior vantagem sobre os bicos ou pontas até hoje conhecidos, fazendo muito melhor serviço na lavoura, visto que a ponta de relha toma a forma de relha vulgar, como se fosse uma só peça, não sendo o corpo principal da relha prejudicado, pois que os presentes aperfeiçoamentos defendem a mesma relha do desgaste das suas arestas.

Na figura 1 está representada a parte posterior duma relha com a aplicação da ponta aperfeiçoada.

A figura 2 representa o corte pelo centro (A-B), da ponta aperfeiçoada.

A figura 3 representa o corte por C-D, centro da relha, indicando o encaixe da ponta bem como a carrapeta a, ponto de apoio à aiveca.

A figura 4 representa a relha vista de frente, com a ponta que motiva este pedido de patente, devidamente ajustada.

A figura 5 representa o corte por M-N da figura 1, e mostra o reforço f em forma semi-esférica, o que lhe dá muito maior resistência, conforme se apurou no estudo e experiências que se fizeram.

As abas g do bico (fig. 5) formam o ângulo h, o que constitui também uma inovação com apreciáveis resultados, pois nos bicos hoje vulgarmente usados, as abas não são planas em toda a sua extensão, não formando ângulo, mas sim, umombo bastante saliente que muito dificulta o corte da terra.

As figuras 6, 7, 8 e 9, representam as formas de bicos aperfeiçoados e que melhores garantias dão para a resistência e duração das relhas.

Conforme a força de que se dispõe e, portanto, conforme a construção destas pontas, poderão elas ter as quatro configurações apresentadas, nas quais se verifica que a ligação da ponta à relha, toma diversas modalidades e assim, na figura 6, tem o encaixe em olhal; na figura 7, o encaixe de três faces retas; na figura 8 tem o encaixe completamente reto e, na figura 9 o encaixe é sutado.

Conforme a força disponível, teremos a possibilidade de tornar o rego mais profundo, podendo empregar diversas charruas de maior ou menor resistência, portanto, de diversas relhas, e nestas, conforme as suas dimensões, assim os respectivos bicos ou pontas

poderão ser utilizáveis segundo os representados nas figuras 8 e 9 para maiores resistências, e nas figuras 6 e 7 para menores.

Não quer isto dizer que em pequenas charruas não se empreguem os bicos segundo as figs. 8 e 9, principalmente se for áspero o terreno a ser lavrado.

A principal vantagem da forma como no presente invento se ligam os bicos ás relhas consiste em as arestas b do bico, terem um maior avanço até ligarem á aresta e, ficando essa junção fora da zona mais atacada pela resistência da terra.

Nos bicos e relhas vulgares, este ponto de ligação é muito mais próximo do extremo d do bico, dando em resultado que o esforço da abertura do rego vai gastar as arestas e da relha, inutilizando-as com muito maior rapidez.

O bico ou ponta, que constitui o presente invento, mesmo que esteja bastante gasto, não prejudica a relha, que pode continuar a servir com novos bicos.

O encaixe do bico da relha, como se vê nas figuras 2 e 3, tem superior vantagens ás relhas e bicos até agora usados, por ter, segundo ficou demonstrado, uma maior superfície f de apoio, que torna o bico muito mais resistente e duma solidez muito apreciável.

Este encaixe está visível, em toda a sua extensão, nas figuras 1 e 4, em linhas cheias e pontuadas.

Em resumo: a principal vantagem nos aperfeiçoamentos nas pontas das relhas nas seguintes reivindicações:

1ª – Aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis das relhas, caracterizados porque as arestas cortantes das pontas, se unem ás arestas das relhas, numa região em que o desgaste produzido pelo corte da terra já não tem a importância precisa para inutilizar a relha com rapidez.

2ª – Aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis das relhas, segundo a reivindicação primeira, caracterizados porque a área de apoio da ponta do corpo da relha, é por tal forma vasta, que sua resistência é considerável, tendo ainda secções especialmente seleccionadas por forma a aumentar consideravelmente a sua resistência de apoio.

3ª – Aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis das relhas, segundo as reivindicações anteriores, caracterizados porque as abas da ponta são completamente planas, unindo-se num ângulo, o que facilita extraordinariamente o corte da terra, oferecendo assim uma resistência muito menor.

4ª – Aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis das relhas, segundo as reivindicações anteriores, caracterizados porque os encaixes das pontas às relhas, têm formas especiais em que a resistência é relativa ao esforço que a charrua tenha que empregar.”

Lisboa, 21 de Abril de 1933

Por João Trindade Pirra

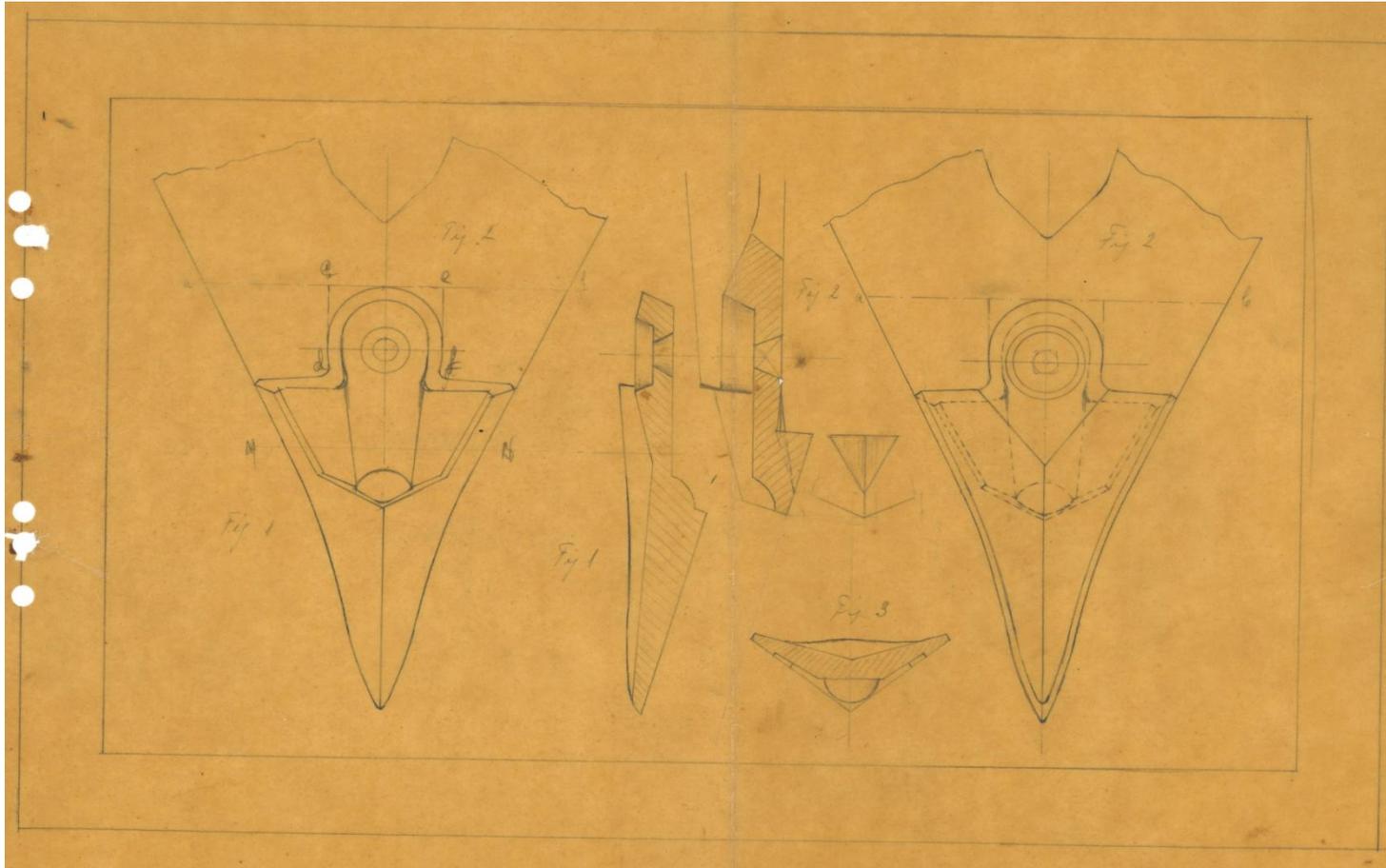


Fig. 150 - Desenhos dos aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis das relhas.

Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

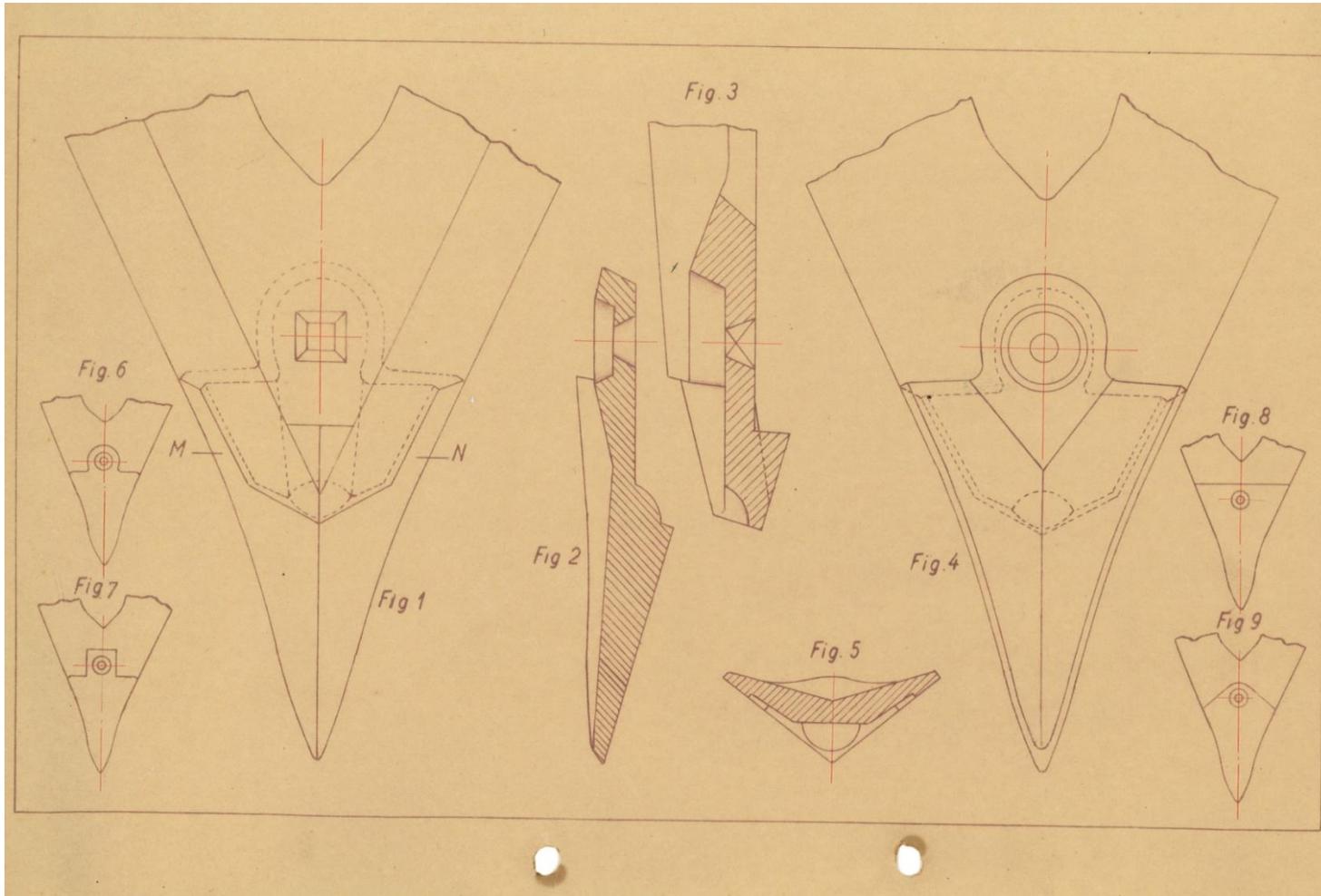


Fig. 151 - Desenhos dos aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis das relhas.

Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

ANEXO XI

Pedido de patente para aperfeiçoamento nas pontas substituíveis de relha

PORTUGAL



MINISTÉRIO DO COMÉRCIO E COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO GERAL DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA



REPARTIÇÃO DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL

N.º *17412*

Pedido de *Patente de invenção*

Em nome de *João Tundade Pirra*

Para *Aperfeiçoamentos nas pontas substituíveis de relhas*

Apresentado em *21* de *Maio* de 192*3*

ENTRADA



21

1933

Prop. Industrial

Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

ANEXO XII

Tabela de preços de charruas em ferro e em madeira de aviega móvel e seus pertences

JOÃO TRINDADE PIRRA

ESTREMOZ

PREÇOS SUJEITOS A RUA SERPA PINTO, 11 E 1 FEVEREIRO
 ALTERAÇÃO SEM AVISO PORTAS DE SANTO ANTONIO (LADO ESQUERDO) DE 1936

FUNDIÇÃO, SERRALHARIA E FORJAS
 MATERIAL AGRICOLA E MECANICO

TABELA DE PREÇOS DE CHARRUAS EM FERRO E EM MADEIRA DE AVIEGA MOVEL E SEUS PERTENCES
 (Os meus preços entendem-se para mercadoria, não embalada, posta sobre vagão em Estremoz)

CHARRUAS DA CLASSE "F.,												
(ARMADAS TOTALMENTE EM FERRO E COM APO DIREITO)												
DESIGNAÇÃO	N.º 1 F	N.º 2 F	N.º 3 F	N.º 4 F	N.º 5 F	N.º 6 F	SB 2 F	N.º 7 F ⁽³⁾	N.º 7 FA	N.º 8 F	N.º 9 F ⁽⁴⁾	N.º 10 F ⁽⁴⁾
(1) Charrua normal	83\$50	93\$00	104\$00	113\$00	122\$50	130\$00	134\$00	149\$50	—	202\$00
» com aiveca comprida . . .	84\$50	94\$50	105\$50	114\$00	124\$00	131\$50	135\$50	151\$50	152\$00	211\$00
(2) » » relha de ponta substituív.	87\$50	96\$50	107\$50	118\$00	127\$00	134\$50	138\$50	154\$00	—	206\$50
(2) » » aiveca comp. e ponta subst.	88\$50	98\$50	109\$00	119\$00	129\$00	136\$00	140\$00	156\$00	156\$50	215\$50
» » rabiça dupla	—	—	—	134\$00	146\$00	153\$00	158\$00	173\$50	—	224\$50
» » » » e aiveca comp.	—	—	—	135\$00	148\$00	154\$50	159\$00	175\$50	176\$00	233\$50
(2) » » » » e bico subst.	—	—	—	137\$50	151\$00	157\$50	162\$50	178\$50	—	229\$00	308\$50	420\$00
(2) » » » » aiv. comp. e bico sb.	—	—	—	138\$50	152\$50	159\$00	163\$50	180\$50	181\$00	238\$00	—	—
.....
.....
(6) Charrua normal com apo curvo . (por encomenda especial)	97\$00	108\$50	117\$50	127\$00	136\$00	139\$50	155\$50

O MATERIAL AGRICOLA QUE RIVALISA COM AS MELHORES MARCAS DO PAIZ
 Sómente as charruas completas são fornecidas pintadas. Sob recomendação posso fornece-las com armas planas e o apo totalmente em ferro sendo assim mais resistentes do que com calços de madeira.

(1) Por charrua «normal» entende-se a charrua provida de rabiça simples, aiveca vulgar, relha vulgar e apo direito.

(2) Os preços d'estas charruas incluem uma chave para as pontas substituíveis.

(3) A mesma que a N.ºs 7 F, mas provida de aiveca comprida e teiró mais alto.

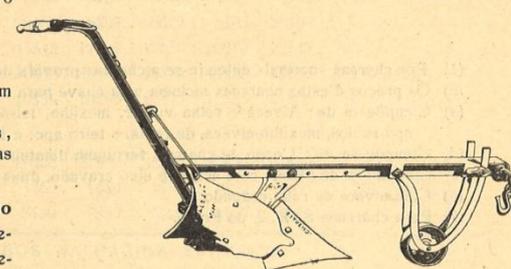
(4) Só se fornecem com rabiça dupla e relha com bico substituível.

(5) Com aiveca de rabo redondo.

(6) Charruas com apo curvo sómente são fornecidas quando assim sejam expressamente requisitadas.

Normalmente as charruas N.º 1, 2 e 3 são providas de rodas tapadas, os N.ºs 4, 5, 6, S B 2, 7 e 10 de rodas abertas; os N.ºs 8 e 9 de rodas semi-tapadas.

NOTA — Ao requisitar-se charruas todas em ferro, bem como teirós e rodas com armas para as mesmas, é indispensavel especificar sempre, além dos respectivos numeros, a letra "F", ou seja a designação generica para as minhas charruas feitas todas em ferro.



TIPO DE CHARRUA COM ARMAS PLANAS

Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

CHARRUAS E CONJUNTOS DE FERRAGEM DA CLASSE "M.,

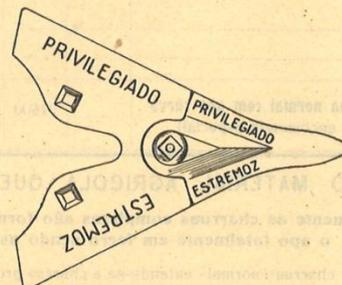
(ARMADAS COM APO E RABIÇA DE MADEIRA)

DESIGNAÇÃO	N.º 1 M	N.º 2 M	N.º 3 M	N.º 4 M	N.º 5 M	N.º 6 M	S B 2	N.º 7 M	N.º 8 M				
(1) Charrua normal	84\$50	93\$50	104\$00	113\$00	122\$50	130\$00	(6) 134\$00	149\$50	202\$00				
» com aiveca comprida	86\$00	94\$50	105\$50	114\$00	124\$00	131\$50	135\$50	151\$50	211\$00				
(2) » » relha de bico substituív.	88\$00	97\$00	107\$50	118\$00	125\$00	134\$50	(6) 138\$50	154\$00	206\$50				
(2) » » aiveca comp. e bico subst.	90\$00	98\$50	109\$00	119\$00	129\$00	136\$00	140\$00	156\$00	215\$50				
» » rabiça dupla	—	—	—	134\$00	146\$00	153\$00	(6) 158\$00	173\$50	224\$50				
» » » » e aiveca comp.	—	—	—	135\$00	148\$00	154\$50	159\$00	175\$50	233\$50				
(2) » » » » e bico subst.	—	—	—	137\$50	151\$00	157\$50	(6) 162\$50	178\$50	229\$00				
(2) » » » » alv. comp. e bico sb.	—	—	—	138\$50	152\$50	159\$00	163\$50	180\$50	238\$00				
(3) Corpo da charrua normal	30\$50	33\$50	43\$50	49\$00	57\$00	59\$50	(6) 61\$50	69\$50	90\$00				
» » » com aiveca comp.	31\$00	37\$50	44\$00	50\$50	59\$00	61\$00	63\$00	72\$50	98\$50				
(4) Ferragem completa	60\$50	68\$00	75\$00	83\$50	91\$00	94\$00	(6) 96\$50	104\$00	139\$00				
(2) » dianteira	21\$00	21\$00	21\$00	24\$00	24\$00	24\$00	24\$00	24\$00	39\$50				

SÓMENTE AS CHARRUAS COMPLETAS SÃO FORNECIDAS PINTADAS



Ponta de relha substituível



Relha com ponta substituível

- (1) Por charrua «normal» entende-se a charrua provida de rabiça simples, aiveca vulgar e relha vulgar.
- (2) Os preços d'estas charruas incluem uma chave para os bicos substituíveis.
- (3) Compõe-se de: Aiveca e relha vulgar, mexilho, teiró com rasto, gancho d'aiveca, gancho de rabiça e necessários parafusos de apo-rabiça, mexilho-aiveca, de relha, e teiró-apo, e braçadeira teiró-apo (esta a partir do N.º 4 sómente).
- (4) Compõe-se de: Corpo de charrua, ferragem dianteira, suporte com cabo de rabiça e chave de porcas.
- (5) Compõe-se de: Roda com armas e eixo cravado, duas bonecas, puxador completo e respectivos parafusos.
- (6) Com aiveca de rabo redondo.
- (7) Para charruas S. B. 2. do Porto.

NOTA — Ao requisitar-se charruas armadas em madeira, bem como ferragens, teirós e rodas com armas para as mesmas, é indispensável especificar sempre, além dos respectivos números, a letra "M", ou seja a designação genérica para as nossas charruas armadas com apo e rabiça de madeira.

PEÇAS DAS CHARRUAS ARMADAS EM FERRO E EM MADEIRA

DESIGNAÇÃO	N.º 1	N.º 2	N.º 3	N.º 4	N.º 5	N.º 6	S B 2	N.º 7	N.º 8	N.º 9	N.º 10
Fundidos											
Aiveca vulgar	9\$35	11\$10	14\$25	15\$15	19\$50	19\$80	(4)	23\$95	34\$25	51\$55	64\$65
» comprida	11\$05	11\$85	14\$30	16\$40	21\$25	21\$30	21\$40	25\$95	43\$10	—	—
Ponta de relha substituível, m/privilegio	1\$20	1\$20	1\$20	1\$20	1\$75	1\$75	1\$75	1\$75	1\$75	3\$50	3\$50
Bico substituível antigo	—	1\$15	1\$15	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	(5)	(5)
Boneca ou castanheta	\$35	\$35	\$45	\$45	\$45	\$60	\$60	\$60	\$60	1\$20	1\$40
Mexilho ou compasso	1\$50	2\$10	2\$30	2\$50	3\$15	3\$50	3\$70	4\$45	5\$70	5\$75	6\$45
Rasto ou sapata	2\$45	2\$65	4\$75	4\$80	5\$55	6\$35	6\$50	6\$70	6\$95	9\$50	11\$00
Relha vulgar	2\$35	2\$95	3\$00	3\$35	3\$80	4\$00	4\$70	5\$25	5\$50	—	—
» reforçada	2\$80	3\$25	3\$30	4\$05	4\$45	4\$85	5\$70	6\$30	6\$05	—	—
» para ponta substituível	2\$70	3\$10	3\$15	3\$35	4\$40	4\$45	5\$40	6\$10	6\$25	9\$45	11\$30
» com	4\$50	4\$90	4\$95	5\$15	6\$80	6\$85	7\$80	8\$50	8\$65	14\$00	15\$85
» » bico substituível, antigo	—	4\$85	4\$90	5\$45	6\$55	6\$60	7\$55	8\$25	8\$40	—	—
Roda aberta ou tapada	3\$10	3\$10	3\$10	3\$85	3\$85	3\$85	3\$85	3\$85	6\$30	6\$30	11\$60
» com armas F	8\$55	8\$55	9\$65	10\$45	10\$45	10\$45	10\$45	10\$45	22\$15	22\$15	29\$15
» » » M	7\$95	7\$95	7\$95	9\$40	9\$40	9\$40	9\$40	9\$40	19\$85	—	—
Teiró ou coluna (apo direito) F	8\$95	10\$35	12\$40	13\$50	14\$55	15\$40	15\$60	17\$15	24\$65	27\$90	40\$40
» » » (» curvo) F	—	11\$45	12\$60	14\$25	14\$75	15\$95	17\$35	17\$70	—	—	—
» c/ rasto (» direito) F	12\$10	13\$70	17\$95	19\$10	20\$90	22\$55	22\$90	24\$65	32\$40	38\$20	52\$20
» » » (» curvo) F	—	14\$80	18\$15	19\$85	21\$10	23\$10	24\$95	25\$20	—	—	—
» ou coluna M	6\$75	9\$20	11\$65	12\$70	14\$20	14\$60	15\$40	16\$85	23\$80	—	—
» com rasto M	9\$90	12\$55	17\$20	18\$30	20\$55	21\$75	22\$70	24\$35	31\$55	—	—
Forjados											
Apo direito F	17\$20	19\$35	21\$60	23\$45	26\$15	28\$85	30\$15	36\$30	52\$15	85\$55	134\$25
Armas (par) F	4\$25	4\$25	5\$50	5\$50	5\$50	5\$50	5\$50	5\$50	13\$80	13\$80	15\$10
» » » M	3\$80	3\$80	3\$80	4\$80	4\$80	4\$80	4\$80	4\$80	11\$60	—	—
Braçadeira teiró apo M	—	—	—	1\$25	1\$25	1\$40	1\$40	1\$40	2\$10	—	—
Chave de porcas de charruas 1/2 x 3/8	2\$10	2\$10	2\$10	2\$10	2\$10	2\$10	2\$10	—	—	—	—
» » » 9/16 x 3/8	—	—	—	—	—	—	—	2\$20	2\$20	2\$20	2\$20
Chave para bicos substituíveis	1\$65	1\$65	1\$65	1\$65	1\$65	1\$65	1\$65	1\$65	1\$65	2\$20	2\$20
Eixo de roda	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$70	\$70	1\$60
Gancho aiveca-mexilho	\$70	\$75	\$80	\$80	\$90	\$95	\$100	\$120	\$120	\$125	\$185
» da rabiça F	\$95	\$95	\$105	\$120	\$120	\$125	\$125	\$130	\$165	\$170	\$245
» » » c/ espiga M	2\$10	2\$10	2\$10	2\$50	2\$50	2\$50	2\$50	2\$60	2\$65	—	—
Olhal do gancho da rabiça F	1\$15	1\$50	1\$55	1\$85	1\$85	1\$85	1\$85	1\$85	1\$85	2\$55	2\$85
Puxador simples F	2\$15	2\$55	2\$65	2\$65	3\$15	3\$30	3\$30	3\$60	5\$80	8\$30	10\$90
» » » M	5\$00	5\$00	5\$00	5\$80	5\$80	5\$80	5\$80	5\$80	7\$90	—	—
(1) » completo F	3\$70	4\$05	4\$55	4\$55	4\$55	5\$25	5\$25	5\$40	9\$00	11\$50	15\$35
(2) » » M	7\$00	7\$00	7\$00	8\$05	8\$05	8\$05	8\$05	8\$05	10\$95	—	—
Rabiça simples completa F	11\$45	12\$80	14\$15	16\$30	16\$45	17\$95	18\$85	20\$10	22\$45	—	—
» dupla F	—	—	—	38\$55	40\$40	40\$80	42\$65	44\$35	45\$00	57\$25	77\$65
(3) Superte do cabo da Rabiça M	10\$55	10\$55	10\$55	10\$55	10\$55	10\$55	10\$55	10\$55	11\$85	—	—
Madeira											
Apo (só madeira) M	20\$50	23\$50	25\$50	27\$50	29\$50	31\$50	33\$50	35\$50	37\$50	—	—
Cabo da rabiça M	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50	1\$50
Rabiça simples M	5\$50	5\$50	5\$50	5\$50	5\$50	5\$50	5\$50	5\$50	5\$50	—	—

VER PREÇOS DOS VARIOS PARAFUSOS NA PAGINA SEGUINTE

(1) compõe-se de: puxador simples, fuzil e tornel com cavilha. (2) compõe-se de: puxador simples, fuzil agulheta e parafuso. (3) compõe-se de: forqueta forjada com espiga, cabo e dois parafusos. (4) de rabo redondo. (5) forjada.

Nota — Todas as peças classificadas de «F» são exclusivamente para as charruas de ferro, e as classificadas de «M» para as charruas armadas em madeira. As peças não classificadas especialmente são comuns a umas e outras charruas.

Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

Continuação

PEÇAS DAS CHARRUAS ARMADAS EM FERRO E EM MADEIRA

DESIGNAÇÃO	N.º 1	N.º 2	N.º 3	N.º 4	N.º 5	N.º 6	S B 2	N.º 7	N.º 8	N.º 9	N.º 10
Parafusos											
Apo-armas	F	\$70	\$70	\$70	\$70	\$70	\$70	\$70	\$70	\$75	\$80
» »	M	\$85	\$90	\$90	\$90	\$90	\$95	\$95	\$95	—	—
Apo-bonecas	F	1\$95	1\$95	1\$95	1\$95	1\$95	1\$95	1\$95	1\$95	2\$00	2\$00
» »	M	2\$05	2\$05	2\$05	2\$05	2\$10	2\$10	2\$10	2\$20	—	—
Apo-rabiça	F	\$60	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65
» »	M	\$85	\$85	\$85	1\$05	1\$05	1\$05	1\$05	1\$10	1\$10	1\$15
Apo-teiró	F	\$90	\$95	\$95	\$95	\$95	\$95	\$95	1\$00	1\$05	1\$10
» »	M	1\$05	1\$10	1\$10	1\$15	1\$15	1\$25	1\$25	2\$05	2\$10	—
Bico-relha		\$60	\$60	\$60	\$60	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	1\$05
Mexilho-aiveca		—	\$70	—	\$70	\$70	\$70	\$70	\$75	\$75	\$80
Puxador-apo	M	\$55	\$55	\$55	\$75	\$75	\$75	\$75	\$80	—	—
Rabiça-dupla	M	—	—	—	1\$10	1\$10	1\$10	1\$10	1\$10	—	—
Rabiça-teiró	F	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$65	\$75	\$75
Rasto-teiró		\$70	\$70	\$80	\$80	\$80	\$80	\$80	\$80	\$80	\$80
Relha-aiveca		\$65	\$65	\$70	\$70	\$70	\$70	\$70	\$70	\$70	\$75

FUNDIDOS DAS CHARRUAS MENOS CORRENTES

DESIGNAÇÃO	N I F	O C P	O R C	E D F	A E D F	M I	N I P	2 C F	V I B	I B	N L T 2
Aiveca vulgar	9\$35	11\$85	11\$50	12\$05	E D F	14\$20	16\$75	16\$75	18\$00	19\$30	23\$30
» comprida	11\$80	—	—	—	—	—	—	18\$30	—	—	—
Bico substituível	—	E D F	E D F	1\$15	E D F	—	—	1\$50	I B	1\$35	2 C F
Boneca ou castanheta	N.º 1	N.º 1	N.º 4								
Mexilho ou compasso	1\$ 5	N I F	2\$20	N.º 3	N.º 3	N I F	3\$85	3\$65	3\$85	3\$75	S B 2
Rasto ou sapata	3\$15	N.º 1	3\$20	3\$45	3\$75	—	—	5\$95	4\$35	V I B	S B 2
Relha vulgar	3\$00	E D F	2\$55	2\$70	E D F	3\$10	5\$10	4\$20	N.º 5	N.º 5	5\$25
» para bico substituível	—	E D F	E D F	3\$65	E D F	—	—	4\$20	I B	4\$55	6\$05
» com bico substituível	—	E D F	E D F	5\$45	E D F	—	—	6\$35	I B	6\$50	8\$05
Roda aberta ou tapada	N.º 1	N.º 1	N.º 4								

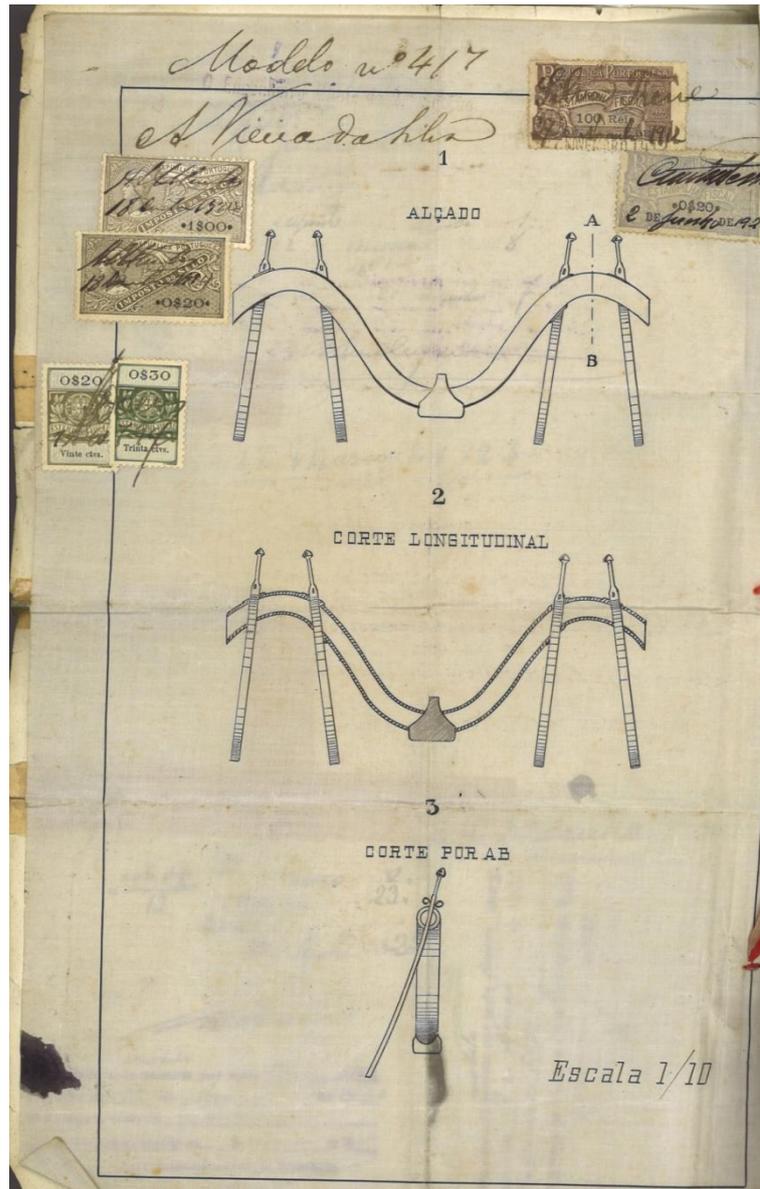
	S B 1	I C P	N 2 P	V O P	2 A P	O G	O H	O T P	E 3 F	E 4 F
Aiveca vulgar	20\$70	22\$05	*20\$95	*24\$80	26\$16	*30\$95	33\$70	34\$50	32\$30	61\$35
» comprida	21\$15	—	22\$45	25\$10	—	—	—	—	—	75\$20
Bico substituível	2 C F	2 C F	2 C F	2 C F	2 C F	2 C F	2 C F	2 C F	2\$15	E 3 F
Boneca ou castanheta	N.º 4	N.º 4	N.º 4	N.º 4	N.º 4	N.º 4	N.º 4	N.º 4	N.º 9	N.º 10
Mexilho ou compasso	4\$45	4\$55	5\$45	5\$25	5\$05	5\$80	6\$35	5\$50	N.º 9	6\$35
Rasto ou sapata	6\$80	4\$85	7\$30	5\$60	N 2 P	9\$95	10\$65	O H	N.º 9	12\$00
Relha vulgar	5\$65	4\$10	5\$55	N.º 8	4\$85	5\$70	6\$30	6\$75	6\$45	7\$85
» para bico substituível	5\$85	5\$55	5\$80	N.º 8	5\$55	5\$55	5\$95	O G	6\$85	8\$05
» com bico substituível	7\$85	6\$55	7\$75	8\$25	7\$55	7\$55	7\$95	O G	10\$05	11\$20
Roda aberta ou tapada	N.º 4	N.º 4	N.º 4	N.º 4	N.º 4	N.º 8	N.º 8	N.º 8	N.º 8	7\$10

(*) aiveca de rabo redondo
 Nota — Todas as aivecas vulgares e compridas não especialmente designadas redondas são do formato rabo de bacalhau.

Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

ANEXO XIII

Desenho de canga em ferro para muares



Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

ANEXO XIV

Transferência do registo de propriedade - Canga em ferro para muares

patente de cangas

PORTUGAL



MINISTÉRIO DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA

DIRECÇÃO GERAL DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA

REPARTIÇÃO DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL

Classe 40 MODELO N.º 417

Pedido de transferencia do registo do modelo
acima

Em nome de JOÃO TRINDADE PIRRA, português, industrial, estabelecido nas Portas de Santo Antonio, Estremoz.

Apresentado em 7 de Setembro de 1964

ENTRADA
1964
OCT 10 1964
Prop. Industrial

20 - 761

Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

ANEXO XV

Título de depósito do modelo de fábrica n.º 417 - Canga em ferro para mueres

PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO 1912

MINISTERIO DO FOMENTO

REPARTIÇÃO DA PROPRIEDADE INDUS

BUREAU OFFICIEL DE MARQUE DÉPOSÉE
FABRIQUE DE LA "P" PORTUGAL
DIRECTEUR: J. T. PIRRA 1908

AFFONSO DE BORNELLAS
JARDIM S DE AVELL N.º 1 - LISBOA
Tele. 24117-1504
Télégr. 24117-1504

0\$50 0\$50

2\$50 PORTUGAL

4452
10017

N.º 1 da classe 45ª

Tendo Manuel Luis Osório, serralheiro, residente em Estremoz

apresentado para depósito no dia 27 de novembro de 1912 um modelo de

CANGA

declarando que tal modelo fora concebido e executado pelo próprio

E estando satisfeitas as formalidades legais, se passou o presente com respeito ao depósito de que se trata, ficando o desenho do modelo ligado a este título como prova do depósito feito durante cinco annos.

Este título was assinado pelo Chefe da Repartição da Propriedade Industrial e pelo Director Geral do Commercio e Industria, e sellado com o sellô branco da mesma Repartição.

Repartição da Propriedade Industrial, em 12 de março de 1913.

O Engenheiro Chefe da Repartição,
Manuel Luis Osório

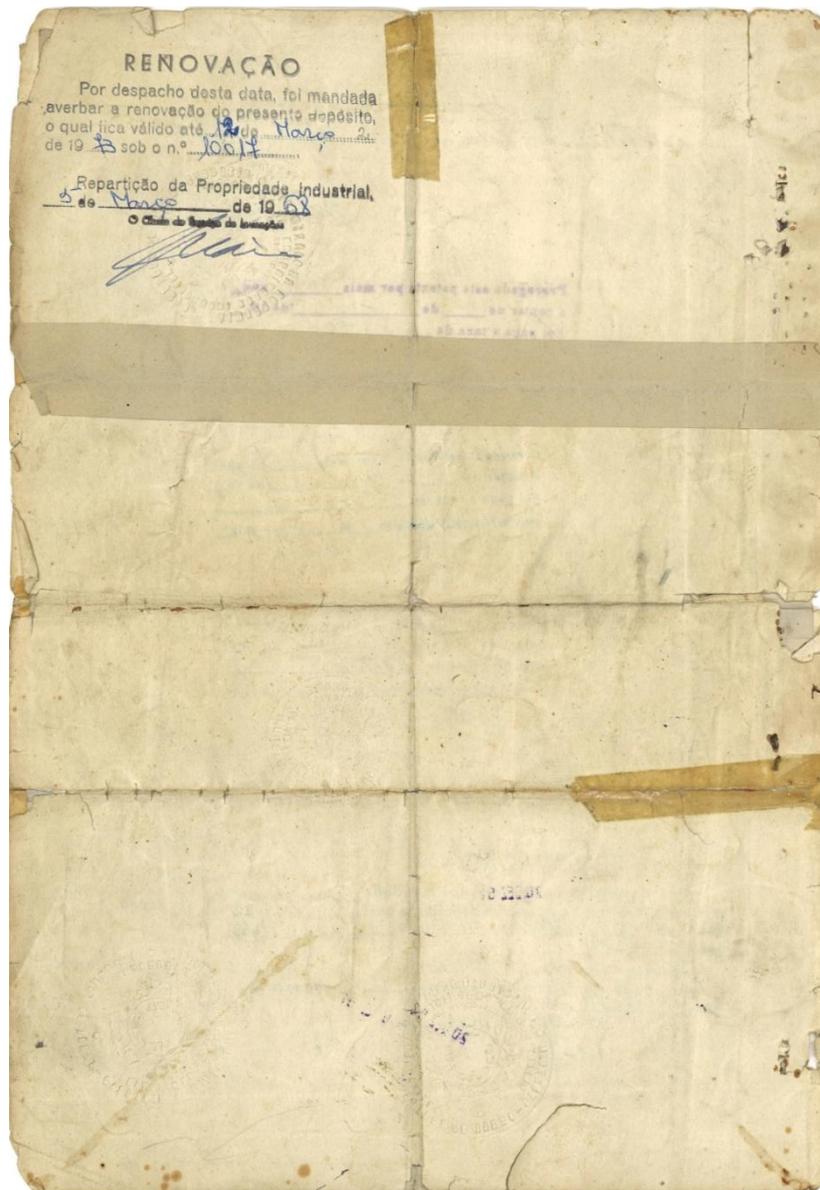
O Director Geral do Commercio e Industria,
M. L. P. Pirra

ACRUAL-1910-1911

Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

ANEXO XVI

Última renovação da patente - Canga em ferro para muares



Fonte: Arquivo da empresa "J. T. Pirra".

FUNDAÇÃO DE ESTREMOZ

João Trindade Pirra, Lda.
ESTREMOZ

MACACA HIDRÁULICA



CARACTERÍSTICAS

ROBUSTEZ — POTÊNCIA — SEGURANÇA
ELEVADO RENDIMENTO

Bomba equipada com válvula de segurança regulável, para descarga automática a uma determinada pressão.

Dispositivo de duas válvulas que permite o recuo rápido do êmbolo, uma vez terminado o curso, accionado da mesma maneira pela bomba e apenas por simples manobra das válvulas.

Força	120 ton.
Curso do êmbolo	150 mm
Diâmetro do êmbolo	90 mm
Altura mínima do êmbolo à base	300 mm
Altura máxima » » » »	510 mm
Altura máxima adicionando um aumento	636 mm
Curso máximo » » »	275 mm
Peso total aproximado	70 Kg.

Fig. 153 - Macaca Hidráulica comercializada pela empresa "Pirra", década oitenta do séc. XX.
Fonte: QUINTAS, Armando. (2015). *Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história*, p.152. In ALVES, Daniel, Coord. *Mármore, património para o Alentejo: contributo para a sua história (1850-1986*. Vila Viçosa: Talentirazão.



Fig. 154 - Grua Derrick de 20 TON comercializada pela empresa “Pirra”, década de oitenta do séc. XX.
Fonte: QUINTAS, Armando. (2015). *Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história*, p.157. In ALVES, Daniel, Coord. *Mármore, património para o Alentejo: contributo para a sua história (1850-1986*, Vila Viçosa: Talentirazão.

ANEXO XVIII

Comparabilidade entre a Reserva Visitável do NMAA e a Reserva Visitável das “Galerias da Vida Rural”

Com o objetivo de fazer uma comparação entre instituições com carácter idêntico em termos de metodologia expositiva, realizámos uma visita ao setor das Reservas Visitáveis do Museu Nacional de Etnologia, em específico às “Galerias da Vida Rural” (fig. 155). Esta visita permitiu-nos identificar um conjunto de semelhanças e diferenças entre as duas instituições e tomar nota de um conjunto de mais-valias que, adotadas à realidade museológica do NMAA poderão valorizar e dinamizar o acervo deste último.



Fig. 155 - Aspeto geral da Exposição das “Galerias da Vida Rural”.

Foto: Ramalho, 2019.

Relativamente às semelhanças identificámos em primeiro lugar o tema, ou seja, em ambas as “Reservas” se visualizam objetos ligados à temática agrícola e à vida rural. No entanto, o que diferencia o acervo de uma e de outra relaciona-se com a abrangência territorial. Isto é, enquanto o NMAA acolhe objetos e peças recolhidas e utilizadas na região de Estremoz e arredores, as “Galerias da Vida Rural” exibem um conjunto de peças e objetos provenientes das várias regiões do Território Continental e Ilhas. Este último aspeto também está diretamente relacionado com abrangência dos Museus em causa. Se, por um lado, o NMAA se insere no Museu Municipal de Estremoz sob tutela da CME, as “Galerias da Vida Rural” inserem-se no Museu Nacional de Etnologia sob alçada da DGPC.

O método expositivo tendo em conta o conceito de “Reserva Visitável” é outra das características que verificamos em ambos os casos, assim como a arrumação dos objetos reunidos por conjuntos, no caso das “Galerias da Vida Rural” e por coleções no caso do NMAA, abrangendo: transportes, alfaias agrícolas, etc.

Outros dos pontos semelhantes relaciona-se com o período aproximado em que decorreu a recolha dos objetos para constituição de ambos os acervos. As peças que constituem o acervo das “Galerias da Vida Rural” foram recolhidas no período que decorreu entre os anos sessenta e os anos setenta do séc. XX enquanto as peças pertencentes ao MAA se recolheram durante a década de oitenta do século passado.

Em relação à arrumação dos objetos identificámos uma opção que poderia ser interessante aplicar à “Reserva Visitável” do NMAA. Além da arrumação por conjuntos, segundo o Dr. Daniel Meira “*o percurso expositivo das galerias foi pensado de forma a organizar os objetos sistematicamente e de acordo com núcleos temáticos*”, o que também seria aplicável ao acervo do NMAA tendo em conta a sua dimensão, variedade e representatividade.

Outros dos aspetos que consideramos úteis e aplicáveis ao Núcleo de Estremoz, que identificámos durante a visita às “Galerias da Vida Rural”, relaciona-se com a utilização de imagens exemplificativas da realidade e quotidiano agrícolas (fig. 156) acompanhadas de legendas (fig. 157 e fig. 158) que facilitam a interpretação dos objetos que se estão a visualizar no momento.

A finalizar, a separação física do espaço, permitindo a separação em duas áreas distintas nas instalações das “Galerias da Vida Rural”, facilitou a arrumação por conjuntos e permitiu ao mesmo tempo a criação de um fio condutor que tem a finalidade de ser absorvido pelo visitante. Não obstante a divisão de que foi alvo, possibilita a circulação entre os dois espaços pois encontramos várias aberturas ao longo da parede, permitindo dessa forma e a

qualquer momento a transição de um espaço para outro. Achamos que esta separação poderia ser uma mais-valia aplicável ao espaço onde se encontra instalado o NMAA (pelas razões acima descritas).

Interessante também o método expositivo encontrado nas “Galerias da Vida Rural” para arrumação e exibição de um conjunto de arados (encontrando-se estes em suspenso), diminuindo-se a ocupação do espaço e facilitando a própria circulação na sala. De igual forma, desperta no visitante curiosidade e admiração face à metodologia de exibição idealizada.

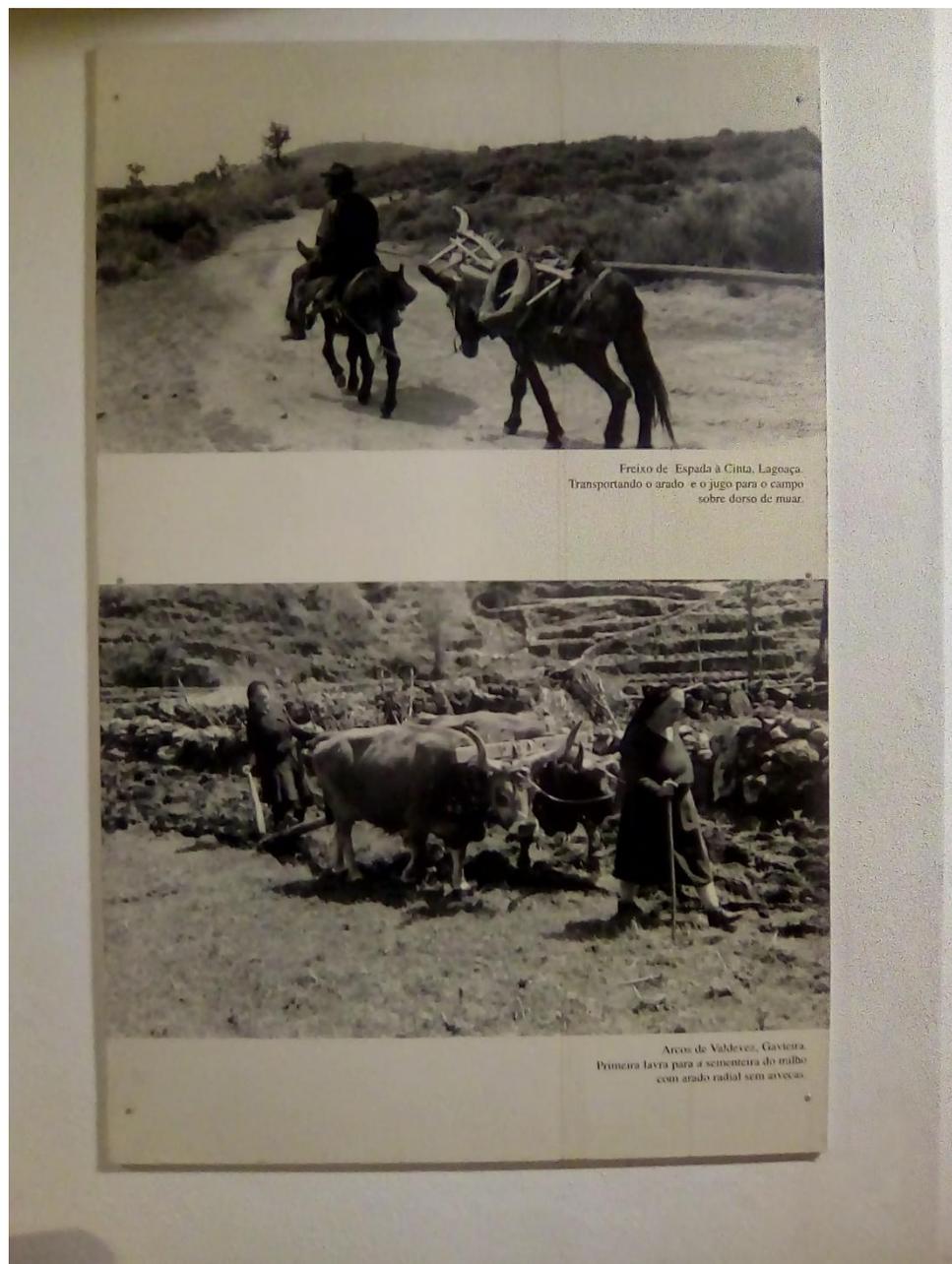


Fig. 156 - Imagens ilustrativas do quotidiano agrícola.

Foto: Ramalho, 2019.

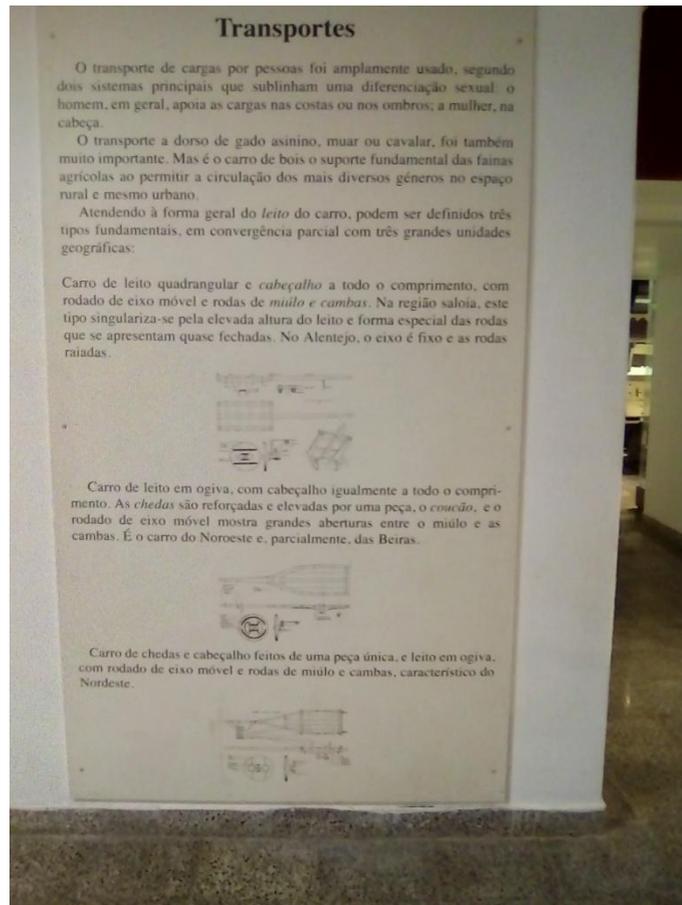


Fig. 157 - Legendas dos objetos em exposição nas “Galerias da Vida Rural”.

Foto: Ramalho, 2019.



Fig. 158 - Sistemas de atrelagem em exibição nas “Galerias da Vida Rural”.

Foto: Ramalho, 2019.

Anexo XIX

Notícia sobre a Exposição

"A (I)MATERIALIDADE DO MUNDO RURAL"

Em Estremoz, "Vamos à acefa"!

"A (I)Materialidade do Mundo Rural, resulta do trabalho de estágio realizado no Museu Municipal de Estremoz para conclusão do ciclo de estudos do Curso de Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural ministrado pela Universidade de Évora", diz-nos Emanuel Ramalho, responsável pela exposição. Valorizar, na totalidade, o património existente no Museu Municipal e, em particular, o acervo do Núcleo Museológico da Alfaia Agrícola é o objectivo da iniciativa.

"Todo o material aqui reunido representa o testemunho de vida de gerações passadas que se traduziram na (i)materialidade que pretendemos dar a conhecer.

Decidimos fazer uma aproximação à comunidade, "levando" o Museu ao encontro do público, motivo pelo



qual decidimos escolher o Posto de Turismo / Casa de Estremoz como local para acolher a exposição. Através

da execução da exposição pretendemos envolver vários serviços afetos ao Município de Estremoz", explica o

responsável.

As peças seleccionadas, desgastadas quer pela força do trabalho quer pela passagem do tempo, representam as diversas etapas do ciclo agrícola de uma lavoura.

Do preparar à desmoita dos terrenos, da adubação à sementeira, da ceifa à debulha e limpeza do cereal (sem esquecer os acarretos pelo meio), existe a preocupação de representar na íntegra a árdua faina agrícola.

As peças de Artesanato e da Barística não são esquecidas, destacando-se pela imaterialidade associada ao "mundo rural". Pela impossibilidade de recrear as profissões de outrora serve, a sua exibição, como testemunho da vida quotidiana de gerações passadas.

A exposição vai estar patente de 31 de outubro a 29 de novembro. **R**

Fonte: Jornal "Brados do Alentejo", 3ª Série, n.º 989, de 5/11/2020.